



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**HELTON BEZERRA MOREIRA**

**PREFIRO NÃO: RETRADUZINDO *BARTLEBY, THE SCRIVENER*, DE HERMAN  
MELVILLE, PARA O PORTUGUÊS SOB ABORDAGEM DA HERMENÊUTICA DA  
TRADUÇÃO**

**FORTALEZA**

**2020**

HELTON BEZERRA MOREIRA

PREFIRO NÃO: RETRADUZINDO *BARTLEBY, THE SCRIVENER*, DE HERMAN  
MELVILLE, PARA O PORTUGUÊS SOB ABORDAGEM DA HERMENÊUTICA DA  
TRADUÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M837p Moreira, Helton Bezerra.

Prefiro não: Retraduzindo Bartleby, The Scrivener, de Herman Melville, para o português sob abordagem da Hermenêutica da Tradução / Helton Bezerra Moreira. – 2020.  
104 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.

1. Estudos da Tradução. 2. Herman Melville. 3. Bartleby. 4. Hermenêutica da Tradução. I. Título.

CDD 418.02

---

HELTON BEZERRA MOREIRA

PREFIRO NÃO: RETRADUZINDO *BARTLEBY, THE SCRIVENER*, DE HERMAN  
MELVILLE, PARA O PORTUGUÊS SOB ABORDAGEM DA HERMENÊUTICA DA  
TRADUÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Aprovada em: 30/09/2020.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Walter Carlos Costa (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andréia Guerini  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

---

Prof. Dr. Michel Emmanuel Félix François  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha vívida filha, Lívia.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo carinho que me forneceu a segurança e autoestima necessárias para o desenvolvimento e pelo incentivo à leitura e escrita. Jamais esquecerei os abraços e os toques da velha máquina de escrever que me atiçaram a curiosidade literária.

À minha amada esposa, Paula, pelo apoio inabalável e pelos esforços imensuráveis para que eu pudesse produzir este trabalho. É uma maravilha ter sua companhia diária e uma dádiva ter seu amor e admiração. Continuo perdidamente apaixonado!

Ao Prof. Dr. Walter Carlos Costa, pelas aulas esclarecedoras e por ter permitido exercer minha autonomia durante sua valiosa orientação. É uma honra tê-lo tido como meu mentor nesse processo de amadurecimento acadêmico.

Aos professores participantes da Banca examinadora, Profa. Dra. Andréia Guerini e Prof. Dr. Michel François, pela prontidão em aceitar nosso convite e pela excepcional capacidade de colaborar com este trabalho com tanta celeridade e precisão. Foram sugestões valiosíssimas.

Ao Kelvis Santiago do Nascimento, secretário do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – UFC, pelo trabalho impecável em prol do programa e pela generosidade na solução dos nossos problemas. Mais que um servidor competente, um companheiro para os alunos da POET.

Ao prof. Bernd Stefanink, pela inestimável introdução à abordagem hermenêutica que me permitiu vislumbrar novos horizontes no processo tradutório e pela paixão com a qual ministrou o curso que me inspirou a sonhar com esta pesquisa. Um grande mentor e amigo.

Aos colegas da turma 2018.1, pelo companheirismo e por terem dividido com humor as mesmas angústias e sucessos.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal apresentar uma nova tradução com comentários para a novela *Bartleby, The Scrivener*, de Herman Melville, a partir das concepções teóricas da hermenêutica da tradução. Com base nas críticas de caráter filosófico e psicanalítico de Ross (2000), Mariotti (2013) e Attell (2013), é possível perceber que o narrador da novela é apresentado por Melville como pouco confiável, diferente do que suas críticas contemporâneas apontavam, e essa desconfiança em relação ao narrador permite novas interpretações para o personagem Bartleby, que, antes considerado um homem estranho, solitário, passivo e com transtornos psicológicos, passa a ser visto como um agente de mudança, de nenhum modo inerte, que atua persistentemente na desconstrução do *status quo* social e político. Aliando essas interpretações à análise de Glouberman (1980), percebe-se que o personagem principal é o narrador, não Bartleby, e todo esse insumo crítico sobre a obra convida à co-escrita ou reescrita da narrativa de Melville para o português que ressalte esses aspectos de ambos personagens – o que não se percebe em outras traduções brasileiras. Para tal, vou utilizar o aporte hermenêutico descrito nos modelos de Stefanink (2017), Cercel, Stolze e Stanley (2015), O’Keeffe (2015) e Steiner (1998), que ressaltam a contínua retradução como forma de contribuir para a subsistência de um texto.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução. Herman Melville. Bartleby. Hermenêutica da Tradução.

## ABSTRACT

This work aims at presenting a new translation with comments to Herman Melville's *Bartleby, The Scrivener* by using the theoretical models found in Translational Hermeneutics. Based on the philosophical and psychoanalytical approaches of Ross (2000), Mariotti (2013) and Attell (2013), it is possible to realize that Melville presents the novel's narrator as unreliable, different from what the criticism by the time the novel was published could tell. That growing lack of trust on the narrator provokes new interpretation scopes for *Bartleby* as well, who was then considered a passive, strange, and lonely man with psychological issues, but now turns into an agent of change, not at all inactive, who acts persistently towards deconstruction of the political and social *status quo*. All that critical array, along with the analysis of Glouberman (1980), converge to show that the main character in the novel is the narrator, not *Bartleby*. Hence, we propose to co-write or rewrite Melville's narrative in Portuguese in order to highlight that shift in both characters' reception, once the other Brazilian translations do not share the same focus. Such translation process takes shape with the support of Translational Hermeneutics as described in Stefanink (2017), Cercel, Stolze and Stanley (2015), O'Keeffe (2015), and Steiner (1998), who propose continual and everlasting retranslation process as a means of contributing to the subsistence of a text.

**Keywords:** Translation Studies. Herman Melville. *Bartleby*. Translational Hermeneutics.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>LEITURA, TRADUÇÃO E RETRADUÇÃO: A PERSPECTIVA HERMENÊUTICA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>As retraduições são mesmo necessárias? .....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>A OBRA E OS PROTAGONISTAS .....</b>	<b>25</b>
<b>3.1</b>	<b>A crítica moderna .....</b>	<b>25</b>
<b>3.2</b>	<b>Análise do personagem narrador .....</b>	<b>28</b>
<b>3.3</b>	<b>Análise de Bartleby .....</b>	<b>37</b>
<b>3.4</b>	<b>A linguagem, a filosofia e a psicanálise em Bartleby .....</b>	<b>39</b>
<b>4</b>	<b>PROPOSTA DE TRADUÇÃO: BARTLEBY, O ESCRITURÁRIO .....</b>	<b>44</b>
<b>5</b>	<b>COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO .....</b>	<b>87</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>100</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>102</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Herman Melville foi um autor norte-americano mais conhecido por seus romances, como o memorável *Moby Dick*, apesar de ter se aventurado também em textos mais curtos, dos quais o escolhido neste trabalho. Infelizmente, apesar do atual prestígio no rol da literatura americana e mundial, Melville não recebeu o devido reconhecimento por seus contemporâneos. A recepção de *Moby Dick*, por exemplo, só não foi pior que a do romance subsequente, *Pierre*, que não chegou a vender 300 cópias na época e que, ao invés de dar lucro, acabou colocando Melville em dívida com sua editora por volta de 1853 – apenas sete anos após seu estrondoso sucesso com *Typee* (MACHOR, 2008). Graças a seu insucesso com os romances, o escritor aproveitou a oportunidade de publicar em periódicos, como na revista *Putnam's Monthly* e na *Harper's New Monthly*, que pagavam uma taxa fixa por página e ofereciam, assim, menos risco econômico. Além disso, essas publicações eram feitas anonimamente, e, com a crescente queda de popularidade que Melville enfrentava, ofereciam assim uma maneira de renovar sua excelência e voltar a vender textos sem precisar enfrentar o preconceito e a resistência à sua autoria que surgiriam devido aos fracassos recentes. Especialistas apontam para a curiosa comparação que a crítica da época fez entre os contos de Melville, notadamente *Bartleby*, *The Scrivener* e *The Bell Tower*, e os de Edgar Allan Poe (MACHOR, 2008, p. 89-90; THOMPSON, 2014, p. 99-100). Se, por um lado, essa comparação não ajudou a melhorar a fama de Melville, pois Poe lograva uma certa fama de viciado em opiáceos e de louco – a sanidade de Melville, inclusive, também foi posta em cheque por conta da má recepção de *Pierre* –, também não a afundou, uma vez que Poe, por outro lado, já contava com uma “notoriedade substancial” desde a publicação de *The Raven*.

Em relação à novela escolhida para este trabalho, argumenta-se bastante que Melville apresenta o narrador como um personagem tão central quanto Bartleby, que dá título à narrativa. A história é contada por este narrador em primeira pessoa, como observador e testemunha envolvida nos fatos ocorridos com Bartleby enquanto este trabalhava para ele num escritório de advocacia. O narrador, um advogado de vida conveniente, se descreve como um homem simples, comum, de aproximadamente sessenta anos e detalha seu ofício como advogado de documentos e serviços advocatícios para homens ricos num escritório em Wall Street, Nova Iorque. Bartleby surge à sua porta para preencher o cargo de um colaborador extra contratado em tempos de muitas cópias de documentos para fazer, que se junta à equipe antes composta por três outros colaboradores, apelidados de Ginger, Turkey e Nippers. Todos são

referenciados por apelidos, exceto Bartleby, que tem o nome explicitado desde o começo. Segundo o narrador, Bartleby era um rapaz esguio, branquelo, esqualido e pálido, mas era muito eficiente em sua função de copista dos documentos e recebeu uma pequena sala arranjada dentro da própria sala do chefe. A novela muda de figura quando Bartleby começa a se negar a realizar algumas funções inerentes a seu ofício, como passar o texto copiado junto com a equipe, fazer a verificação com a equipe em busca de erros nas cópias, copiar novos documentos, e chega ao ponto de não fazer mais nada para simplesmente ficar no escritório, inerte, olhando para o “nada”. O advogado, como seu chefe, passa por várias reações: contrariado, irado, curioso, complacente, aquiescente, resignado. Ao longo da narrativa, ele tenta forçar Bartleby a trabalhar, tenta descobrir os motivos desse comportamento, tenta encontrar familiares ou conhecidos, tenta despedi-lo e até tenta ajudá-lo, porém sem sucesso em todas essas empreitadas. Bartleby entra em um estado contemplativo do qual não emerge e chega a ser deixado lá no escritório quando o advogado muda as dependências de seu escritório para outro endereço como último recurso para se ver livre daquele incômodo escriturário. Bartleby permanece “assombrando” o prédio até que os novos inquilinos da sala comercial conseguem expulsá-lo do prédio apenas com a força da lei e ele acaba preso como indigente, morrendo aparentemente de inanição na cadeia. O narrador, após a morte de Bartleby, julga ter descoberto o motivo de ele ter agido com tanta insensatez e loucura: Bartleby trabalhara no gabinete de correspondências extraviadas dos correios (*Dead Letter Office*) e o narrador atribui esse distúrbio repentino de Bartleby a toda a tristeza e tragédia das cartas que não puderam chegar a seus destinos devidos, e esse distúrbio o teria levado a negar tudo: o trabalho e a vida.

Bem, pelo menos, essa é a história contada por Melville através do ponto de vista de um personagem narrador que não levantou suspeitas no público da época – fato, no mínimo, curioso, porque o uso de narradores pouco confiáveis estava se tornando um recurso literário comum e já era foco em críticas a outros escritores da época. No entanto, essa confiança no advogado narrador de Melville perdurou por muito tempo e manteve a imagem do personagem Bartleby como um eremita pitoresco em meio a uma sociedade normal e saudável. Entretanto, apenas por volta da década de 1960, quando Melville retorna a um papel de destaque na literatura americana, aquela confiança anterior no advogado narrador dá espaço a uma certa desconfiança e surgem muitos trabalhos no sentido de apontar as falhas no discurso e no caráter desse narrador da novela de Melville, acompanhados por trabalhos que revertem aquele caráter de Bartleby. Nessa mesma década, coincidentemente ou não, surge no Brasil o interesse pelas novelas e contos de Melville, até então obscurecidas pelos romances, e as primeiras traduções de *Bartleby, The Scrivener* despontam. Essa, pelo menos, parece ser uma explicação plausível

para o fato de haver um hiato de mais de um século entre a publicação nos EUA e suas primeiras traduções no Brasil; cento e oito anos, para ser mais exato, com a primeira tradução de Therson Santos em 1961.

O título em português mostra uma leve oscilação dentre as versões brasileiras: as traduções variam entre o uso de “escrevente”, “escrivão” e “escriturário”. Tal fato não deve chamar bastante atenção uma vez que se tem, até certa medida, apenas troca entre sinônimos, mas sugere de antemão o ponto de vista ou uma demarcação de cada tradutor ou editor para distinção entre a concorrência, ou, ao menos, uma tentativa de mostrar renovação entre as traduções, além de sugerir também uma possível indefinição na caracterização de uma profissão aparentemente datada após tanto tempo de demora para sua “chegada” ao Brasil. O que chama um pouco mais de atenção, na verdade, é o fato de a obra ter recebido seis traduções num intervalo de apenas meio século – e voltaremos a elas mais adiante.

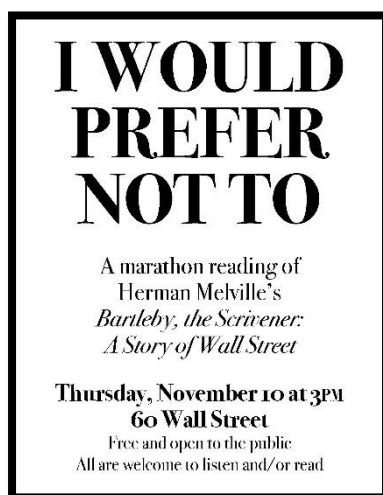
Explicar as razões para isso exigiria pesquisa do mercado editorial nacional, o que não se revelaria frutífero para a discussão do presente trabalho por desviar da proposta. O foco aqui é, sobretudo, propor uma nova tradução – e não analisar as traduções já existentes. Ainda assim, é uma observação que demanda atenção, uma vez que poderia ir de encontro a esse propósito. Para quê mais uma tradução, afinal, se já há seis outras traduções correntes no português brasileiro? A resposta será apresentada pela Hermenêutica da Tradução no próximo capítulo. Por ora, nos serve cogitar se tantas retraduições assinadas por tradutores praticamente contemporâneos não se deva a uma necessidade de cada tradutor ou da respectiva editora se destacar diante de um mercado consumidor cheio de outras opções para seus produtos? Ou se trataria apenas de uma análise de oportunidade entre as editoras concorrentes, na tentativa de oferecer o mesmo produto, mas com roupagem diversificada? Afinal de contas, não é comum ver livrarias (ou quaisquer tipos de empreendimentos comerciais que lidem com venda direta ao cliente) concorrentes numa mesma rua ou no mesmo pátio de um shopping? Ou, ainda, esse *boom* de retraduições denotaria, do ponto de vista financeiro, uma maneira mais barata de burlar os custos com direitos autorais e manter a concorrência entre editoras?

Esta última indagação, inclusive, parece bastante plausível para Wardle (2019), que fez uma pesquisa sobre retraduições e como os leitores as escolhem e concluiu que retraduições de uma mesma obra para uma mesma língua alvo não são necessariamente separadas por longos períodos de tempo. Pelo contrário, segundo a autora, com a disponibilidade de textos digitais e o grande desenvolvimento de plataformas online para venda de e-books, como o Google Books e a Amazon, para citar alguns, a oferta quase simultânea de retraduições é mais uma ferramenta para fornecer escolhas ao cliente, como ocorre com a concorrência comercial

presente em qualquer setor da economia. Seja como for, o fato é que as traduções de *Bartleby, The Scrivener* foram publicadas no Brasil na última década – foram quatro reedições e duas novas traduções entre 2011 e 2017 – e isso pode ter sido impulsionado por acontecimentos relativamente contemporâneos nos EUA.

Leitores norte-americanos, especialmente os mais jovens, reavivaram o foco na novela do escrivão, mesmo que indiretamente, durante o movimento “Ocupa Wall Street” em 2011, que iniciou como uma reação da população jovem contra o 1% de ricos que concentravam mais de 20 vezes a receita anual dos 99% restantes dos estadunidenses. Tal constatação refletia o crescente incômodo das massas com a pobreza. Dentre outras coisas, os mandos e desmandos atribuídos a executivos de Wall Street na criação e fechamento de escolas proporcionou o rápido alastramento do movimento nos ambientes escolares e nas universidades, sob acusação dos protestantes que as escolas estavam sendo tratadas como se fossem “lojas num shopping” (GREENBERG, 2012), sendo abertas ou fechadas à medida que dessem lucro ou prejuízo. A “resistência passiva” atribuída ao personagem Bartleby propiciou ao movimento cartazes em passeatas com alusões à sua famosa frase “prefiro não”, e leituras coletivas da novela de Melville se realizavam em parques de Nova Iorque (KLEIN, 2011). As Figuras 1 e 2, a seguir, demonstram como Bartleby se tornou símbolo de resistência e serviu como uma das representações para esse movimento.

Figura 1 – Exemplo de chamada para uma maratona de leitura e discussão da novela.



Fonte: <https://peopleslibrary.files.wordpress.com/2011/11/bartleby.jpg>.

Figura 2 – Exemplo de cartaz convocando para as passeatas.



Fonte: <http://www.cognitivedissident.org/images/20120501-iwouldprefernotto.jpg>.

Quanto ao gênero da obra, não parece haver decisão, ou pelo menos não há clara preocupação na literatura consultada com sua classificação. Os autores flutuam entre os termos *short story* (THOMPSON, 2014; ROLLYSON, 2007; ATTELL, 2013; ROSS, 200), *tale* (MACHOR, 2008), *short novel* (MCCALL, 2002), *short fiction* (ROLLYSON, 2007; MACHOR, 2008), e *magazine fiction* (THOMPSON, 2014). Mesmo tendo a maioria utilizado o gênero *short story*, não classifico neste trabalho a obra como conto – que seria a tradução corrente para o termo. Para Benedetti (1968, p. 7), contos lançam mão da “surpresa”, do “assombro”, da “revelação”, pois atuam sobre o leitor “com o estupor”. Esse não parece ser o caso para a narrativa de Melville em questão. Benedetti argumenta que o gênero *nouvelle*, por outro lado, trabalha “mediante uma conveniente preparação do leitor”, que resulta em uma “excitação progressiva da curiosidade ou sensibilidade do leitor”. É assim que ele classifica *Bartleby*, *The Scrivener*, citado dentre seus modelos de novela (*nouvelle*), distinguindo-a sob vários critérios – além da simples contagem de palavras ou páginas – do conto (*cuento*) e do romance (*novela*).

É importante ressaltar que a novela de Melville foi primeiramente publicada na revista *Putnam's Monthly* em 1853 com título e subtítulo: *Bartleby, The Scrivener – A Story of Wall-street*. Em 1856, quando publicada no livro *The Piazza Tales*, a obra sofreu leves alterações nesse título e num ponto ao final da história. É controverso se Melville deliberadamente promoveu tais alterações, principalmente a do título (MCCALL, 2002, p. 3), mas sabemos que ele não publicou nada contestando esse ponto. O fato é que o novo título acabou ficando apenas *Bartleby*. Mas essa não foi a única alteração, pois o agente penitenciário responsável por servir

a comida na prisão ao final da narrativa, o chamado “serve-rango”, como se apresenta ao advogado narrador, possuía nome (*Mr. Cutlets*) e esposa na primeira versão. O personagem se manteve na segunda versão, mas ficou sem nome e sem menção a uma esposa. São alterações discutivelmente leves (MCCALL, 2002, p. 3), mas decidimos traduzir neste trabalho a segunda versão, publicada em *The Piazza Tales*, por ter sido a última na qual Melville pôs as mãos, apesar de termos mantido o título completo como apresentado na primeira versão. Acreditamos que manter esse subtítulo, mesmo diante da já consagrada situação da novela, favorece na construção do cenário, que é fundamental para a narrativa.

As traduções consultadas também tomaram a mesma liberdade de não acompanharem à risca tais alterações. As traduções da editora Rocco, “Bartleby, O Escriturário”, de Luís de Lima (1986), e da editora Ubu, “Bartleby, o Escrivão”, por Irene Hirsch (2006), mantiveram a versão do texto original, com o personagem *Cutlets* (traduzido em ambos por Costeleta, através de nota dos tradutores) e sua esposa, mas cortaram o subtítulo. A versão da editora José Olympio, traduzida por A. B. Pinheiro de Lemos (1982), “Bartleby, o Escrivão”, também teve o subtítulo cortado, mas preferiu a segunda versão do texto, que não nomeia o agente penitenciário que serve os “rangos” nem menciona uma esposa para ele. A editora Grua Livros, com a tradução de Bruno Gambarotto intitulada “Bartleby, O Escrevente” (2014), também se apresentou sem o subtítulo, mas escolheu a primeira versão do texto, com o “Sr. Cutlets” e sua esposa ao final da narrativa. Por fim, tanto a editora L&PM, com a tradução de Cássia Zanon (2003), como a editora Autêntica, com a tradução de Tomaz Tadeu (2015), também seguiram a primeira versão do texto, mas mantiveram o subtítulo completo: “Uma história de Wall Street”, com uma leve variação entre “escriturário” e “escrevente”, respectivamente.

É digno de nota que a tradução de Cássia Zanon foi relançada em 2011 e a de Luís de Lima foi republicada em 2012, enquanto as de Irene Hirsch e A. B. Pinheiro de Lemos receberam nova edição em 2017. Somadas, são seis traduções para a novela de Melville (re)lançadas na mesma década, e compõem as traduções consultadas neste trabalho para demonstrações pontuais no último capítulo. Ficaram de fora apenas as primeiras três traduções brasileiras: a de Therson Santos com a Editora Caravela (1961), a de Marcio Cotrim, pela Editora Lidador (1967), e a de Olivia Krähenbül, pela Editora Cultrix (1969).

Tendo agora ambientado a novela, o autor e as traduções, discutirei a metodologia utilizada para justificar a retradução em questão e para servir de modelo nesse processo tradutório. Logo depois, apresentarei as posições críticas escolhidas para justificar as escolhas na tradução, que será, por sua vez, apresentada logo em seguida. Por fim, apresentarei breves

comentários sobre o resultado da tradução, assim como as considerações finais sobre o processo.



## 2 LEITURA, TRADUÇÃO E RETRADUÇÃO: A PERSPECTIVA HERMENÊUTICA

A hermenêutica como disciplina textual já tem séculos de existência, desde Johann Conrad Dannhauer, por volta de 1630, mas, como princípio norteador para a tradução, seu início é um pouco mais recente, a partir do famoso tratado de Friedrich Schleiermacher<sup>1</sup> no século XIX. Entretanto, a sua definição detalhada e seus processos ainda estão sob discussão até hoje. Este é um dos fatores que a mantém refém de críticas ferrenhas de muitos linguistas – assumidamente ou não – que apontam sua suposta falta de cientificidade como um problema estrutural que não sustenta uma teoria de tradução hermenêutica. Parece mais fácil concordar que a hermenêutica se deu melhor na filosofia que na linguística, embora a filosofia da linguagem promova um diálogo tanto com a linguística quanto com a tradução. Não obstante toda essa disputa sobre o caráter científico da Hermenêutica da Tradução (HT), o fato é que muitos tradutores e estudiosos da tradução a defendem e trabalham sua estruturação. Berndt Stefanink é um desses combatentes, ministrando cursos, palestras, dentre outras empreitadas em busca de novos adeptos e de mais reconhecimento da HT como metodologia válida dentro dos Estudos da Tradução. Stefanink tem publicado artigos e capítulos de livros acerca do tema e comprovado que há processos cognitivos contidos nas noções da HT – o que deveria ser bastante para conferir a ela o status de ciência. Ainda assim, Stefanink nunca escondeu que a hermenêutica, tanto no âmbito da tradução quanto no da filosofia, sofre com sua suposta falta de objetividade:

O problema fundamental da hermenêutica filosófica e também da tradutória é sua legitimação em relação a critérios “objetivos” do modo como estamos familiarizados nas ciências naturais. Então a história da hermenêutica pode ser vista como uma luta por reconhecimento enquanto ciência ou como uma rejeição desses esforços, ao invés, considerando-a uma arte. (STEFANINK; BALACESCU, 2017, p.35, grifo do autor, tradução nossa, como as outras nesta dissertação, salvo menção do tradutor)<sup>2</sup>

A validade científica implica o desenvolvimento de uma metodologia que seja aplicável universalmente. O problema jaz na própria origem da HT, baseada em Schleiermacher, que não apresentou processos a serem replicados por outros tradutores, o que seria indicador do tão requisitado caráter objetivo científico para a metodologia hermenêutica. Segundo Stefanink e Balacescu (2017), o mérito de Schleiermacher foi exatamente estender o ato interpretativo para o todo do texto, fazendo dessa percepção uma discussão relevante para a teoria da tradução. Os

<sup>1</sup> Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens (“Sobre os diferentes métodos de tradução”), ensaio apresentado em 1813 na Königliche Akademie der Wissenschaften.

<sup>2</sup> The fundamental problem in philosophical as well as in translational hermeneutics is its legitimation with regard to “objective” criteria as we are familiarized with in natural sciences. So the history of hermeneutics can be seen as a fight for recognition as a science or as rejecting these efforts, and seeing it rather as an art.

Estudos da Tradução, ao longo de sua evolução como campo de estudos, já percorreram um caminho de estruturação e análise da tradução de partes mínimas do texto, como morfema e unidades de tradução, mas caminhando para um escopo mais abrangente, como sintaxe, discurso, sistema literário de recepção, até chegar a uma visão mais macroscópica de tradução, uma visão que abre mão de se apegar apenas a detalhes mínimos, estruturais, isolados, para trabalhar em busca de um olhar holístico da obra traduzida. A confluência entre esse movimento histórico do fazer tradutório e o aprimoramento da HT clama por sistematização.

Já há um movimento claro para desenhar essa sistematização desde o século passado, com o movimento hermenêutico detalhado e exemplificado por Steiner (1998), mas ela se apresenta bem servida também de apoiadores mais recentes. Para fundamentar a HT, existe hoje uma gama de estudiosos e teóricos em universidades alemãs e francesas, dentre outras ao redor do globo, que recebem bastante destaque. Logram sucesso nesse quesito, além de George Steiner, Larissa Cercel, Radegundis Stolze, Berndt Stefanink, Brian O’Keeffe, John Stanley e outros hermeneutas que conseguiram conferir bastante objetividade à HT. Cercel, Stolze e Stanley (2015) sublinham a importância de não reduzir a abordagem hermenêutica a uma análise sintática. Isso significa que os hermeneutas admitem os aspectos textuais na prática tradutória, afirmando que a tradução pode “utilizar o contexto, o campo discursivo, as palavras-chave, a modalidade do texto”, lançando mão também de outros aspectos como o “meio, a estilística, a coerência e a função textual na cultura alvo” (STOLZE, 2003, p. 244). Nesse sentido, Stefanink (2017) chama atenção para tudo aquilo que “apela para seus sentidos”, pois traduzir, para ele, também é levar em conta esse todo textual, capaz de causar no leitor estrangeiro o mesmo impacto produzido no leitor nativo – e isso só pode ser realizado com esse olhar holístico.

O que os hermeneutas buscam não é exatamente um “paradigma metodológico unificado” capaz de delinear uma disciplina tradutória final; mais que determinar um caminho preciso a ser seguido, eles têm a intenção de “questionar como um certo comportamento tradutório pode ser motivado” (CERCEL; STOLZE; STANLEY, 2015, p. 28), abrindo caminho para HT na práxis do tradutor. Para seguir este caminho, o presente trabalho assume essa atitude da pesquisa em HT como primeiro passo: toda pesquisa deve adotar uma abordagem dinâmica a fim de superar as dicotomias extremistas que volta e meia tomam conta dos estudos da tradução, como, por exemplo, texto fonte *versus* texto alvo, traduzibilidade *versus* intraduzibilidade, escrita *versus* oralidade, tradução literal *versus* tradução livre, forma *versus* conteúdo, estrangeiro *versus* vernáculo, estático *versus* dinâmico, unidade de tradução *versus* todo do texto, explicitação *versus* implicação, ênfase *versus* simplificação etc.

O segundo passo adotado se baseia na noção de círculo hermenêutico explicado por O’Keeffe (2015) em sua síntese de Gadamer e análise da HT, que se apresenta como peça fundamental na conclusão de uma tradução e como fator *sine qua non* para se entender a possibilidade e necessidade de uma retradução. Essa reflexão sobre a compreensão textual depender da compreensão de suas partes e vice-versa, e sobre a própria presunção de uma possibilidade de compreensão mesmo antes da leitura se demonstra chave para o processo tradutório exposto nesta dissertação, que converge também para os quatro movimentos propostos por Steiner, que serão expostos mais adiante.

Antes disso, porém, faz-se necessário elucidar o papel da fenomenologia nos estudos da tradução, esclarecida por Cercel, Stolze e Stanley (2015). Essa fenomenologia está baseada no pensamento de Husserl, segundo o qual a fenomenologia acessa as “coisas” não como “objetos independentes”, mas no modo como são apresentadas à consciência. Para explicar isso, os referidos autores esclarecem que, ao se adentrar nos Estudos da Tradução, lida-se com linguagem, sentido e mediação transcultural, “fenômenos cuja própria existência é altamente dependente de interpretação, mediante a qual a existência dos objetos estudados nas ciências empíricas é, em comparação, bastante independente de interpretação – de onde o termo ‘objetivo’ é derivado” (CERCEL; STOLZE; STANLEY, 2015, p. 36).

Obviamente, tal caráter subjetivo da tradução significaria ausência completa de objetividade, e este trabalho não apoia uma intenção de romper com parâmetros científicos. Pelo contrário, é exatamente por vislumbrar com facilidade aquele fracasso que este trabalho se propõe a respeitar o caráter interpretativo da tradução, adotando o paradigma hermenêutico, que converge para essa visão holística e subjetiva da tradução. Sob esse ponto de vista fenomenológico, traduzir a novela de Melville não se trata apenas de acessar o objeto em si, que seria o texto, mas sim acessar o que esse objeto representa na interpretação dos sujeitos. Acessar o que esse texto se tornou ao longo das leituras, críticas e traduções que provocou.

Para detalhar mais essa visão hermenêutica da tradução aqui adotada, o trabalho de O’Keeffe (2015) se mantém crucial. Em seu “Prólogo para uma Abordagem Hermenêutica da Tradução”, ele explica que uma tradução bem-sucedida seria aquela que veiculasse o significado total do texto. De fato, essa tradução completa parece ser o que leigos comumente esperam de uma tradução. Afinal, fora do âmbito da tradução e da linguística, poucos de fato questionam escrituras sagradas, por exemplo, pensando que elas foram escritas no seu vernáculo. Sob tal ponto de vista, a tradução seria ideal quando conseguisse transferir completamente o conteúdo do texto entre as línguas. Para O’Keeffe, este seria o foco do tradutor a todo momento: buscar essa tradução completa, ideal. Dessa forma, a tradução pode

ser comparável à própria hermenêutica, pois esta visa “compreender um texto como uma interação constante entre a apreensão do sentido total do texto e a devida atenção a cada parte constituinte” desse sentido (O’KEEFFE, 2015, p. 146). Aqui o autor delinea a já mencionada noção do círculo hermenêutico, que vem a ser essa dinâmica entre a interpretação do texto como um todo a partir de suas partes e de suas partes a partir do todo. Porém, simplificado dessa forma, não é possível visualizar uma dinâmica na noção de círculo hermenêutico. A dinamicidade surge apenas quando se admite que jamais será possível entender um texto por completo. O autor afirma que o entendimento de um texto é relativo, nunca completo, uma vez que a revisitação pode sempre adicionar significado à compreensão anterior, criando, assim, um novo “sentido completo”, o qual, por sua vez, concebe a possibilidade de adição futura, o que presume – e atesta – sua incompletude. Inicia-se aqui a rotação do círculo hermenêutico – mas não é só. O círculo gira porque a compreensão de um texto se apresenta ao leitor, auxiliando-o na tradução de suas partes que, por sua vez, o levam a traduzir o sentido total do texto, que acaba se alterando com essa análise de suas partes, criando um novo sentido total do texto que precisa ser traduzido parte a parte, que constituem um todo, por sua vez, que se altera mais uma vez, e assim sucessivamente. Este processo é comumente observável na leitura quando se revisita um texto já lido e acaba-se descobrindo – ou atribuindo? – mais sentido que na primeira leitura. O significado sempre se expande, assumindo haver essa incompletude inerente a todo texto. Tal qual na leitura deve ocorrer na tradução, já que aquela precede esta, e todo processo de tradução perdura, assim, como se não chegasse ao fim.

O círculo hermenêutico, visto dessa forma, é o que finalmente explica o tradutor realizar seu ofício envolto nessa recorrente sensação de nunca chegar ao trabalho perfeito – na etimologia mais primitiva do termo *perfeito*, que se aproxima do *concluso*, finalizado por completo. Para O’Keeffe, este é o inevitável fracasso do tradutor e é um “impasse frustrante” exatamente por ser necessário e intrínseco ao ofício. É como se o tradutor, para ele, traçasse sempre um caminho a seguir durante o processo tradutório, sendo que a hermenêutica ensina que aquele é, na verdade, apenas um “pré-caminho”, pois não passa de um traçado que ainda não foi percorrido de fato, mesmo que previsto com certa credibilidade, e fatalmente está sujeito a sofrer alterações durante seu percurso. Daí o autor afirmar que “o tradutor nunca se encontra em uma estrada que necessariamente tem um fim” (O’KEEFFE, 2015, p. 168).

Apesar desse impasse, não se está afirmando aqui que o tradutor esteja perdido ao longo do processo nem que ele não tenha domínio do sentido do texto. Ao contrário, O’Keeffe confirma o que Gadamer postulou sobre o tradutor acessar o sentido do texto anteriormente ao

seu processo tradutório, como se “agarrasse” com suas mãos o sentido do texto. Para O’Keeffe (2015, p. 158):

o tradutor agarra aquele significado [...], mas simultaneamente antecipa uma estranheza que rechaça o que ele previamente agarrou, de modo que a eventualidade do “ainda não” (você ainda não começou a traduzir) pode abrir espaço para o esforço de entender e traduzir.<sup>3</sup>

Compreende-se melhor aqui aquela frustração mencionada previamente, e o tradutor, que no início do processo tradutório se encontrava “agarrado” a um sentido previamente estabelecido por ele mesmo, sentido que ele vislumbra transportar por completo e com sucesso para outra língua, percebe que esse sentido pré-visualizado e “agarrado” se revela nada mais que um preconceito – na etimologia mais primitiva do termo: um conceito previamente estabelecido. Esse preconceito é “bom”, no entanto, pois inicia as engrenagens do processo tradutório, ao mesmo tempo em que ele é justamente o que leva o tradutor ao inescapável momento de encarar a fatídica realidade: a completude ou a perfeição do ato tradutório é irrealizável. O’Keeffe entende aqui que precisamente por conta disso é que o tradutor precisa de bastante “coragem hermenêutica” para seguir seu ofício (O’KEEFFE, 2015, p. 169).

Feitas todas as considerações, O’Keeffe adiciona que a tradução sob uma abordagem hermenêutica contribui de várias formas para o resultado de uma tradução. A mais proeminente delas, segundo o autor, é o apoio a um caráter estrangeiro na obra traduzida, pois esse caráter estrangeiro no texto traduzido pode “provocar tentativas recorrentes de tradução” no futuro, mantendo dessa forma o círculo hermenêutico girando e, por conta disso, enriquecendo a recepção daquela obra na cultura estrangeira, além de visibilizar a tradução, o tradutor e a própria reflexão sobre o processo tradutório. Uma tradução sem caráter estrangeiro, pelo contrário, não oferece tais vantagens. É inevitável, neste momento, não relacionar essa visão hermenêutica moderna com a inicial de Schleiermacher, que defendia provocar o mesmo estranhamento do estrangeiro no leitor, apesar das motivações para tal terem sido levemente diversas em sua época, como o citado enriquecimento da língua vernácula através do movimento tradutório. Curiosamente, MacCannell chega a uma conclusão correlata sobre a tradução, apesar de não estar comentando sobre tradução nem fazer parte da corrente hermenêutica: “Um código uma vez visto como arbitrário é um código apto a ser modificado, como uma língua experienciada como estranha por ser refletida em uma tradução estrangeira” (MACCANNELL, 2014, p.126). Segundo essa interpretação, uma tradução que transparece o estrangeiro é o passo fundamental para a percepção desse código como arbitrário e, por

---

<sup>3</sup> The translator grasps that meaning, in other words, but simultaneously anticipates a foreignness that defers that foregrasping, so that the eventuality of the ‘not yet’ (you have not yet begun to translate) can open up a space for the effort *to* understand and translate (grifo do original).

consequente, convida a modificação; enquanto o oposto, a saber, o apagamento do estrangeiro através de uma naturalização das suas características, não transparece sua arbitrariedade e, portanto, não proporciona essa alteração, reduzindo as possibilidades de retradução para aquele texto. Para citar um exemplo crucial disso na obra aqui traduzida e comentada, dentro da linguagem do personagem Bartleby, no próprio texto em inglês, há uma espécie de fórmula ou mantra repetido pelo personagem ao longo da história, o já mencionado “I prefer not to”, que foi analisado como incompleto, impreciso ou com um “status linguístico desconfortável” (ATTELL, 2013). Portanto, segundo críticos, essa fórmula causa justamente o efeito de uma língua estrangeira traduzida sem naturalização, sem apagamento do estranho. Esse aparente desconforto ou estranhamento causa uma inquietação que propicia revisitação em busca de compreensão e acarreta tentativas de “conserto”. Fica demonstrado, então, que não apenas O’Keeffe, mas outros estudiosos e críticos, hermeneutas ou não, vislumbram benefícios de traduzir provocando estranhamento no leitor ao expor características da língua estrangeira. Esse é mais um ponto que a tradução proposta mais adiante deverá buscar.

Compreende-se também das postulações de O’Keeffe que a tradição é um outro aspecto circular para a HT, uma vez que “se um texto realmente pertence a um dado momento no tempo e espaço de um dado contexto cultural, (...) ele também pertence à tradição produzida pelas sucessivas incursões dos próprios interpretadores” (O’KEEFFE, 2015, p. 155), provocadas pelo girar do círculo hermenêutico. Finalmente, de todas as considerações, a contribuição mais importante da hermenêutica para a tradução parece ser o apoio que ela fornece ao tradutor. Ora, se a “hermenêutica admite o prospecto de uma compreensão incompleta dos objetos que ela se propõe a compreender” (O’KEEFFE, 2015, p. 169), aquele que a adotar como método tradutório estará se dispondo à falha parcial, que nada mais é, na verdade, do que uma atitude razoável face ao caráter estrangeiro de um texto. Essa “insígnia de coragem da hermenêutica”, como O’Keeffe chama, previne o medo do caráter estrangeiro de um texto ao mesmo tempo em que assume que tal texto inegavelmente contém sentido. Esse posicionamento paradoxalmente conforta ao garantir que “uma vez iniciado o círculo hermenêutico”, “o texto não se revelará incompreensível”. Assim, o tradutor ou interpretador hermenêutico não se posiciona diante de tal trabalho estupefato, traumaticamente chocado nem puramente indiferente. Em suma, esta é a contribuição final da hermenêutica para o tradutor: oferecer um suporte metodológico que encoraja o tradutor e pressupõe que os textos estrangeiros possuem sentido acessível a ele e que se tornarão familiares quando forem traduzidos. O’Keeffe afirma ter retirado seus apontamentos da hermenêutica de Gadamer e define esta contribuição final como sendo a “aposta preliminar de Gadamer no sentido ou a premissa [...] de sua hermenêutica

da tradução” (O’KEEFFE, 2015, p. 170), e este trabalho toma essa aposta como uma garantia de método bem-sucedido na contribuição para o enriquecimento da obra estrangeira em questão na cultura nacional.

## 2.1 As retraduições são mesmo necessárias?

O texto, considerando apenas sua fisicalidade e desconsiderando o mundo digital/virtual, é um objeto estático no mundo físico, que pode ser acessado por pessoas distintas ao longo de épocas diversas sem que sofra alterações em suas linhas e formas. Em contraposição, a atuação do homem sobre sua produção textual e, em especial, sobre sua reprodução não pareça ser tão estática. O simples ato de ler já põe em cheque essa aparente estase. A dinâmica de leitura e interpretação textual modifica seu entendimento e faz com que aquele mesmo objeto do mundo físico, o texto, se torne mais – ou menos. Com a relativização do completo entendimento de um texto apresentada por O’Keeffe (2015), a revisitação pode sempre adicionar significado à compreensão, criando um novo *todo*, um novo texto, o qual, por sua vez, concebe adição futura, assumindo, assim, estar sempre incompleto. A tradução desse texto, por sua vez, altera seu palco e sua audiência, transformando seu caráter, sua função, seu poder, sua intenção. Afinal, traduzir é, antes de tudo, interpretar. É um ato de interpretação do sujeito tradutor que norteia sua atividade tradutória e o conduz em certa medida à produção de um novo texto em uma outra língua.

Todo esse processo de ler, interpretar, traduzir, ler a tradução, interpretar a tradução etc. sugere um infundável ir e vir que não apresenta – nem busca apresentar – um fim para a compreensão de um texto. Desta maneira, não se pode afirmar que há uma verdade objetiva nos textos, que está acessível àqueles que o lerem e que é igual para todos que a acessarem. Muito pelo contrário, como já afirmou O’Keeffe anteriormente, a compreensão completa de um texto é possível relativamente, pois o que seria a verdade do texto para o autor não passa de uma projeção de um leitor, que se confirma ou se desfaz na compreensão de outro leitor, especialmente quando o texto atravessa gerações ou quando estes leitores estão separados por conjecturas sociais e históricas distintas, e ainda mais quando separados por línguas distintas. Esta noção de verdade objetiva do texto não se sustenta. E caso exista uma verdade objetiva, ela só pode ser objetiva para um sujeito, pois quando outro sujeito a refuta ou altera, ela se revela, assim, uma verdade subjetiva ou até relativa. Ora, hermeneutas já citados afirmaram que “não há uma verdade objetiva absoluta”, que seja “válida para sempre e para todos” (CERCEL; STOLZE; STANLEY, 2015, p. 25). Tanto o é que um texto não sobrevive aos

séculos incólume nem em sua forma – haja vista revisões ortográficas, por exemplo – quiçá em sua compreensão ou importância para o sistema literário corrente. Cada revisitação a um texto em si já se caracteriza uma alteração, um novo olhar, um diferente ponto de vista, uma ressuscitação, uma renovação. Essa nova compreensão de um texto parece ser, inclusive, a motivação inicial para as chamadas retraduições. Afinal, de que outro modo explicar a exaustiva retradução de obras clássicas, senão como os hermeneutas modernos, que a definem como uma espécie de “tentativa permanente de expressar melhor o que se entende” (CERCEL; STOLZE; STANLEY, 2015, p. 26), já que esse entendimento varia ao longo do tempo e entre os sujeitos? Borges também descarta a aparente imobilidade de um texto:

Bertrand Russell define un objeto externo como un sistema circular, irradiante, de impresiones posibles; lo mismo puede aseverarse de un texto, dadas las repercusiones incalculables de lo verbal. [...] ¿Que son las muchas de la *Ilíada* de Chapman a Magnien, sino diversas perspectivas de un hecho móvil, sino un largo sorteo experimental de omisiones y de énfasis? (No hay esencial necesidad de cambiar de idioma, ese deliberado juego de la atención no es imposible dentro de una misma literatura.)<sup>4</sup>(BORGES, 1984, p. 239)

Logo em seguida, ele arremata que “o conceito de *texto definitivo* não corresponde senão à religião ou ao cansaço<sup>5</sup>”(BORGES, 1984, p. 239, grifo do autor). Esta é, inclusive, uma das características da tradução para os hermeneutas modernos: o caráter processual, que consiste na aceitação de que uma tradução jamais pode ser final à medida que ela estará sempre sujeita a revisão, mudança, melhoria, atualização. Deste modo, não pode haver uma tradução definitiva, “caso contrário a disponibilidade eterna de um dado texto a todo e qualquer ato futuro de interpretação estaria previamente fechada” (O’KEEFFE, 2015, p. 164).

Para além do pressuposto da abordagem hermenêutica para a tradução, há consenso entre estudiosos da tradução em relação à necessidade de um movimento de constante atualização das obras traduzidas. Freitas e Costa (2017, p. 47) deixaram bem claro que, “ao mesmo tempo em que instituem uma interpretação, [...] as traduções estão constantemente sofrendo mudanças e tornando-se supérfluas de acordo com as conjunturas.” Os próprios relembram em seguida as palavras de Benjamin (2001, p. 97): “mesmo a maior tradução está fadada a desaparecer dentro da evolução da sua língua e a soçobrar em sua renovação”. Voltando aos hermeneutas, Steiner (1998, p. 425) arremata a necessidade inerente aos textos de serem traduzidos para perdurarem e diminuir os riscos de esquecimento ou estagnação:

---

<sup>4</sup> Bertrand Russel define un objeto externo como un sistema circular, irradiante, de impresiones posibles; lo mismo puede aseverarse de un texto, dadas las repercusiones incalculables de lo verbal. [...] ¿Que son las muchas de la *Ilíada* de Chapman a Magnien, sino diversas perspectivas de un hecho móvil, sino un largo sorteo experimental de omisiones y de énfasis? (No hay esencial necesidad de cambiar de idioma, ese deliberado juego de la atención no es imposible dentro de una misma literatura.)

<sup>5</sup> El concepto de *texto definitivo* no corresponde sino a la religión o al cansancio.



“a tradução recompensa no sentido de que ela fornece ao original uma persistência e um alcance geográfico-cultural de sobrevivência que ela não teria de outro modo”.

Além das justificativas dos estudiosos da tradução, hermeneutas ou não, a análise feita mais adiante das críticas modernas demonstrará outro fator crucial para justificar mais uma retradução de *Bartleby, The Scrivener*: a virada na interpretação dos personagens principais, Bartleby e o narrador advogado. Demonstrarei que a atual concepção mais consensual do narrador é que Melville o construiu como um personagem altamente cínico e nada confiável, o que conseqüentemente altera o personagem Bartleby, que é descrito sob o ponto de vista de um narrador que perdeu a credibilidade. Esses aspectos ainda não ficaram claramente explorados nas traduções brasileiras consultadas e, se for permitido parafrasear o escriturário Bartleby, “prefiro não” deixar que essa interpretação se mantenha a única apresentada ao leitor do português brasileiro. Não que haja algo de errado nessas traduções; muito pelo contrário, cada uma apresenta uma incursão única e que é muito válida para a sobrevivência da obra. Afinal, segundo as visões de Steiner e O’Keeffe apresentadas anteriormente, foram essas traduções que trouxeram a novela até este ponto, até este trabalho, e este valor é maior que qualquer outro que o presente trabalho pudesse ousar oferecer. Entretanto, traduzir essa novela a partir daqui é mais que traduzir o que ela era: é traduzir o que ela se tornou depois de tanta discussão e tantas conjecturas sobre seus simbolismos, seus significados. A novela em questão, como qualquer outro texto, não permanece intacta, e suas traduções também não podem ser definitivas. Muito já foi escrito sobre essa rica obra de Melville, então por que não incorporar um pouco disso em sua tradução?

É justamente com base nessa oportunidade de fazer um narrador diferente (e, conseqüentemente, um Bartleby diferente) e nos fundamentos da HT e de outros estudiosos da tradução apresentados que o presente trabalho justifica mais uma retradução do texto clássico de Herman Melville, *Bartleby, The Scrivener*, uma novela que não foi sombreada por seus romances quase épicos, que sobreviveu a críticas iniciais reducionistas e que acabou se tornando, em relativa escala com *Moby Dick*, marca registrada do autor. No entanto, ressurgiu aqui, sob um novo olhar, fruto de uma nova leitura e releitura e de uma humilde tentativa de contribuição para sua subsistência no sistema literário atual.

### 3 A OBRA E OS PROTAGONISTAS

#### 3.1 A crítica moderna

A tragédia contada por Melville através do narrador advogado convenceu os leitores contemporâneos, mas parece não ter convencido os críticos mais atuais, que se concentraram em culpar o próprio narrador pelo agravamento do estado mental já fragilizado de seu empregado com sua negligência e displicência diante do estado psiquiátrico de Bartleby; outros culpam a sociedade capitalista e afirmam que a novela de Melville se sustenta como uma crítica ao estilo de trabalho e vida frenéticos das grandes metrópoles modernas, atribuindo um caráter de resistência a Bartleby, que se recusa a trabalhar sob tais condições. Todas essas críticas e interpretações serão examinadas neste capítulo, para que a tradução proposta esteja munida de mais justificativas por ter tido um escopo mais amplo de análise que as traduções correntes, atendendo dessa forma ao papel hermenêutico do tradutor. Começo com Thompson (2014), que trata da recepção de Bartleby pelos leitores; em seguida, examino o trabalho de Attell (2013), que cobre a recepção do texto no âmbito filosófico e político. Nas seções seguintes deste capítulo, tratarei individualmente das análises de cada um dos dois personagens centrais.

Sobre a novela em geral, Thompson (2014) menciona a grande riqueza de discussões da crítica, dependendo do ponto de vista ou foco temático escolhido. Como exemplo, o autor cita a possibilidade de se analisar Bartleby como uma figura representativa do autismo, o que explicaria muito de seu comportamento antissocial ou recluso ao negar a companhia dos colegas de trabalho ou ao recusar informações pessoais e também ao evitar contato ocular; ou até como figura representativa do homossexualismo ao suscitar no personagem narrador uma tensão e também um fascínio peculiar, o que explicaria sua vontade incontrolável de se aproximar de Bartleby de várias maneiras e por motivos que ele não consegue entender, muito menos explicar. Ambas as possibilidades suscitam temas ainda modernos, o que demonstra a atualidade da novela de Melville, que revela facetas diferentes a cada novo olhar, gerações depois. Para Stern, faz parte do tom nos escritos de Melville essa multiplicidade de temas:

Melville fazia espelhos. Nenhum outro escritor em língua inglesa desde Shakespeare assumiu tantas formas versáteis e tão convidativas para seus leitores. “Bartleby” é especialmente uma dessas peças estranhas nas quais o leitor encontra qualquer coisa que procura. As possibilidades ideológicas de “Bartleby” são enormes: quem busca posições psiquiátricas, políticas, literárias, metafísicas ou religiosas certamente encontrará no conto um paradigma que satisfaça seus interesses. (STERN, 2008, p. 14)<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Melville made mirrors. No other writer in English since Shakespeare has assumed so many protean shapes, and so invitingly, for his readers. “Bartleby” especially is one of the weird pieces in which readers find whatever

Não restam dúvidas para ele que, dentro da produção do escritor americano, *Bartleby* ocupa lugar de destaque quanto à maleabilidade temática. Afinal, trata-se de uma novela de apenas sessenta páginas aproximadamente que já provocou dezenas de estudos críticos sobre todos os assuntos imagináveis por quase dois séculos. Segundo Thompson, isso se dá pela “densidade hermenêutica” do texto, que é sua terminologia para elucidar a multiplicidade de leituras que o texto de Melville oferece e que parece não ter fim. Para o autor, essa densidade “ocupa com frequência os críticos teóricos” ao mesmo tempo em que é o que fornece o “desafio” para o “ato de interpretação em si” (THOMPSON, 2014, p. 100). É interessante observar que, neste ponto de seu artigo, Thompson aponta para a argumentação de Branka Arsić sobre o ineditismo de *Bartleby*, que “prenuncia um modo diferente de pensar”, assim como fizeram Édipo, Hamlet e Dom Quixote – equiparações que demonstram a alta estima que o personagem chega a alcançar dentro da Literatura universal para a crítica especializada. Arsić (2007) não teria sido a única a atribuir a Herman Melville o estatuto de precursor, pois o próprio Jorge Luis Borges, como afirmou em sua apresentação de *Bartleby*, “diria que a obra de Kafka projeta sobre *Bartleby* uma curiosa luz posterior” e que “*Bartleby* já define um gênero que Franz Kafka reinventaria e aprofundaria” mais de meio século depois (BORGES, 2017).

A contribuição de Graham Thompson, entretanto, segue sua classificação da novela de Melville como ficção de revista – *magazine fiction*, em inglês. Certamente, a classificação de gênero textual deixa a desejar quando se trata de *Bartleby*; muitos se referem à obra como novela, outros como conto, outros, crônica ou até noveleta. Na introdução deste trabalho, já expus a decisão de classificar a obra como uma novela, seguindo o raciocínio de Benedetti (1968). No entanto, mais importante que classificar seu gênero, é entender seu impacto na recepção da época, e a classificação textual de *Bartleby* feita por Thompson é reveladora.

A fim de chegar a essa classificação, Thompson traça o momento histórico e financeiro de Melville ao publicar sua novela pela primeira vez em uma revista, *Putnam's Monthly Magazine*, e, como tal, argumenta que o texto foi produzido visando um público específico de leitores recém-surgidos na sociedade americana, antes iletrada: secretários que assomavam e se amontoavam pelos escritórios das metrópoles. Esse era o nicho de leitores para *Bartleby*, que era exatamente um representante dos secretários que realizavam o ofício de copista e que, apesar de prestes a ser extinto pela modernidade, naquele momento estava no auge da proliferação. O argumento principal de Thompson (2014) para sustentar essa tese é a vasta

---

they came to seek. The ideological possibilities of “*Bartleby*” are enormous: the seer of psychiatric, political, literary, metaphysical or religious positions is sure to find in the tale a paradigm for his own advocacy.

descrição dos personagens coadjuvantes e do ambiente de trabalho do advogado que narra a história, familiar ao público que trabalhava nos milhares de escritórios de Nova Iorque. Tanto uma quanto a outra em praticamente nada adicionam ao enredo e parecem desnecessárias para entender *Bartleby* e o conflito que surge com sua introdução na história. Sua posição não é que as descrições mencionadas pudessem ser descartadas, mas que elas não precisavam ser tão extensas, não fosse sua importância na ambientação de um cenário familiar ao público leitor. Segundo Thompson (2014), o esforço do narrador em dedicar o início da história para descrever Turkey, Nippers e Ginger Nut esboça os personagens ao mesmo tempo em que os estabelece como personagens secundários, apesar do excesso nos detalhes e a multiplicação de suas excentricidades. Da mesma forma, o narrador delinea seu espaço de trabalho de modo a localizar o leitor no “território familiar de Wall Street e ambiente de trabalho de colarinhos-brancos” (THOMPSON, 2014, p. 109). Para ele, tal descrição é embelezada com detalhes como a parede branca com a pequena entrada de luz, o muro escuro velho do outro lado do escritório e a demarcação de espaço no escritório com o cantinho de *Bartleby* por detrás dos biombo, muito embora tais detalhes acabem indo “além da informação necessária para posicionar o leitor” (THOMPSON, 2014, p. 109). Thompson afirma que esses detalhes exacerbados se justificam como uma ferramenta direcionada à aproximação do leitor com o texto.

Outro argumento do autor em defesa de sua classificação da obra como ficção de revista é a referência, mesmo que breve, a John Jacob Astor e Colt Adams, que conferem um peso contextual à história, pois funcionam como assuntos conhecidos para os leitores contemporâneos e não interferem no desenvolvimento central da trama. São menções sem muito propósito, a não ser, segundo Thompson, para conferir verossimilhança e ambientação ao leitor, com assuntos familiares presentes em jornais da época que os leitores de ficção de revista teriam também lido. Para o autor, “estes detalhes premiam a interpretação sem impedimento às qualidades de revista da história” (THOMPSON, 2014, p. 109).

Essas ideias de Thompson conferem um caráter delimitador para o gênero textual da obra, que corrobora a argumentação de outros críticos, como Kevin Attell, que classifica a novela de Melville como “menor” em comparação à literatura londrina. Em seu artigo para o livro *A Political Companion to Herman Melville*, Attell (2013) vai buscar na filosofia observações sobre as relações de linguagem, trabalho, silêncio e estase na novela *Bartleby* e acaba encontrando em Deleuze essa classificação de status inferior da literatura americana do século XIX em relação à britânica, obviamente prestigiada como metrópole em detrimento da colônia, no pensamento da época.

Sob essa perspectiva, Attell diz que a literatura americana era considerada insurgente, revolucionária, quebradora de padrões, exatamente por não seguir os padrões da literatura de prestígio. Para defender essa sua assertiva, Attell apresenta o caráter “colcha de retalhos” na obra de Melville como expoente decisivo nessa diferenciação: “tudo começou *à l’anglaise*, mas continua *à l’américaine*... A colcha de retalhos americana se torna a lei da obra de Melville, destituída de núcleo, de cabeça para cima ou de ponta-cabeça” (ATTELL, 2013, p. 202). Tal reviravolta na narrativa aconteceu com a chegada de Bartleby na trama, que, segundo o crítico, “tudo contamina” com seu recorrente mote “prefiro não”. Neste momento, o personagem fragmenta o fluir da trama e, assim, “institui a geometria fractal de uma literatura menor” (ATTELL, 2013, p. 202). Para ele, essa quebra de padrão narrativo de Melville revela o caráter revolucionário da literatura americana, como um projeto radical envolvendo política e literatura, que tomam forma sob as asas daquilo que se classifica como “menor”.

Dessa forma, a redução da novela de Melville a um gênero de ficção de revista e pertencente a uma literatura “menor” compõe o quadro crítico que permeia a recepção da novela *Bartleby, The Scrivener* e a mantém em posição oposta à de *Moby Dick*, por exemplo, na linha de obras de Melville; e esse fato deverá ser mantido em foco quando se for traduzir a novela. O tradutor hermeneuta precisa se munir de todas as facetas da novela de Melville para poder produzir uma desejada tradução que, por não apagar o caráter estrangeiro, contribua para a evolução da língua de tradução e que suscite futuras traduções. Tendo isso em mente, ainda há muita coisa a se perceber na novela antes de se partir para a tradução. Dentre estas coisas, as mais fundamentais são as figuras dos dois personagens concorrentes a protagonista: o advogado narrador e Bartleby. A dinâmica entre eles é o que move – ou quebra – a narrativa; então, compreender ambos é chave para se chegar ao cerne da trama, e o ponto de vista escolhido pelo tradutor a respeito dos dois, dentre uma gama de pontos de vista a serem em breve apresentados, indicará os caminhos a serem seguidos e, por conseguinte, irá conferir um tom único para a obra traduzida. Tendo em vista que a narrativa é contada em primeira pessoa pelo advogado que se reconhece como testemunha dos últimos dias de Bartleby, sua análise será a primeira e a de Bartleby, a segunda.

### **3.2 Análise do personagem narrador**

Para analisar a obra e, mais especificamente, a figura do personagem narrador de *Bartleby, The Scrivener*, o trabalho de Susan Glouberman, intitulado *Bartleby, The Scrivener: A Critical Analysis*, ainda é o mais detalhado, abrangente e preciso. Glouberman (1980) revisou

todo o material crítico ao qual se tinha acesso à época e encontrou as mais variadas abordagens sobre a obra e seus personagens: autobiográfica, psicológica, política, romântica e moral, elencando-as em seu trabalho e apresentando ao final uma abordagem sua, autoral. Obedecendo à ordem citada, a abordagem crítica autobiográfica era pautada no argumento de que o narrador advogado poderia ser a representação do irmão de Melville, Allen, também advogado, com quem Herman Melville estava em rixa. Outra possibilidade seria Bartleby representar seu amigo George Adler, que havia sido internado como esquizofrênico-paranoico, enquanto ele mesmo seria o advogado Narrador da história. Uma terceira possibilidade seria o próprio Melville ser Bartleby por conta do problema de vista compartilhado entre ambos, além do caráter reservado e antissocial deles. Contudo, apesar de tais interpretações soarem plausíveis, Glouberman contesta todas as abordagens críticas autobiográficas por considerar que a história apresenta um foco em questões universais ao invés de particulares – em consonância, inclusive, com a frase repetida por Bartleby “I am not particular”. Segundo a autora: “As preocupações básicas do enredo vão além de qualquer vida singular de algum homem e dizem respeito à condição humana em geral. Isso significa que a história deriva muito de sua força através de sua universalidade e não de sua fonte biográfica específica” (GLOUBERMAN, 1980, p. 6). Dessa forma, para a autora, a análise autobiográfica se torna irrelevante ou insuficiente para uma compreensão satisfatória da novela.

A autora passa para as abordagens psicológicas, iniciando com as que propõem diagnósticos de esquizofrenia para Bartleby, sugeridos por críticos como Arvin e Chase. Outros críticos chegaram a afirmar que a solidão da mãe de Melville durante sua gestação a levaram à melancolia, ao isolamento. Esse trauma teria passado subconscientemente para Melville e ele teria externalizado isso na sua obra através de algum processo catártico potencializado pela atividade da escrita. Entretanto, Glouberman contesta tais abordagens ao afirmar que o estranhamento deixado no leitor não pode ser comparado ao estranhamento provocado pelo contato com um homem que estaria fora de suas condições psiquiátricas normais. Percebe-se, através da crítica da autora a estas abordagens, que análises psicológicas, psiquiátricas e psicanalíticas são factíveis em relação aos personagens diretamente, mas precisam de mais fundamentação para se serem levadas a sério, e que elas não são tão válidas em relação ao autor, pois se trata de uma obra literária e não de um periódico de medicina ou um relato pessoal. Literatura não pode ser confundida com prontuário médico, afinal.

Outra abordagem revisada por Glouberman é a política, na qual Bartleby é visto como um trabalhador assalariado, uma mera vítima do sistema capitalista, forçado a um trabalho ordinário, subserviente e pouco digno, sem participação nos lucros, em um ambiente hostil à

sua personalidade introspectiva, obrigado a obedecer cegamente a seu patrão, sem direito a pensamento lateral nem opinião diversa. Críticas desse tipo são comumente feitas de um ponto de vista marxista, abordando Bartleby como uma vítima, explorado e reprimido, um exemplo do que pode acontecer a qualquer trabalhador dentro da doente sociedade capitalista. Assim, qualquer enfermidade mental, ou outro acometimento que tenha recaído sobre Bartleby e acarretado sua tragédia, teria sido consequência da repressão sofrida por ele no ambiente de trabalho. Todavia, a autora ironiza essa visão mostrando que toda a situação da novela e o fim do relacionamento entre patrão e empregado são na verdade regidos pelo empregado, Bartleby, e não pelo patrão (GOUBERMAN, p. 10). De fato, todo o movimento de reclusão, recusa ao trabalho e catatonia surge, de acordo com a narrativa do patrão – a única existente – a partir de Bartleby, enquanto o narrador, seu chefe, tenta se aproximar dele de todas as formas possíveis para convencê-lo a mudar de ideia e de atitude em relação ao trabalho – e também à vida no final da novela. Em suma, para Glouberman, Bartleby é mais agente que paciente nesse quadro; portanto, descarta a abordagem política para analisar a obra e, mais especificamente, o narrador.

A outra corrente de análise crítica da obra abordada por ela foi a social. Em contraposição à abordagem anterior, e em conformidade com a posição de Glouberman sobre Bartleby, nesta abordagem, o escriturário com hábitos nada usuais passa de vítima a culpado por sua própria condição. Nesta linha de pensamento, ninguém deveria se pôr à parte da sociedade, pois isso destrói o indivíduo, que só é assim definido por estar inserido na sociedade – só se pode falar em indivíduo se houver um coletivo. A crítica social desaprova muitos limites individuais e, conseqüentemente, os atos divergentes de Bartleby, que é o único culpado de não seguir os padrões. Ele teria sofrido, assim, as conseqüências pela escolha de não agir segundo as regras sociais. Contudo, Glouberman rebate esse ponto de vista ao declarar que é um erro tomar Bartleby por padrões sociais de comportamento, pois fazer isso seria interpretar equivocadamente toda a obra. Afinal, o comportamento de Bartleby é o combustível para o enredo como um todo e só pode ser tomado como intencional, pois Melville escolheu atribuir aquele comportamento a Bartleby. Ademais, pelos mesmos padrões, poder-se-ia suspeitar também do advogado narrador, uma vez que o comportamento normal para alguém em sua situação seria despedir Bartleby depois da primeira recusa ao trabalho (GLOUBERMAN, 1980, p. 12). Logo, para ela, se o narrador não se comporta como o padrão social exige, não faz sentido exigir o mesmo para Bartleby.

A abordagem romântica, em seguida, é assim chamada por enaltecer ou romantizar o comportamento de Bartleby como uma tentativa de mostrar a podridão da sociedade. Susan

Glouberman critica esse enaltecimento por descartar o suicídio de Bartleby, considerando que ele apenas se mata indiretamente, por se recusar a comer, e isso não revela nobreza romântica alguma, pois sua morte foi consequência de sua renúncia e nunca sua meta (GLOUBERMAN, 1980, p. 14). A abordagem crítica racional, em contraposição, considera que Bartleby era, como todos os seres humanos, racional e que dever ter feito tudo o que fez por algum motivo, apesar de não o ter revelado ao advogado. Críticos com esse ponto de vista, acabam por simplificar a obra a ponto de considerar que, se Bartleby tivesse dado pelo menos uma razão para tudo que fez, não restaria segredo ou mistério algum para se discutir posteriormente. Outro problema de tal abordagem é que ela deverá, por definição, se ater ao esclarecimento “racional” dado ao final da novela pelo narrador, sobre o trabalho pregresso no Gabinete de Correspondência Morta (*Dead Letter Office*), como se essa tentativa de elucidação constituísse razão bastante para explicar tudo o que aconteceu com Bartleby, como o narrador de fato defende (GLOUBERMAN, 1980, p. 16). Todavia, nenhum crítico admite ter aceito essa explicação, pois parece bastante forçada por parte do narrador ou pouco sustentável do próprio ponto de vista racional.

A última abordagem descrita por Glouberman, a moral, diz respeito às noções de certo e errado nos atos dos personagens. Muitos críticos adotam a noção moral ao analisar diferentes escritos de Herman Melville, e Glouberman não se opõe a tal postura, mas não deixa de observar que, apesar de estar presente nos textos de Melville, a moral não é o ponto central de suas obras literárias, uma vez que “[ele] frequentemente emprega questões morais em sua escrita não como um fim de modo a render julgamento moral, mas como um meio para um fim literário mais complexo” (GLOUBERMAN, 1980, p. 19). Por outro lado, a autora descarta essa abordagem e apresenta a sua própria abordagem.

Glouberman defende uma análise da obra mais generalizadora e sem absolutos. No início da análise, ela declara sua posição contra absolutos, afirmando o quanto Melville trata de absolutos, mas não os apresentando como verdadeiros e sim como ideais (GLOUBERMAN, 1980, p. 22). Cabe apontar que, para ela, Bartleby é um personagem capaz de transformar uma posição relativa de preferência em um absoluto *não* – preferir não fazer algo não deveria exatamente ser tomado como um *sim* ou *não* –, pois a repetição da fórmula de Bartleby é tão audaciosa e desconcertante quanto um ressonante *não* (GLOUBERMAN, 1980, p. 20). A autora traz exemplos de *Moby Dick* e *Pierre*, mostrando como Melville brinca com os absolutos, que seriam sempre inalcançáveis, e que qualquer ideia ou concepção absoluta está fadada ao erro ou à imprecisão em suas obras. Sob esse viés, o homem deveria buscar respostas variadas e fatalmente parciais sobre os fenômenos, pois nada seria completamente conhecível



ou compreensível, mas tudo estaria sujeito a uma compreensão relativa. O melhor exemplo dessa tese é de *Moby Dick*:

“A ciência pode apenas descrever uma pequena parte do que uma baleia é, e é deveras valiosa nesse sentido. Mas tal descrição da baleia não é completa, nem pode ser. Ela não inclui em sua descrição senso algum da baleia como uma baleia no mar – uma criatura monstruosa da qual depende, por exemplo, a vida de Ahab.” (GLOUBERMAN, 1980, p. 24)<sup>7</sup>

Glouberman deixa claro que ela visualiza o ser *baleia* como sendo um apanhado do que a ciência descreve mais o que Melville descreve, a saber, um monstro marinho que é a obsessão do personagem Ahab no romance *Moby Dick*. Dessa maneira, a *baleia* jamais será compreendida em completude, pois os pontos de vista serão infinitos e cada um adicionará um matiz a mais em sua descrição. É oportuno relacionar essa busca incessante pelo inalcançável como tema nas obras de Melville à proposta aqui adotada da metodologia hermenêutica de O’Keeffe (2015), de uma “pré-adotada” resignação por parte do tradutor ao admitir que a tradução perfeita é inalcançável.

Glouberman argumenta que não há possibilidade de compreensão absoluta ou precisa do que Bartleby busca, lembrando que Melville poderia ter colocado um narrador mais preciso, onisciente, mas deliberadamente escolheu não o fazer. Para ela, o personagem que Melville decide colocar como narrador é um meio termo em todos os aspectos, sem nenhum absoluto. A ironia é que esse advogado impreciso, inseguro, não particularmente bem-sucedido, exige um absoluto de Bartleby (GLOUBERMAN, 1980, p. 27), sendo que ele próprio não oferece absoluto algum. Glouberman discute o narrador, que ela julga ser o personagem central, demonstrando que ele, por vezes, não é confiável. Para ela, isso é proposital em Melville, pois mantém o leitor desconfiado, sem saber se as informações dadas pelo narrador sobre Bartleby são verdadeiras (GLOUBERMAN, 1980, p. 30). O tradutor, munido dessa e de outras informações, poderá jogar com essa desconfiança, provavelmente expondo mais insegurança quando houver a possibilidade. Desse modo, na tradução comentada neste trabalho, haverá menção a esse e outros dispositivos de tradução baseados nas análises críticas.

A autora acrescenta observações linguísticas. Ela aponta a repetição no uso do termo “*assume*” ou “*assumption*”, que é utilizado pelo menos seis vezes pelo narrador, e mais outras seis vezes ao longo da narrativa, o que contribui para a modalização da incerteza. Glouberman chama esse fenômeno “doutrina de suposições” – *doctrine of assumptions*, que pode ser útil para o trabalho do tradutor (GLOUBERMAN, 1980, p. 51-55).

---

<sup>7</sup> Science may convey but a small part of what a whale is, and is indeed valuable in this sense. But it is not a complete description of a whale, nor can it be. It does not in its description convey any sense of the whale as a whale in the sea – a monstrous creature upon which, for example, Ahab’s very life depends.

A abordagem de Glouberman é voltada ao textual, ao literário, e ao linguístico. Para ela, “como demonstrado nesta tese, nossa principal resposta ao advogado está determinada através de seu relacionamento com Bartleby” (GLOUBERMAN, 1980, p. 69). Isso significa que vê na história uma contradição fundamental no narrador personagem, que está entre aquilo que ele conta ao leitor e o seu comportamento. Afinal, o leitor nota uma discrepância entre a maneira como ele responde a Bartleby e a maneira como ele gostaria de responder. Essa disparidade entre seu discurso e seus atos confirma a centralidade do narrador na leitura da novela, a ponto de Glouberman afirmar que ele é o personagem central: “*Bartleby, The Scrivener* é basicamente sobre um narrador cuja voz ambígua e esguia é utilizada ao longo da narrativa para manipular o leitor e criar uma noção de incerteza nele”.

Virginia E. Ross (2000) coincide com Glouberman: o narrador é o personagem principal. A história, segundo Ross, não converge para a estranheza, o sofrimento ou a desordem de Bartleby, como se pensa com frequência, mas em direção ao que o Narrador vê e como ele responde ao que vê. Ross afirma ainda que o olhar do advogado está direcionado para Bartleby, que seria o que Lacan chamou de “o Outro”: a contraparte constitutiva do sujeito; essa visão para seu Outro é parte da “interconexão e inseparabilidade” entre os personagens, que, para a autora, serve de suporte para a manifestação da história (ROSS, 2000, p. 30). Além disso, Ross, apoiando-se tanto nas ideias de Lacan quanto na catarse aristotélica, argumenta que esse caráter da novela é o que provoca o olhar crítico. A autora julga que uma poética lacaniana se sustenta sobre os significantes-chave universais, que são a organização do drama humano formalizado pelos dispositivos retóricos da literatura e os gêneros, a saber, o amor, as tragédias do mal-entendido, os horrores da morte e os enigmas do afeto e da retórica, como o humor e a ironia (ROSS, 2000, p. 20). Tais universais, segundo ela, são a quintessência das conexões entre o texto e os leitores. A teoria poética aristotélica já postulava essas conexões há muito tempo ao desenvolver a tese da catarse do espectador, que evocaria uma espécie de expurgo transformador nele. O impacto, na opinião de Ross, é de tal magnitude que a empatia entre público e texto se transforma em uma experiência de potencial viciante, resultando em uma drástica obsessão por buscar continuamente um escape nas artes. Esse ponto de vista explica o fato de a obra de Melville suscitar tanta crítica, em frentes e momentos tão distintos.

Na análise do advogado narrador, Ross acredita que ele só pode ser analisado a partir da psicanálise lacaniana, que toma a linguagem como um aspecto fundamental e por considerar que ambos os personagens representam, na verdade, o mesmo sujeito. Seguindo esse raciocínio, Ross afirma que a visão mais importante da novela não foi abordada por nenhum crítico, pois “a história é sobre a língua *per se*” (ROSS, 2000, p. 109), como defende Lacan.

Para ela, o modo como Melville escreveu praticamente “força o leitor a considerar a língua do modo que Jacques Lacan ensinou seus alunos analistas”, uma vez que há a possibilidade de analisar a “teoria da língua em Lacan e como ela compõe o sujeito e conta sua história”. Como resultado, a ideia de que o personagem narrador considera o personagem Bartleby um problema ou uma anormalidade cai por terra e dá lugar a uma nova concepção, que vislumbra Bartleby como a solução. Segundo Ross, Bartleby representa a solução à medida que ele fornece ao narrador a oportunidade de uma experiência analítica através da qual o narrador é “capacitado a transcender seus sintomas para alcançar a verdade de seu próprio desejo” (ROSS, 2000, p. 109), ou seja, Bartleby é a chance para o advogado se tratar.

Isso implica em o leitor considerar a falta de confiabilidade no discurso do advogado sugerida por Glouberman. Dessa forma, a fala do narrador não deve ser tomada como a fala da verdade, do factual, mas apenas como um meio discursivo cheio de duplicidades, através do qual nem tudo está dito. Segundo a autora,

em essência, Lacan insiste que seus alunos vão além da visão de língua como uma produção relacional para a visão de que a língua porta em si uma certa duplicidade, sempre significando mais do que diz, sempre deixando um resíduo do não dito, que é onde se encontra o significado mais significante (ROSS, 2000, p. 111).<sup>8</sup>

De fato, para Lacan há dubiedade em qualquer discurso: “você não pode simplesmente compreender o conteúdo do discurso se você se apegar à ideia de que o ego do sujeito é idêntico à presença que está falando com você” (LACAN, 2001). Lacan divide o sujeito falante basicamente em dois: o verdadeiro sujeito (*moi*), que se expressa através da língua que o define, e o sujeito falante (*je*), que é apenas o receptáculo, a casca do sujeito, que filtra através da língua muito do que se é de fato para apenas dizer o que se acha ser.

Nesse divã simulado, Ross posiciona o narrador como sendo o analisado. Um óbvio questionamento que deve surgir a partir dessa disposição é: mas como pode ele ser um paciente envolvido em uma sessão de psicanálise se apenas ele fala? Uma vez que não há um interlocutor, um psicanalista? Ou, ainda, há um interlocutor e ele seria Bartleby? Mas Ross prontamente descarta Bartleby como o psicanalista. Para ela, a análise, nesse caso, se dá sem analista, o que se encaixa em outro ensinamento de Lacan: “a presença do analista é em si uma manifestação do inconsciente” (LACAN, 1998, p. 125), ou seja, o diálogo, mesmo que com um interlocutor fictício, basta para que o sujeito analisado possa se submeter satisfatoriamente ao processo de cura psicológica. Ross entende que os efeitos da análise não precisam da

---

<sup>8</sup> In essence, Lacan insists that his students move beyond the view of language as a relational production to the view that language bears within a certain duplicity, always meaning more than it says, always leaving a residue of the unsaid wherein lies the most significant meaning.

presença física de um analista para serem atingidos e conclui que essa análise foi bem-sucedida. Como medida para aferir tal sucesso, Ross analisa a presença da ação transformacional, que é um indício de uma análise com bons resultados. Essa ação transformacional envolve dois estágios, a fuga e a luta, e Ross vai em busca das situações em que ambos estágios surgem no discurso do narrador para comprovar sua tese. A autora enumera os seguintes momentos de fuga:

(1) quando [o advogado narrador] foge de seu escritório duas vezes ao chegar cedo quando Bartleby se encontra trancado lá e prefere não o receber; (2) quando ele sai mais cedo do escritório algumas tardes e muitas noites perplexo e determinado a buscar solução para o problema depois; (3) quando ele literalmente se muda com seu escritório e deixa Bartleby sozinho de pé no meio do salão agora vazio; (4) quando foge para saltar em um ônibus após ter tentado convencer Bartleby uma última vez a sair do seu escritório por vontade própria; e (5) quando ele sai de “férias” por alguns dias, dirigindo pela cidade e região metropolitana e quase não é capaz de parar de viver em sua carruagem. (ROSS, 2000, p. 135, grifo do autor)<sup>9</sup>

A seguir, Ross cita os momentos de luta, que é “caracterizada por hostilidade e ira agressiva” (ROSS, 2000, p. 135), e que se manifestam inúmeras vezes, como no exemplo: “‘Você vai ou não vai me deixar?’ Agora já demandava com fervor repentino, partindo para cima dele” (p. 66)<sup>10</sup>; e nesse outro exemplo: “eu poderia adentrar meu escritório às pressas, fingir não ver Bartleby de modo algum e caminhar através dele como se fosse ar. Tal ato poderia ser confundido, até certo grau, com um encontrão violento” (p. 66). A autora cita as vezes nas quais ele negou Bartleby ou o enganou ao mudar o escritório para o abandonar no prédio antigo, mostrando que sua agressividade para com ele progride a ponto de o advogado cogitar até o assassinato de Bartleby (ROSS, 2000, p. 136). Com esses momentos, a autora comprova a mudança no discurso do narrador: de mestre de si a histérico descontrolado.

Outro argumento de Ross a favor da comprovação da tese sobre a situação de autoanálise do narrador é uma passagem que apresenta o advogado como sendo um paciente, no divã metafórico do analista na figura de Bartleby: o narrador faz uma de suas perguntas típicas, “E qual a razão?”, à qual Bartleby retruca: “Você não vê a razão por si próprio?” (p. 62). Bartleby é apresentado por Melville aqui como um verdadeiro analista ao não influenciar a resposta, mas fazendo mais perguntas que levem o paciente a responder por si mesmo aos questionamentos: típico, de fato, de um psicanalista. Assim, Ross tenta, ao longo de seu

<sup>9</sup> (1) when he leaves his office twice in the early hours when Bartleby is locked behind *his* office doors and prefers not to admit him; (2) when he departs the office early some afternoons and many evenings perplexed and determined to solve the problem later; (3) when he literally moves out of his office and leaves Bartleby standing alone in the middle of empty space; (4) when he jumps on omnibus after his final return to his former office to entreat Bartleby to leave of his own accord, and (5) when he takes a “vacation” of a few days, driving all over town and the suburbs and almost living in his rockaway.

<sup>10</sup> As citações em português que estiverem sem indicação de autor ou ano são retiradas da proposta de tradução deste trabalho, apresentada no próximo capítulo. Os trechos em inglês apresentados da mesma forma são retirados do texto fonte apresentado no mesmo capítulo.

trabalho, colocar Bartleby no *locus* da verdade do Outro lacaniano, o inconsciente do advogado narrador, e comprovar que sua presença, seja física ou fictícia, representa a condição para a possibilidade de realização da fala do narrador na medida em que o sujeito vem a ouvir, sob os termos da análise, a linguagem em sua própria fala, que não existiria de outra forma senão através de um diálogo. Sob essa perspectiva, é possível Bartleby ser referenciado como a força da psicanálise, justamente porque ele é o vetor que conduz o narrador à mudança genuína, mesmo que não importe se tal mudança é voluntária de ambas as partes. Ademais, cada uma das palavras do advogado narrador é bastante importante, pois cada uma delas é dita pós-Bartleby, quer tenha sido dita no que se pode chamar de prólogo da história, que é toda a descrição detalhista do ambiente e dos personagens secundários até a chegada de Bartleby, quer tenha sido dita no chamado epílogo da história, que é uma espécie de *post scriptum* para tentar justificar os atos de Bartleby em vida. Isso significa dizer que tudo que o narrador decide contar é dito após o surgimento de Bartleby em sua vida e, portanto, é dito em resposta a ele. Assim, através do discurso do narrador, isto é, de sua versão dos eventos da história, o leitor aprende como ele retroativamente interpreta Bartleby e, mais que isso, a maneira como ele o interpreta para si mesmo. O advogado tenta fechar a força de Bartleby em sua vida e, ao fazer isso, negar sua própria estrutura fundamentalmente fragmentária (ROSS, 2000, p. 159).

Essa negação de Bartleby pelo advogado se configura por aquele representar a verdade sobre este, sendo Bartleby seu Outro. Segundo Lacan, essa negação se justifica porque “nunca se está feliz ao abrir caminho para uma nova verdade, pois isso sempre significa abrir caminho para dentro dela” e a “verdade é sempre perturbadora”. Ao admitir isso, fica mais clara a percepção de que o advogado prefere reprimir Bartleby porque ele é seu verdadeiro eu, sua verdade, insuportável e incômoda, como o personagem na novela, e “não podemos sequer suportar nos acostumar com [a verdade]”, pois “somos acostumados ao real. A verdade nós reprimimos” (LACAN, 2001, p. 169)<sup>11</sup>. O próprio narrador confirma essa tese ao aceitar, mais ao final da narrativa, a presença – ou o fardo – de Bartleby em sua vida e acabar admitindo-o mais, inclusive o considerando irremediável por seu caráter de presença infundável. Esse momento corresponde ao ponto no qual o advogado encontra Bartleby morto e, conversando com o cozinheiro da prisão, assume que “ele vive sem jantar” (p. 78), explicando sua afirmação de preferir não jantar naquele dia e implicitamente assumindo que Bartleby não deve morrer, pois vai perdurar apesar de não se alimentar apropriadamente, ou seja, admitindo secreta e

---

<sup>11</sup> One is never happy making way for a new truth, for it always means making our way into it: the truth is always disturbing. We cannot even manage to get used to it. We are used to the real. The truth we repress.

inconscientemente que concede à presença inevitável de Bartleby, que é seu Outro laciano, portanto, indestrutível.

Essa dualidade na entidade advogado/Bartleby já teria sido apontada por outros críticos, e Ross menciona esse fato. A autora cita Marjorie Dew, que teria dado como chave para essa compreensão a linguagem escolhida por Melville: o uso constante de *assume* e *assumption*, de um lado, pelo narrador, e de *prefer* e *preference* do outro, por parte de Bartleby. Para ela, o significado da história seria a evolução do confronto entre um homem de presunções e um homem de preferências e sobre o efeito desse confronto sobre o homem de presunções (ROSS, 2000, p. 83), que é justamente o narrador. Assim, o foco da novela é realmente o impacto de Bartleby e a verdade que ele representa no narrador que o reprime, ostraciza, repudia, nega, mas acaba suportando, aceitando com resignação. Inclusive, em sua resignação, o narrador lida com a morte de Bartleby de uma maneira quase bíblica ao se deparar com seu cadáver, aparentemente dormindo, com direito a referência ao livro de Jó, ao arrematar que Bartleby estaria dormindo “com reis e conselheiros” (p. 77), como se estivesse fazendo uma elegia a um ente querido, usando essas belas palavras encontradas no Livro de Jó.

### 3.3 Análise de Bartleby

Uma vez estabelecido o caráter volátil ou ambíguo do narrador, resta analisar mais a fundo o (outro) personagem principal da novela, o próprio Bartleby. Para tanto, retomaremos anotações de Kevin Attell, pois os seus apontamentos feitos com base em filósofos contribuem bastante para uma melhor compreensão do personagem e se demonstram frutíferos para uma discussão prolífica por suas várias vertentes. Attell (2013) traz a ideia de Agamben sobre a potencialidade e impotencialidade, segundo a qual o ato de não trabalhar, ou melhor, a escolha de se recusar a trabalhar, configura um ato de insurgência, rebeldia ou protesto. Para Agamben, o fato de copiar obstinadamente não oferece potencial para não ser. É por isso que o escriturário deve interromper o processo de cópia e abrir mão de seu trabalho. Mais que simplesmente não trabalhar, Bartleby cessa seu ofício, o que não significa necessariamente cessar sua capacidade ou seu potencial de realizar aquele trabalho. Segundo o filósofo, a capacidade de Bartleby, que se revelou no início ser quase uma virtuosidade tanto pela eficácia quanto pela velocidade com a qual ele copiava, nunca esteve em xeque, pois ele mesmo repete em sua fórmula: “prefiro não”, ou seja, não é que ele não consiga mais copiar, ele apenas *escolhe* não mais copiar. Assim, sua *inoperatividade*, que não deve ser confundida com incapacidade, acaba se tornando um

símbolo de pura potencialidade, ou seja, ele pode, mas não faz porque assim escolhe (ATTELL, 2013, p. 216).

Nesse ponto, contrariamente ao que Glouberman diz, Agamben aponta uma ótima razão para a inclusão daquele relato final do narrador sobre o trabalho anterior de Bartleby no referido gabinete de correspondência extraviada (*Dead Letter Office*). Lançando mão dessa dicotomia de potencialidade e “impotencialidade”, o filósofo aponta que “as cartas nunca entregues são cifras de eventos prazerosos que poderiam ter sido, mas nunca foram” (ATTELL, 2013, p. 216). Attell explica que, para Agamben, essas cartas se revelam não somente como trabalhos, mas também como atos de “impotencialidade”, ou seja, elas foram de fato escritas no que antes seria apenas papel em branco e, portanto, realizam aí a passagem da potencialidade para a realidade. Ao mesmo tempo, por não terem chegado a seus respectivos destinatários, elas marcam a não realização de algo; esse algo seria, obviamente, a chegada das cartas, que serviria para completar seu sentido de ser.

Na realidade, discutir se uma carta deixa de ser carta por não ser entregue está além dos objetivos deste trabalho. O fato é que, ao não ser entregue e, assim, não completar o ciclo que a define, a carta fica presa num estado de animação suspensa, que parece ser exatamente o que Bartleby escolhe fazer: ele percebe a tessitura inicial no ciclo da carta, assim como a potencialidade de ela concluir sua função primeva e ser lida pelo destinatário, o que acaba não se realizando de nenhuma forma. Para Attell (2013), presenciar essa suspensão do momento de potencialidade de um objeto é exatamente “o que o escrivão que não escreve tenta recuperar com seu gesto obscuro” (ATTELL, 2013, p. 216). Essa reconfiguração do trabalho, da noção de trabalho como temos na sociedade moderna, é uma provocação filosófica fecunda e justifica o epílogo no qual o narrador explica o que aconteceu com Bartleby.

Attell contrapõe essa visão de Agamben à de Žižek, que tem uma concepção mais desconstrutivista da posição de Bartleby: este filósofo afirma que a subtração é a negação da negação, ou ‘negação determinada’. Isso implica que a simples negação ao trabalho ainda está no campo do trabalho, pois é uma tentativa de combate ou até destruição do poder vigente. Por outro lado, a negação determinada seria a negação do próprio trabalho, o que abriria um novo espaço positivo. Em outras palavras, Attell conclui que a recusa de Bartleby não é, para Žižek, sinônimo de passividade ou aceitação da ordem dominante; pelo contrário, o filósofo sugere que o ato do escrivão o torna um passivo agressivo, cuja radicalidade é muito mais ameaçadora à ordem das coisas do que qualquer resistência direta (ATTELL, 2013, p. 222).

Essa agressividade passiva está em consonância com a crueldade passiva citada por Ross ao descrever em detalhe o que acontece com os melancólicos e que acaba se encaixando

na figura de Bartleby: “o que acontece com o melancólico é que ele(a) não deseja. Ele se basta, mas sua completude constitui um vazio. Nunca tendo experienciado perda, ele não sente falta, não tem buracos para preencher; portanto, ele apenas existe” (ROSS, 2000, p. 40). Essa figura estática do melancólico assemelha-se à estacionária do escrivão de preferências, que apenas está lá, parado, travado enquanto o tempo passa e, ainda assim, parece imobilizar o próprio tempo com sua mera presença, parafraseando Hassoun. Uma vez travado, o melancólico, assim como Bartleby, consegue tratar o outro com “crueldade passiva” (ROSS, 2000, p. 40), e ao outro resta apenas permitir-se ser pego nessa teia de inércia, que é justamente o que ocorre com o advogado.

De todo modo, Agamben e Žižek concordam numa coisa: Bartleby não age – ou deixa de agir – sem pensar, passivamente, como uma vítima que é acometido por algum mal e reage daquela forma. Ao contrário, para ambos filósofos, Bartleby não reage, ele age. Ele sabe o que faz e é tão resoluto em sua determinação que não abre mão de sua decisão, indo contra tudo e contra todos, mesmo que sua decisão tenha um resultado fatal. Esta é, inclusive, uma ótima percepção do personagem para ser trabalhada na tradução, pois confere um teor de resistência e radicalismo que afronta a aparente passividade percebida à primeira vista nas traduções anteriores.

### **3.4 A linguagem, a filosofia e a psicanálise em Bartleby**

Uma vez concordando nesse aspecto da resolução de Bartleby, resta entender os motivos de seu ato de negação. Para esclarecer esse ponto, será necessário o enfoque transcendentalista e filosófico sobre Melville, que Shannon L. Mariotti (2013) desenvolve em seu artigo intitulado “Melville and the Cadaverous Triumphs of Transcendentalism”. Além dessa perspectiva transcendentalista, o minucioso olhar introspectivo da psicanálise lacaniana, como descrito na referida tese de Ross (2000), será complementar na composição completa do personagem na tradução proposta neste trabalho. Estes e mais pontos de vista só se tornaram possíveis através de uma minuciosa atenção à linguagem utilizada na história.

Segundo Mariotti (2013), uma grande quantidade de críticos aborda o aspecto transcendental em obras de Melville como *The Confidence-Man* e *Cock-A-Do-dle-Do*, enquanto a maioria prefere se concentrar em *Bartleby, The Scrivener*. A autora expõe a análise feita de Emerson, que estava de alguma forma ligado a Melville, seja através de contatos no *New York Times* ou nas revistas nas quais publicavam com frequência ou até através de amizade com escritores em comum, como Nathaniel Hawthorne e Walt Whitman. Para Mariotti,



Melville utiliza o personagem Bartleby para criticar práticas transcendentalistas, como as descritas por Emerson, que supostamente resolveriam os problemas que as pessoas encaram no mundo material imediato (MARIOTTI, 2013, p. 164).

Emerson propõe uma prática transcendentalista de construção da autoconfiança, que seria advinda de duas técnicas básicas chamadas “permanência em casa” e “distanciamento focal”. Ambas as técnicas seriam movimentos para transcender a particularidade material imediata que nos rodeia e acessar um plano de ideias universais caracterizado pela “verdade”, “razão” e “compensação” (MARIOTTI, 2013, p. 166). Mariotti aponta que o personagem Bartleby repete algumas vezes a expressão “I am not particular”, o que poderia ser uma maneira de Melville indiretamente se referir a essa transcendência da “particularidade material imediata”. Seria uma maneira de o personagem afirmar que não está realizando seu protesto por motivos particulares e que está pensando no coletivo, no universal, no transcendental. Há a clara possibilidade aqui de um diálogo com as abordagens sociais e políticas descritas por Glouberman (1980), pois a frase sugere que Bartleby tem consciência de que está protestando por motivos não particulares. Uma outra postura emersoniana assumida por Bartleby é decidir parar de copiar palavras de outrem, como se estivesse seguindo o conselho de Emerson: “imitação é suicídio” (MARIOTTI, 2013, p. 170). Imitar é o ofício dele, daí a urgência de parar. Ele age exatamente como Emerson aconselharia: radicalmente autoconfiante, se desvencilhando de toda forma de autoridade e de acordo com sua própria intuição. Afinal, como já mostrado acima, todo ato de Bartleby se traduz em escolha e não consequência.

A primeira técnica de Emerson, “permanência em casa”, consiste, como a própria expressão diz, em ficar em casa, sentar-se e focar em si, nos próprios instintos. Trata-se de uma técnica que explora o interior do indivíduo, pois para Emerson o universal pode ser acessado também por dentro, através de uma viagem aos recônditos da intuição infantil, primal. Semelhante à meditação budista, essa técnica preconiza um ser estacionário em detrimento de um ser móvel, como Emerson escreveu em seu ensaio sobre Heroísmo: “se nos delongarmos um pouco, podemos chegar à conclusão de que aqui é melhor... e o Ser Supremo não deverá estar fora deste cômodo onde te encontras sentado” (EMERSON, 1966). Melville aparentemente se referiu a esta técnica ao conferir o caráter estacionário a Bartleby, que parava por horas como se estivesse meditando em um local fechado, seja o escritório, seja o corredor do prédio, mas nunca externo – mesmo que não fosse esse ambiente a sua casa, como defende o filósofo transcendentalista. Ainda assim, o próprio narrador conclui em certo momento avançado da narrativa que Bartleby não tinha um lar, uma casa, e passou a morar no prédio, pois passava os fins de semana e mantinha seus pertences por lá mesmo: “Remontando todas

essas coisas e casando-as com o fato recém descoberto de que ele fazia de meu escritório seu endereço residencial permanente [...]” (p. 62). Logo, entendendo que o escritório era a casa de Bartleby, Mariotti supõe que ele praticou a referida técnica de Emerson e ficou em “casa” pensativo e estático, como revelado ao advogado narrador durante um breve surto de inesperada verborragia: “Gosto de ser estacionário” (p. 74).

A segunda técnica, o distanciamento focal, consistiria em olhar para o distante, sem foco no imediato, buscando visualizar além e através das coisas materiais que estiverem à frente e, assim, conectar-se com o universal, transcender. Segundo Mariotti, Bartleby parece encenar essa técnica nos vários momentos em que ele para de pé em frente à parede e fica olhando para o nada, com olhos cansados. O próprio narrador chama esse ato de *dead-wall revery*, que se traduz para algo do tipo “transe de apreciação de parede”, que se torna prática comum do escriturário. Porém, para Mariotti, é como se ele não estivesse olhando exatamente para aquela parede ou para a parede do prédio do outro lado da janela, mas sim para além, de modo que sua visão estivesse viajando para longe, acessando planos superiores, observando paisagens, astros, o cosmos, enfim, como se ele se tornasse a própria visão: o “olho invisível” (MARIOTTI, 2013, p. 168), segundo a terminologia emersoniana. Enfim, através do uso das técnicas de Emerson para se construir a autoconfiança, o personagem Bartleby parece estar bem munido dela. A crítica sutil atribuída por Melville ao transcendentalismo emersoniano, de acordo com Mariotti, se faz a partir do excesso de autoconfiança do personagem. A postura de Bartleby se revela tóxica e fatal a ele mesmo e aos outros ao seu redor. Portanto, ao seguir os preceitos de Emerson, Bartleby ironicamente se depara apenas com tragédia, não com transcendência; e com morte, jamais com despertar (MARIOTTI, 2013, p. 169).

Mariotti traz também à discussão outros enfoques filosóficos, que beiram o transcendentalismo, como os de Derrida, Hardt e Negri e Agamben. Inicialmente, ela menciona o paralelo que Derrida fez entre o discurso de Bartleby e o de Abraão no livro do Gênesis. Mariotti assume que a fórmula de Bartleby, “prefiro não”, configura uma oração pseudo-incompleta, ou seja, claramente uma “resposta não responsiva”, uma frase que “beira os limites da falta de sentido ou do silêncio” (MARIOTTI, 2013, p. 208), como se cultivasse algum segredo, algo que não estaria dito, uma vez que não diz exatamente coisa alguma.

Na comparação de Derrida, a fórmula de Bartleby é uma repetição perfeita da fórmula que Abraão “dizia sem dizer”: “Eis-me aqui”. Essa foi sua resposta a Deus quando ordenado a oferecer seu filho em sacrifício. Abraão repetia essa fórmula como resposta genérica, tanto para Deus quanto para qualquer pessoa. Ainda, para além dessa fórmula, Derrida analisa a própria postura silenciosa – ou quase silenciosa – de Abraão, que se assemelha à de Bartleby, mais

especificamente durante esse controverso episódio no qual Abraão quase sacrifica seu filho, Isaque, em Moriá, a pedido de Deus. Nele, Abraão obedece sem questionar nem demonstrar qualquer remorso, utilizando frases escorregadias ou aquela sua fórmula tautológica quando interpelado. Abraão é apresentado durante todo o episódio como uma figura resignada, nunca se questionando, nem ao menos reagindo a nada, um homem desprovido de ânimo ou vontade própria, assim como Bartleby.

A autora salienta que um homem levar o próprio filho para sacrificar numa fogueira em nome de (um) deus certamente se tornaria uma tragédia em textos helenísticos, porém simplesmente não tem impacto moral em Abraão. Como exemplo, Mariotti aponta o momento em que Isaque pergunta a Abraão onde estaria o cordeiro para o sacrifício, enquanto este o responde com um dúbio “Deus proverá”. Aqui, ele não está omitindo que seu filho seria o sacrifício, mas também não está revelando. É uma resposta que, de fato, não responde, assim como a fórmula de Bartleby. Em comparação, ambos os personagens utilizam expressões repetitivas que, segundo Mariotti, não dizem nem prometem nada, não recusam nem aceitam coisa alguma. Essa postura de Bartleby corrobora a análise do personagem como um ser que não reage, mas que age, apesar de não exatamente operar contra, mas posar inoperatividade.

Esse conceito de inoperatividade Mariotti foi buscar em Agamben, que se baseou na metafísica aristotélica, centrada nas concepções de potencialidade e “impotencialidade”. Segundo a metafísica aristotélica, a toda potencialidade de fazer ou ser corresponde uma potencialidade de não fazer ou não ser. Se não fosse assim, por silogismo, toda potencialidade de fazer ou ser automaticamente se realizaria e, por conseguinte, toda potencialidade de não ser ou não fazer se tornaria uma impossibilidade. Seguindo essa linha de pensamento, Mariotti afirma que, “para Agamben, portanto, impotencialidade (*impotenza*) não significa inabilidade, impossibilidade, ou mera passividade, mas sim a potencialidade de não ser ou não fazer, que é justamente a contraparte constitutiva de toda potencialidade de ser ou de fazer” (MARIOTTI, 2013, p. 214).

A partir dessa lógica metafísica, Agamben sugere a terminologia *inoperosità* para o que Aristóteles preconiza em sua conceituação. Assim, o que deve caracterizar o homem como homem não é a capacidade de fazer ou de ser isso ou aquilo. Pelo contrário, é a capacidade de não ser ou de não fazer que define o ser humano, pois é precisamente nessa capacidade de não executar atos e de não se tornar algo que age a volição humana, transformando essa mera potencialidade negativa em verdadeiro poder; escolher não realizar um ato que se julga capaz de realizar se torna um posicionamento poderoso e, na novela, um posicionamento mais perturbador do que o simples ato de o realizar; essa é uma potencialidade que existe

autonomamente, intrinsecamente, que é indiferente a qualquer realização particular ou “trabalho” (MARIOTTI, 2013, p. 215).

O trabalho, aqui, deve ser entendido como força de produção, de modo a fazer conexão com Spinoza: “é impossível dizer ser, exceto em termos de produção” (NEGRI, 1991). Essa conexão também é feita por Mariotti através de citação de Hardt e Negri, que analisam Bartleby a partir de um viés fundamentado no materialismo histórico de Marx. Para estes filósofos, Bartleby é um ícone da recusa ao trabalho, que desponta como o início de uma política liberatória. Aparentemente, esse ponto de vista sobre o personagem de Melville reflete bem seu enfoque durante o já referido movimento “Ocupa Wall Street.” Toda a argumentação de Mariotti prossegue no sentido de classificar Bartleby como agente, ao invés de reagente, ou como autor ao invés de vítima.

Portanto, a tradução hermenêutica proposta a seguir busca levar em consideração essas análises de Bartleby para não caracterizar o personagem como inativo, preguiçoso ou desdenhoso. Nessa tradução, assume-se essa posição política do personagem como um rebelde, um mártir, um agente da resistência, baluarte de libertação política e social, e visa-se não pintar o personagem como antes, sem ressaltar esses posicionamentos críticos. Da mesma forma, a análise do personagem narrador contribui para que, nessa nova tradução, sua confiabilidade seja reduzida e um caráter distorcido seja exposto ao leitor. Finalmente, sigamos ao texto traduzido.

#### 4 PROPOSTA DE TRADUÇÃO: BARTLEBY, O ESCRITURÁRIO

Tendo analisado as críticas mais pertinentes que demonstram a transfiguração que os personagens principais da novela receberam da crítica ao longo dos séculos, cabe a este capítulo a apresentação da proposta de tradução que busca incorporar a atual concepção de ambos. O texto fonte aqui apresentado, na coluna da direita, é o fornecido na edição de McCall (2002), cujo apuro da Norton Critical Edition em relação à fidelidade ao texto original oferece a segurança de que a versão escolhida do texto, a da coletânea *The Piazza Tales*, está conservada conforme publicada na época. A tradução para o português será apresentada na coluna da esquerda. Ao longo do trabalho, as citações de ambos os textos deste capítulo estarão apresentadas sem necessidade de indicação de autor ou ano.

##### **Bartleby, O Escriturário** **Uma história de Wall Street**

Sou um homem já de idade. A natureza de meus serviços advocatícios nos últimos trinta anos me proporcionou contato mais que bastante com um certo tipo de homens que alguns classificariam como interessantes e, de certa forma, singulares, sobre os quais nada foi escrito até hoje, que eu saiba – refiro-me aos copistas legais ou escriturários. Conheci muitos, profissional e pessoalmente, e, caso desejasse, poderia relatar variadas histórias que fariam homens de bem sorrir e os de alma mais sentimental chorar. Porém, dispenso as biografias de todos os outros escriturários em troca de apenas algumas passagens da vida de Bartleby, que era copista dos mais estranhos que já vi ou ouvi falar. Embora pudesse escrever a vida completa de outros copistas, de Bartleby nada assim pode ser feito. Acredito que não há material para uma biografia completa e satisfatória desse homem. É uma perda irreparável para a literatura. Bartleby era desses sobre os quais nada é certo, exceto se vindo das fontes originais, que, nesse caso, são escassas. O que meus próprios olhos atônitos viram de Bartleby – *isso* é tudo o que sei dele, exceto, claro, por um relato vago, que aparecerá na sequência.

##### **Bartleby, The Scrivener** **A story of Wall-Street**

I am a rather elderly man. The nature of my avocations for the last thirty years has brought me into more than ordinary contact with what would seem an interesting and somewhat singular set of men, of whom as yet nothing that I know of has ever been written:—I mean the law-copyists or scriveners. I have known very many of them, professionally and privately, and if I pleased, could relate divers histories, at which good-natured gentlemen might smile, and sentimental souls might weep. But I waive the biographies of all other scriveners for a few passages in the life of Bartleby, who was a scrivener of the strangest I ever saw or heard of. While of other law-copyists I might write the complete life, of Bartleby nothing of that sort can be done. I believe that no materials exist for a full and satisfactory biography of this man. It is an irreparable loss to literature. Bartleby was one of those beings of whom nothing is ascertainable, except from the original sources, and in his case those are very small. What my own astonished eyes saw of Bartleby, *that* is all I know of him, except, indeed, one vague report which will appear in the sequel.

Ere introducing the scrivener, as he first appeared to me, it is fit I make some

Antes de apresentar o escrivão, como apareceu pela primeira vez para mim, é conveniente fazer menção a mim mesmo, meus *employees*, meu negócio, meu escritório e adjacências; tal descrição é indispensável para uma compreensão adequada do personagem central a ser apresentado. *A priori*, sou um homem que, desde jovem, tem uma convicção profunda de que o modo de vida mais fácil é o melhor. Assim, apesar de fazer parte de uma profissão proverbialmente energética e nervosa, e mesmo sob turbulência, às vezes, nenhuma dessas coisas chegou a invadir minha paz. Sou desses advogados despretensiosos que nunca se dirige a um júri, nem atrai, de modo algum, aplausos do público; mas, na doce tranquilidade de um retiro agradável, faço negócios agradáveis com hipotecas, títulos de propriedade e cauções para homens ricos. Todos que me conhecem me consideram um homem eminentemente *seguro*. O finado John Jacob Astor, um personagem pouco dado a entusiasmo poético, não hesitava em apontar a prudência como minha primeira qualidade; a segunda, método. Não digo isto com vaidade, mas simplesmente registro o fato que não ficaria desempregado se dependesse de John Jacob Astor; um nome que, admito, adoro repetir, pois ecoa arredondado e esférico, e ressoa feito barra de ouro. Devo acrescentar que não era insensível à boa opinião do finado John Jacob Astor.

Em algum ponto antes da época em que esta pequena história começa, meus serviços receberam um volumoso aumento. O bom e velho cargo, agora extinto no estado de Nova Iorque, de Mestre de Chancelaria, havia sido dado a mim. Não era um trabalho muito árduo, mas remunerava satisfatoriamente. Raramente perco a cabeça; mais raramente ainda cedo a uma fúria mortal contra injustiças e ultrajes; porém, permitame ser inconsequente aqui ao declarar que considero a extinção abrupta do cargo de Mestre da Chancelaria, pela nova Constituição, um ato... prematuro; já contava com uma vida inteira de lucros, dos quais

mention of myself, my *employees*, my business, my chambers, and general surroundings; because some such description is indispensable to an adequate understanding of the chief character about to be presented. Imprimis: I am a man who, from his youth upwards, has been filled with a profound conviction that the easiest way of life is the best. Hence, though I belong to a profession proverbially energetic and nervous, even to turbulence, at times, yet nothing of that sort have I ever suffered to invade my peace. I am one of those unambitious lawyers who never addresses a jury, or in any way draws down public applause; but in the cool tranquility of a snug retreat, do a snug business among rich men's bonds and mortgages and title-deeds. All who know me, consider me an eminently *safe* man. The late John Jacob Astor, a personage little given to poetic enthusiasm, had no hesitation in pronouncing my first grand point to be prudence; my next, method. I do not speak it in vanity, but simply record the fact, that I was not unemployed in my profession by the late John Jacob Astor; a name which, I admit, I love to repeat, for it hath a rounded and orbicular sound to it, and rings like unto bullion. I will freely add, that I was not insensible to the late John Jacob Astor's good opinion.

Some time prior to the period at which this little history begins, my avocations had been largely increased. The good old office, now extinct in the State of New York, of a Master in Chancery, had been conferred upon me. It was not a very arduous office, but very pleasantly remunerative. I seldom lose my temper; much more seldom indulge in dangerous indignation at wrongs and outrages; but I must be permitted to be rash here and declare, that I consider the sudden and violent abrogation of the office of Master in Chancery, by the new Constitution, as a—premature act; inasmuch as I had counted upon a life-lease of the profits, whereas I only received those of a few short years. But this is by the way.

apenas usufruí poucos anos. Mas isso é desviar do assunto.

Meu escritório ficava nos andares superiores, em Wall Street, número —. De um lado, minhas salas ficavam de frente para a parede branca de um vão espaçoso de iluminação natural e ventilação que percorre o prédio do piso ao topo.

Essa vista poderia ser considerada deveras enfadonha, deficiente daquilo que pintores consideram “vida”. Já a vista do outro lado do escritório oferecia, no mínimo, um contraste, mas nem tanto. Desse lado, minhas janelas comandavam uma vista desobstruída para um muro de tijolos escurecido pelo tempo e pela sombra permanente; tal muro não requeria lupa para se ressaltar suas belezas obscuras, mas, para a sorte dos míopes, estava erigido a apenas três metros das minhas janelas. Devido à grandiosa altura dos prédios ao redor, e minhas salas estando no segundo andar, o espaço entre esse muro e o meu nem um pouco se assemelhava a uma enorme cisterna quadrada.

Anteriormente ao advento de Bartleby, eu tinha dois funcionários como copistas sob minha responsabilidade e um rapaz promissor como *office boy*. Primeiro, Turkey; Segundo, Nippers; Terceiro, Ginger Nut. Esses nomes podem parecer nomes do tipo que não se encontra facilmente na lista telefônica. Na verdade, eram apelidos, mutuamente conferidos pelos próprios, e eram bastante representativos de suas respectivas figuras ou personalidades. Turkey era um inglês baixo, largo, aproximadamente da minha idade, ou seja, não muito longe dos sessenta. Durante a manhã, poderíamos dizer que seu rosto apresentava um meigo matiz florido, mas após o meio-dia — seu horário de jantar — inflamava como uma grelha cheia de carvão natalino<sup>12</sup>; e continuava aceso — mas com um apagamento gradual — até as seis horas da noite aproximadamente; após esse horário, eu não via mais o proprietário do rosto, que,

My chambers were up stairs at No.— Wall-street. At one end they looked upon the white wall of the interior of a spacious skylight shaft, penetrating the building from top to bottom.

This view might have been considered rather tame than otherwise, deficient in what landscape painters call "life." But if so, the view from the other end of my chambers offered, at least, a contrast, if nothing more. In that direction my windows commanded an unobstructed view of a lofty brick wall, black by age and everlasting shade; which wall required no spy-glass to bring out its lurking beauties, but for the benefit of all near-sighted spectators, was pushed up to within ten feet of my window panes. Owing to the great height of the surrounding buildings, and my chambers being on the second floor, the interval between this wall and mine not a little resembled a huge square cistern.

At the period just preceding the advent of Bartleby, I had two persons as copyists in my employment, and a promising lad as an office-boy. First, Turkey; second, Nippers; third, Ginger Nut. These may seem names, the like of which are not usually found in the Directory. In truth they were nicknames, mutually conferred upon each other by my three clerks, and were deemed expressive of their respective persons or characters. Turkey was a short, pury Englishman of about my own age, that is, somewhere not far from sixty. In the morning, one might say, his face was of a fine florid hue, but after twelve o'clock, meridian—his dinner hour—it blazed like a grate full of Christmas coals; and continued blazing—but, as it were, with a gradual wane—till 6 o'clock, P.M. or thereabouts, after which I saw no more of the proprietor of the face, which gaining its meridian with the sun, seemed to set with it, to rise, culminate, and decline the following day, with the like regularity and undiminished glory. There are many singular coincidences I have known in

<sup>12</sup> Um costume antigo em alguns países, em desuso, de dar carvão a crianças ao invés de presentes como castigo por mal comportamento ao longo do ano.

ganhando seu meridiano com o sol, parecia pôr-se com ele, nascer, atingir o zênite e declinar no dia seguinte, com igual regularidade e glória intacta. Há muitas coincidências singulares que tenho visto ao longo da vida, e dentre as mais curiosas estava o fato de que, exatamente quando Turkey emanava raios vermelhos e radiantes do rosto, justamente, também, nesse momento crítico, iniciava o período do dia em que eu achava suas capacidades funcionais seriamente perturbadas, pelo resto das vinte e quatro horas. Não que ficasse absolutamente inativo, ou avesso ao trabalho; longe disso. A dificuldade era que ele estava igualmente apto a ser demasiado energético. Havia uma atividade estranha, inflamada, errática, instável, imprudente nele. Ficava incauto ao mergulhar a caneta no tinteiro. Todas as manchas de tinta em meus documentos eram gotejadas lá após as doze, meridiano. De fato, não só era imprudente e tristemente dado a derramar tinta à tarde, mas também ia além e ficava bem barulhento alguns dias. Nesses dias, seu rosto queimava com uma chama intensa, como se carvão de esporos fosse jogado contra antracito. Fazia de sua cadeira uma desagradável raquete; derramava sua caixa de areia; quando ajeitava as canetas, partia-as impacientemente em pedaços e as lançava ao chão com paixão súbita; erguia-se e inclinava-se sobre a mesa, ajeitando seus papéis da maneira mais indecorosa, muito triste de se ver em um homem de idade como ele. No entanto, como era de várias maneiras valiosíssimo para mim e, antes do meio-dia, era também a criatura mais rápida e firme, realizando muito trabalho em um estilo nada fácil de se equiparar – por tudo isso, estive disposto a fazer vista grossa para suas excentricidades, embora, de fato, ocasionalmente, reclamasse com ele. Eu reclamava com muita gentileza, claro, pois o homem mais civil, minto, o mais brando e reverente de manhã, era, à tarde, o mais disposto, se provocado, a ser levemente bruto com sua língua, ou melhor, insolente mesmo. Agora, valorizando seus serviços matinais como valorizei e decidido a não os perder –

the course of my life, not the least among which was the fact, that exactly when Turkey displayed his fullest beams from his red and radiant countenance, just then, too, at that critical moment, began the daily period when I considered his business capacities as seriously disturbed for the remainder of the twenty-four hours. Not that he was absolutely idle, or averse to business then; far from it. The difficulty was, he was apt to be altogether too energetic. There was a strange, inflamed, flurried, flighty recklessness of activity about him. He would be incautious in dipping his pen into his inkstand. All his blots upon my documents, were dropped there after twelve o'clock, meridian. Indeed, not only would he be reckless and sadly given to making blots in the afternoon, but some days he went further, and was rather noisy. At such times, too, his face flamed with augmented blazonry, as if cannel coal had been heaped on anthracite. He made an unpleasant racket with his chair; spilled his sand-box; in mending his pens, impatiently split them all to pieces, and threw them on the floor in a sudden passion; stood up and leaned over his table, boxing his papers about in a most indecorous manner, very sad to behold in an elderly man like him. Nevertheless, as he was in many ways a most valuable person to me, and all the time before twelve o'clock, meridian, was the quickest, steadiest creature too, accomplishing a great deal of work in a style not easy to be matched—for these reasons, I was willing to overlook his eccentricities, though indeed, occasionally, I remonstrated with him. I did this very gently, however, because, though the civilest, nay, the blandest and most reverential of men in the morning, yet in the afternoon he was disposed, upon provocation, to be slightly rash with his tongue, in fact, insolent. Now, valuing his morning services as I did, and resolved not to lose them; yet, at the same time made uncomfortable by his inflamed ways after twelve o'clock; and being a man of peace, unwilling by my admonitions to call forth unseemly retorts from him; I took upon me, one Saturday noon (he was always worse on Saturdays), to hint to him, very kindly,



ainda que, ao mesmo tempo, desconfortável com seus modos inflamados após as doze – e sendo um homem da paz, não disposto a provocar com minhas advertências objeções desarrazoadas de sua parte, tomei a responsabilidade de, uma tarde de sábado (ele sempre ficava pior aos sábados), insinuar-lhe, muito gentilmente, que, talvez, agora ficando velho, seria o caso de abreviar sua labuta; em suma, não precisaria voltar ao escritório após as doze horas: após o jantar, partiria para seus aposentos e descansaria até o chá. Mas não; ele insistiu em suas devoções vespertinas. Seu semblante se tornou intoleravelmente fêrido, ao passo que eloquentemente me assegurou – gesticulando com uma longa régua da outra sala – que se seus serviços matutinos eram úteis, quão indispensáveis, então, seriam à tarde?

“Com permissão, senhor”, disse Turkey na ocasião, “considero-me seu braço direito. Pela manhã organizo e aprumo minhas colunas; mas à tarde me ponho a encará-las, e galantemente ataco o inimigo, ora!” – e deu um golpe violento com a régua.

“Mas as manchas, Turkey,” intimei.

“Verdade... mas, com permissão, senhor, observe meus cabelos! Estou ficando velho. De certo, senhor, uma ou duas manchas em uma tarde quente não devem severamente recriminar esses cabelos grisalhos. Idade avançada – mesmo com as manchas – é honrável. Com permissão, senhor, nós *dois* estamos ficando velhos.”

Tal apelo à minha solidariedade era difícil de resistir. De toda forma, percebi que embora ele não iria. Então, aceitei e decidi deixá-lo ficar, no entanto, garantindo que à tarde pegasse só papéis sem importância.

Nippers, o segundo da lista, era um jovem bigodudo, amarelado e, no geral, bem parecido com um pirata em seus vinte e cinco. Sempre o vi como uma vítima de dois males – ambição e indigestão. A ambição era evidente em uma certa impaciência com os afazeres de um mero copista, uma usurpação sem justificativa de questões estritamente profissionais, como a confecção de documentos legais. Já a indigestão estava representada na ocasional inquietação

that perhaps now that he was growing old, it might be well to abridge his labors; in short, he need not come to my chambers after twelve o'clock, but, dinner over, had best go home to his lodgings and rest himself till teatime. But no; he insisted upon his afternoon devotions. His countenance became intolerably fervid, as he oratorically assured me—gesticulating with a long ruler at the other end of the room—that if his services in the morning were useful, how indispensable, then, in the afternoon?

"With submission, sir," said Turkey on this occasion, "I consider myself your right-hand man. In the morning I but marshal and deploy my columns; but in the afternoon I put myself at their head, and gallantly charge the foe, thus!"—and he made a violent thrust with the ruler.

"But the blots, Turkey," intimated I.

"True,—but, with submission, sir, behold these hairs! I am getting old. Surely, sir, a blot or two of a warm afternoon is not to be severely urged against gray hairs. Old age—even if it blot the page—is honorable. With submission, sir, we *both* are getting old."

This appeal to my fellow-feeling was hardly to be resisted. At all events, I saw that go he would not. So I made up my mind to let him stay, resolving, nevertheless, to see to it, that during the afternoon he had to do with my less important papers.

Nippers, the second on my list, was a whiskered, sallow, and, upon the whole, rather piratical-looking young man of about five and twenty. I always deemed him the victim of two evil powers—ambition and indigestion. The ambition was evinced by a certain impatience of the duties of a mere copyist, an unwarrantable usurpation of strictly professional affairs, such as the original drawing up of legal documents. The indigestion seemed betokened in an occasional nervous testiness and grinning irritability, causing the teeth to audibly grind together over mistakes committed in copying; unnecessary maledictions, hissed,

nervosa e no sorriso irritadiço que rangia os dentes audivelmente ao cometer erros na cópia; impropérios desnecessários, sibilados, ao invés de falados, no calor do trabalho; e especialmente no descontentamento sem fim com a altura da mesa onde trabalhava. Mesmo dispondo de engenhoso sistema mecânico, Nippers jamais conseguiu aprumar sua mesa a contento. Punha calços debaixo, blocos de vários tipos, pedaços de papelão, e até chegou ao ponto de tentar um ajuste singular, com pedaços de papel mata-borrão dobrado. Mas nenhuma invenção resolvia. Se, com o intuito de aliviar as costas, trouxesse a mesa bem para cima do queixo a um ângulo agudo, e escrevesse lá como quem usa o telhado íngreme de uma típica casa holandesa como mesa, ele então diria que interrompia a circulação dos braços. Se baixasse a mesa para a altura da cintura e se debruçasse para escrever, aí já eram as costas que doíam. Em suma, a verdade era que Nippers não tinha ideia do que queria. Ou, se queria algo, era livrar-se de uma mesa de copista de uma vez por todas. Dentre as manifestações de sua ambição doentia estava uma afinidade que nutria de receber visitas de sujeitos de aparência duvidosa em paletós vagabundos, que chamava de clientes. De fato, sabia bem que ele, às vezes, era digno de um verdadeiro político, mas que ocasionalmente fazia pequenos negócios nos pátios do Tribunal, e que não era desconhecido nas escadarias das Tumbas<sup>13</sup>. Tenho bons motivos para acreditar que, no entanto, um indivíduo que o procurou em meu escritório, e quem, com um ar nobre, ele insistiu ser apenas cliente, se tratava de um cobrador, e o suposto título de propriedade em mãos, uma conta. Porém, com todos seus defeitos, e os distúrbios que me causou, Nippers, como seu compatriota Turkey, era um homem muito útil; escrevia com mão suave, firme; e, quando assim escolhia, não era deficiente em conduta cavalheiresca. Ademais, costumava se vestir como um cavalheiro; assim, incidentalmente,

rather than spoken, in the heat of business; and especially by a continual discontent with the height of the table where he worked. Though of a very ingenious mechanical turn, Nippers could never get this table to suit him. He put chips under it, blocks of various sorts, bits of pasteboard, and at last went so far as to attempt an exquisite adjustment by final pieces of folded blotting paper. But no invention would answer. If, for the sake of easing his back, he brought the table lid at a sharp angle well up towards his chin, and wrote there like a man using the steep roof of a Dutch house for his desk:—then he declared that it stopped the circulation in his arms. If now he lowered the table to his waistbands, and stooped over it in writing, then there was a sore aching in his back. In short, the truth of the matter was, Nippers knew not what he wanted. Or, if he wanted any thing, it was to be rid of a scrivener's table altogether. Among the manifestations of his diseased ambition was a fondness he had for receiving visits from certain ambiguous-looking fellows in seedy coats, whom he called his clients. Indeed I was aware that not only was he, at times, considerable of a ward-politician, but he occasionally did a little business at the Justices' courts, and was not unknown on the steps of the Tombs. I have good reason to believe, however, that one individual who called upon him at my chambers, and who, with a grand air, he insisted was his client, was no other than a dun, and the alleged title-deed, a bill. But with all his failings, and the annoyances he caused me, Nippers, like his compatriot Turkey, was a very useful man to me; wrote a neat, swift hand; and, when he chose, was not deficient in a gentlemanly sort of deportment. Added to this, he always dressed in a gentlemanly sort of way; and so, incidentally, reflected credit upon my chambers. Whereas with respect to Turkey, I had much ado to keep him from being a reproach to me. His clothes were apt to look oily and smell of eating-houses. He wore his

<sup>13</sup> O Complexo de Detenção de Manhattan, uma prisão que ostentava uma arquitetura faraônica na época de Melville, ao estilo egípcio clássico, o que a conferiu o apelido – muito bem-vindo para o túmulo de Bartleby.

conferia credibilidade a meu escritório. Porém, em relação a Turkey, tive muito trabalho para evitar que se tornasse um embaraço para mim. Suas roupas aparentavam gordurosas e cheiravam a lanchonetes. Usava calças frouxas e largas no verão. Seus paletós eram execráveis; sua cartola não poderia ser manejada. Mas a cartola era indiferente à medida que sua natural civilidade e docilidade inglesas sempre o faziam retirá-la no momento que adentrasse na sala. O casaco era outro assunto. Em relação a estes, reclamava com ele; mas era inútil. A verdade era que, suponho, um homem com tão escassa receita não poderia pagar por um rosto lustrado e um casaco lustrado ao mesmo tempo. Como Nippers certa vez observou, o dinheiro de Turkey escorria diretamente para o vinho. Num dia de inverno, presenteei Turkey com um casaco meu de alto nível – cinza acolchoado, aquecimento muito satisfatório, abotoado do joelho ao pescoço. Pensei que Turkey fosse apreciar o favor e abater a indomabilidade e insensatez vespertina. Mas não. Aposto que usar um casaco tão suave e estiloso tinha um efeito pernicioso nele – partindo do mesmo princípio que aveia demais seja ruim para cavalos. Inclusive, dizem que um cavalo impetuoso e rebelde sente sua aveia – assim também Turkey sentia seu casaco. Isso o tornava insolente. Ele era um homem a quem prosperidade era prejudicial.

Embora tivesse minhas próprias conjecturas a respeito dos hábitos autocomplacentes de Turkey, em relação a Nippers estava bem convicto que, quaisquer que fossem suas falhas em outros assuntos, ele era, no mínimo, um jovem de temperamento moderado. Porém, de fato, a própria natureza parecia ter sido sua vinicultora e, ao nascer, o deu uma altíssima dose de disposição irritável feito conhaque, que dispensa degustações subsequentes. Quando recordo, em meio ao marasmo do trabalho, do modo como Nippers levantava impaciente de sua cadeira, debruçava-se sobre sua mesa e, com sua envergadura, agarrava o birô inteiro e o arrastava,

pantaloons very loose and baggy in summer. His coats were execrable; his hat not to be handled. But while the hat was a thing of indifference to me, inasmuch as his natural civility and deference, as a dependent Englishman, always led him to doff it the moment he entered the room, yet his coat was another matter. Concerning his coats, I reasoned with him; but with no effect. The truth was, I suppose, that a man of so small an income, could not afford to sport such a lustrous face and a lustrous coat at one and the same time. As Nippers once observed, Turkey's money went chiefly for red ink. One winter day I presented Turkey with a highly-respectable looking coat of my own, a padded gray coat, of a most comfortable warmth, and which buttoned straight up from the knee to the neck. I thought Turkey would appreciate the favor, and abate his rashness and obstreperousness of afternoons. But no. I verily believe that buttoning himself up in so downy and blanket-like a coat had a pernicious effect upon him; upon the same principle that too much oats are bad for horses. In fact, precisely as a rash, restive horse is said to feel his oats, so Turkey felt his coat. It made him insolent. He was a man whom prosperity harmed.

Though concerning the self-indulgent habits of Turkey I had my own private surmises, yet touching Nippers I was well persuaded that whatever might be his faults in other respects, he was, at least, a temperate young man. But indeed, nature herself seemed to have been his vintner, and at his birth charged him so thoroughly with an irritable, brandy-like disposition, that all subsequent potations were needless. When I consider how, amid the stillness of my chambers, Nippers would sometimes impatiently rise from his seat, and stooping over his table, spread his arms wide apart, seize the whole desk, and move it, and jerk it, with a grim, grinding motion on the floor, as if the table were a perverse voluntary agent, intent on thwarting and vexing him; I plainly perceive that for Nippers, brandy and water were altogether superfluous.

chacoalhava, com um tremor terrível no chão, como se a mesa tivesse vontade própria e fosse perversa, tentando resistir a ele e o irritar, percebo com clareza que, para Nippers, tanto conhaque quanto água seriam igualmente supérfluos.

Para minha sorte, devido a causa tão peculiar – indigestão – a irritabilidade e o conseqüente nervosismo de Nippers eram observáveis principalmente pela manhã, enquanto estava relativamente suave à tarde. Assim, com os paroxismos de Turkey apenas a partir das doze, jamais precisei lidar com suas excentricidades ao mesmo tempo. Seus surtos tomavam turnos, como guardas. Se o de Nippers estivesse em serviço, o de Turkey estaria de folga; e vice-versa. Era um bom arranjo natural, dadas as circunstâncias.

Ginger Nut, o terceiro da lista, era um garoto de uns doze anos. Seu pai era um cocheiro, ambicioso para ver o filho num banco que não fosse de carroça antes de morrer. Então, enviou-o a meu escritório como um estagiário de direito, garoto de recados, limpador, varredor, tudo pela tarifa de um dólar por semana. Tinha um pequeno birô para si, mas não usava muito. Se inspecionada, sua gaveta revelaria uma grande variedade de cascas de vários tipos de nozes. De fato, para esse mocinho sagaz, toda a nobre ciência da lei caberia numa casca de noz. Dentre as tarefas de Ginger Nut, uma que ele dispensava sem pensar duas vezes era o cargo de fornecedor de bolo e maçã para Turkey e Nippers. Copiar documentos legais é notoriamente um serviço seco e cascudo, logo meus dois escriturários sujeitavam-se a umedecer a boca frequentemente com Spitzbergs<sup>14</sup>, encontradas nas numerosas quitandas nos arredores da Alfândega e Correios. Também mandavam Ginger Nut atrás daquele bolo peculiar – pequeno, achatado, redondo e muito apimentado – que lhe conferiu a alcunha. Em uma manhã fria, com o serviço bem monótono, Turkey devorava um punhado desses bolinhos como se fossem *wafers* – realmente, são vendidos pelo valor de seis ou oito por um centavo – o

It was fortunate for me that, owing to its peculiar cause—indigestion—the irritability and consequent nervousness of Nippers, were mainly observable in the morning, while in the afternoon he was comparatively mild. So that Turkey's paroxysms only coming on about twelve o'clock, I never had to do with their eccentricities at one time. Their fits relieved each other like guards. When Nippers' was on, Turkey's was off; and vice versa. This was a good natural arrangement under the circumstances.

Ginger Nut, the third on my list, was a lad some twelve years old. His father was a carman, ambitious of seeing his son on the bench instead of a cart, before he died. So he sent him to my office as student at law, errand boy, and cleaner and sweeper, at the rate of one dollar a week. He had a little desk to himself, but he did not use it much. Upon inspection, the drawer exhibited a great array of the shells of various sorts of nuts. Indeed, to this quick-witted youth the whole noble science of the law was contained in a nutshell. Not the least among the employments of Ginger Nut, as well as one which he discharged with the most alacrity, was his duty as cake and apple purveyor for Turkey and Nippers. Copying law papers being proverbially dry, husky sort of business, my two scribes were fain to moisten their mouths very often with Spitzbergs to be had at the numerous stalls nigh the Custom House and Post Office. Also, they sent Ginger Nut very frequently for that peculiar cake—small, flat, round, and very spicy—after which he had been named by them. Of a cold morning when business was but dull, Turkey would gobble up scores of these cakes, as if they were mere wafers—indeed they sell them at the rate of six or eight for a penny—the scrape of his pen blending with the crunching of the crisp particles in his mouth. Of all the fiery afternoon blunders and flurried rashnesses of Turkey, was his once moistening a ginger-cake between his lips, and clapping it on to a mortgage for a

<sup>14</sup> Maças típicas dos mercados de rua em Nova Iorque na época.

riscado da caneta se misturando com o som crocante dos pedaços na boca. Dentre desaforos acalorados e vacilos inflamados, Turkey uma vez mascou um bolinho de gengibre e o cuspiu numa hipoteca, como se fosse o selo. Por muito pouco não o demiti naquele dia, mas me amoleceu com uma reverência oriental, dizendo “Com permissão, senhor, foi generoso da minha parte supri-lo com itens de papelaria por minha conta”.

À época, meu negócio original – o de consultor em transferência de imóveis, caçatítulos de propriedade e autor de toda sorte de documentos recônditos – vinha crescendo consideravelmente com o cargo na chancelaria. Havia, então, bastante serviço para escriturários. Não bastaria pressionar os funcionários já a meu serviço, precisaria também buscar ajuda adicional.

Em resposta ao meu anúncio, um moço inerte uma manhã se encontrava de pé no umbral do meu escritório, estando a porta aberta, pois era verão. Consigo ver aquela figura agora – palidamente limpo, penosamente respeitável, incuravelmente desvalido! Era Bartleby.

Após poucas palavras sobre suas qualificações, acolhi-o, grato por ter dentre meus copistas um homem de aspecto tão singularmente sedado, o qual pensei poder operar beneficentemente frente ao volúvel temperamento de Turkey e o ígneo de Nippers.

Deveria ter já mencionado que portas de vidro dobráveis dividiam o escritório em duas partes, uma ocupada por meus copistas, a outra por mim. De acordo com o humor, abria bem essas portas ou fechava. Resolvi designar a Bartleby um cantinho junto a elas, mas do meu lado, de modo que tivesse esse homem quieto às ordens caso alguma coisa trivial tivesse de ser feita. Pus seu birô debaixo de uma janelinha naquela parte da sala, que originalmente lograra uma vista lateral para tijolos e quintais sujos, porém, devido a sucessivas ereções, não comandava mais vista alguma, mas provia um pouco de luz. Em menos de um metro da janela havia uma parede, e a luz vinha de uma pequena

seal. I came within an ace of dismissing him then. But he mollified me by making an oriental bow, and saying—“With submission, sir, it was generous of me to find you in stationery on my own account.”

Now my original business—that of a conveyancer and title hunter, and drawer-up of recondite documents of all sorts—was considerably increased by receiving the master's office. There was now great work for scribes. Not only must I push the clerks already with me, but I must have additional help.

In answer to my advertisement, a motionless young man one morning, stood upon my office threshold, the door being open, for it was summer. I can see that figure now—pallidly neat, pitiably respectable, incurably forlorn! It was Bartleby.

After a few words touching his qualifications, I engaged him, glad to have among my corps of copyists a man of so singularly sedate an aspect, which I thought might operate beneficially upon the flighty temper of Turkey, and the fiery one of Nippers.

I should have stated before that ground glass folding-doors divided my premises into two parts, one of which was occupied by my scribes, the other by myself. According to my humor I threw open these doors, or closed them. I resolved to assign Bartleby a corner by the folding-doors, but on my side of them, so as to have this quiet man within easy call, in case any trifling thing was to be done. I placed his desk close up to a small side-window in that part of the room, a window which originally had afforded a lateral view of certain grimy backyards and bricks, but which, owing to subsequent erections, commanded at present no view at all, though it gave some light. Within three feet of the panes was a wall, and the light came down from far above, between two lofty buildings, as from a very small opening in a dome. Still further to a satisfactory arrangement, I procured a high green folding screen, which might entirely isolate Bartleby from my sight, though not

abertura em domo lá de cima, espremida pelos dois prédios. Ainda para um arranjo mais satisfatório, providenciei um biombo alto verde, que isolava Bartleby inteiramente da minha vista, mas não da minha voz. Assim, de um modo, privacidade e sociedade casavam.

Num primeiro momento, Bartleby executava uma quantidade exorbitante de escrita. Como se há muito faminto por cópias, engolia meus documentos. Nada de pausa para digestão. Trabalhava manhã e noite, copiando à luz da aurora e à luz de velas. Eu deveria ter ficado bem satisfeito com sua aplicação, tivesse ele sido alegremente diligente. Mas ele escrevia silenciosamente, palidamente, mecanicamente.

Claro, parte indispensável do serviço de um escriturário é verificar a acurácia de sua cópia, palavra por palavra. Quando há dois ou mais escriturários, eles se auxiliam neste exame, um lendo a cópia e o outro, o original. É um negócio realmente monótono, cansativo e letárgico. Consigo facilmente imaginar que, para temperamentos sanguíneos, seria altamente intolerável. Não posso assegurar, digamos, que o espirituoso poeta Byron sentaria contente com Bartleby para examinar um documento legal de, suponhamos, quinhentas páginas, escritas a garranchos por mãos trêmulas.

Vez ou outra, no ímpeto do trabalho, fora meu hábito assistir na verificação de algum documento breve, chamando Turkey ou Nippers para esse propósito. Meu objetivo, ao colocar Bartleby tão disponível no biombo, era me dar o luxo de seus serviços em tais ocasiões triviais. Foi no terceiro dia, acho, desde sua chegada, e antes de qualquer necessidade de checagem da sua própria escrita, que, estando muito apressado para uma pequena tarefa que tinha em mãos, abruptamente convoquei Bartleby. Em minha pressa e natural expectativa de resposta instantânea, sentei com a cabeça debruçada sobre o original em minha mesa e a mão direita estendida nervosamente para o lado com a cópia, de modo que, prontamente

remove him from my voice. And thus, in a manner, privacy and society were conjoined.

At first Bartleby did an extraordinary quantity of writing. As if long famishing for something to copy, he seemed to gorge himself on my documents. There was no pause for digestion. He ran a day and night line, copying by sun-light and by candle-light. I should have been quite delighted with his application, had he been cheerfully industrious. But he wrote on silently, palely, mechanically.

It is, of course, an indispensable part of a scrivener's business to verify the accuracy of his copy, word by word. Where there are two or more scribes in an office, they assist each other in this examination, one reading from the copy, the other holding the original. It is a very dull, wearisome, and lethargic affair. I can readily imagine that to some sanguine temperaments it would be altogether intolerable. For example, I cannot credit that the mettlesome poet Byron would have contentedly sat down with Bartleby to examine a law document of, say five hundred pages, closely written in a crimped hand.

Now and then, in the haste of business, it had been my habit to assist in comparing some brief document myself, calling Turkey or Nippers for this purpose. One object I had in placing Bartleby so handy to me behind the screen, was to avail myself of his services on such trivial occasions. It was on the third day, I think, of his being with me, and before any necessity had arisen for having his own writing examined, that, being much hurried to complete a small affair I had in hand, I abruptly called to Bartleby. In my haste and natural expectancy of instant compliance, I sat with my head bent over the original on my desk, and my right hand sideways, and somewhat nervously extended with the copy, so that immediately upon emerging from his retreat, Bartleby might snatch it and proceed to business without the least delay.

In this very attitude did I sit when I called to him, rapidly stating what it was I

saltando de seu refúgio, Bartleby alcançá-la e partiríamos para o trabalho sem demora.

Nessa exata posição sentei quando o chamei, rapidamente enunciando o que queria que fizesse – a saber, examinar um pequeno documento comigo. Imagine a surpresa, ou melhor, a consternação quando, sem se mover de sua privacidade, Bartleby, numa voz singularmente singela, firme, respondeu: “Preferiria não”.

Fiquei sentado por um tempo em silêncio, brigando contra minhas faculdades atônitas. Imediatamente ocorreu que minhas orelhas teriam me enganado ou que Bartleby tivesse entendido completamente errado o que quis dizer. Repeti a requisição no tom mais claro que pude; mas em tom tão claro quanto veio a resposta: “Preferiria não”.

“Preferiria não”, ecoei, levantando-me exaltado e cruzando a sala a passos largos. “O que quer dizer? Está desvairado? Quero que me ajude a comparar esta folha aqui – tome”, e joguei para ele.

“Preferiria não”, disse.

Olhei para ele veementemente. Seu rosto, um semblante magro; seu olhar cinzento, apagadamente calmo. Nem uma ruga sequer de agitação. Houvesse ali qualquer desconforto, raiva, impaciência ou impertinência em seus modos, em outras palavras, caso houvesse qualquer coisa ordinariamente humana nele, sem dúvida o teria violentamente expulsado do escritório. Porém, como estava, deveria ter logo pensado em arremessar fora meu busto pálido em gesso de Cícero. Fiquei de pé, encarando-o por um tempo, enquanto ele seguia escrevendo, depois sentei novamente em minha mesa. Isso é muito estranho, pensei, o que deveria fazer? Mas os negócios me chamavam. Concluí que deveria esquecer o ocorrido no momento, guardando a solução para uma próxima folga. Então, chamando Nippers da outra sala, o papel foi rapidamente examinado.

Dias depois, Bartleby concluiu quatro documentos longos, sendo quatro duplicatas de uma semana de testemunho feito para mim na Alta Corte de Chancelaria. Era necessário examiná-las. Era uma questão séria e alto

wanted him to do—namely, to examine a small paper with me. Imagine my surprise, nay, my consternation, when without moving from his privacy, Bartleby in a singularly mild, firm voice, replied, "I would prefer not to."

I sat awhile in perfect silence, rallying my stunned faculties. Immediately it occurred to me that my ears had deceived me, or Bartleby had entirely misunderstood my meaning. I repeated my request in the clearest tone I could assume. But in quite as clear a tone came the previous reply, "I would prefer not to."

"Prefer not to," echoed I, rising in high excitement, and crossing the room with a stride. "What do you mean? Are you moon-struck? I want you to help me compare this sheet here—take it," and I thrust it towards him.

"I would prefer not to," said he.

I looked at him steadfastly. His face was leanly composed; his gray eye dimly calm. Not a wrinkle of agitation rippled him. Had there been the least uneasiness, anger, impatience or impertinence in his manner; in other words, had there been any thing ordinarily human about him, doubtless I should have violently dismissed him from the premises. But as it was, I should have as soon thought of turning my pale plaster-of-paris bust of Cicero out of doors. I stood gazing at him awhile, as he went on with his own writing, and then reseated myself at my desk. This is very strange, thought I. What had one best do? But my business hurried me. I concluded to forget the matter for the present, reserving it for my future leisure. So calling Nippers from the other room, the paper was speedily examined.

A few days after this, Bartleby concluded four lengthy documents, being quadruplicates of a week's testimony taken before me in my High Court of Chancery. It became necessary to examine them. It was an important suit, and great accuracy was imperative. Having all things arranged I called Turkey, Nippers and Ginger Nut from the next room, meaning to place the four copies in the hands of my four clerks, while I

nível de acurácia era imperativo. Estando tudo arranjado, convoquei Turkey, Nippers e Ginger Nut da sala ao lado, intencionado em entregar as quatro cópias nas mãos de meus quatro funcionários, enquanto eu lia o original. De acordo, Turkey, Nippers e Ginger Nut tomaram seus assentos em uma fileira, cada um com seu documento em mãos, quando convoquei Bartleby para juntar-se a esse interessante grupo.

"Bartleby! Rápido, estou esperando."

Ouvi um lento arranhar de pernas da cadeira no chão sem tapete, e logo ele apareceu de pé na entrada de seu refúgio.

"O que é requisitado?", disse ele, suavemente.

"As cópias, as cópias", disse eu, apressado. "Iremos examiná-las. Tome" – e aponte em sua direção a última duplicata.

"Preferiria não", respondeu e gentilmente desapareceu atrás do biombo.

Por alguns instantes virei uma estátua de sal, de pé diante da fileira de funcionários sentados. Recuperando-me, avancei em direção ao biombo e exigi a razão para tal conduta extraordinária.

"*Por que* você recusa?"

"Preferiria não."

Com qualquer outro homem, teria voado para cima com terrível fervor, dispensado qualquer palavra, e o atirado vergonhosamente para longe. Mas tinha algo estranho em Bartleby que não apenas me desarmava, mas de maneira maravilhosa também me desconcertava e tocava. Comecei a discutir com ele.

"Estas são suas cópias que estamos prestes a examinar. Economiza trabalho para você, já que um só exame irá verificar todas as suas quatro cópias. É de praxe. Todo copista tem o dever de examinar sua cópia. Não é assim? Não vai dizer nada? Responda!"

"Prefiro não", respondeu com um tom de flauta. Parecia que, embora estivesse me dirigindo a ele, cuidadosamente revolia cada frase minha; compreendia perfeitamente o sentido; não conseguia sobrepujar a irresistível conclusão; mas, ao mesmo tempo,

should read from the original. Accordingly Turkey, Nippers and Ginger Nut had taken their seats in a row, each with his document in hand, when I called to Bartleby to join this interesting group.

"Bartleby! quick, I am waiting."

I heard a slow scrape of his chair legs on the uncarpeted floor, and soon he appeared standing at the entrance of his hermitage.

"What is wanted?" said he mildly.

"The copies, the copies," said I hurriedly. "We are going to examine them. There"—and I held towards him the fourth quadruplicate.

"I would prefer not to," he said, and gently disappeared behind the screen.

For a few moments I was turned into a pillar of salt, standing at the head of my seated column of clerks. Recovering myself, I advanced towards the screen, and demanded the reason for such extraordinary conduct.

"*Why* do you refuse?"

"I would prefer not to."

With any other man I should have flown outright into a dreadful passion, scorned all further words, and thrust him ignominiously from my presence. But there was something about Bartleby that not only strangely disarmed me, but in a wonderful manner touched and disconcerted me. I began to reason with him.

"These are your own copies we are about to examine. It is labor saving to you, because one examination will answer for your four papers. It is common usage. Every copyist is bound to help examine his copy. Is it not so? Will you not speak? Answer!"

"I prefer not to," he replied in a flute-like tone. It seemed to me that while I had been addressing him, he carefully revolved every statement that I made; fully comprehended the meaning; could not gainsay the irresistible conclusions; but, at the same time, some paramount consideration prevailed with him to reply as he did.



alguma consideração primordial prevalecia dentro dele para responder daquele jeito.

“Você está decidido, então, a não responder à minha ordem – ordem feita de acordo com o senso comum e o uso comum?”

Ele brevemente me fez entender que, naquele ponto, meu julgamento estava razoável. Sim: sua decisão era irreversível.

Não raro, um homem que é intimidado de modo violentamente desarrazoado, sem precedentes, começa a vacilar na sua mais plena convicção. Ele começa a vagamente conjecturar se, por mais maravilhosa que seja, toda a justiça e toda a razão estariam do outro lado. Dessa forma, se há alguém imparcial presente, vira-se para esta pessoa em busca de reforço para sua própria mente enfraquecida.

“Turkey”, eu disse, “o que você acha disso? Não estou correto?”

“Com permissão, senhor”, Turkey disse no tom mais brando, “acho que o senhor está”.

“Nippers”, eu disse, “o que *você* acha disso?” “Eu acho que eu deveria chutá-lo para fora do escritório.”

(O leitor de boa percepção notará que, sendo manhã, a resposta de Turkey é revestida de termos polidos e tranquilos, mas Nippers responde com termos mal-humorados. Ou, repetindo alguma frase anterior, o péssimo humor de Nippers estava em serviço e o de Turkey de folga.)

“Ginger Nut,” eu disse, desejando alistar o menor voto em meu favor, “o que você acha disso?”

“Eu acho, senhor, que ele é um pouco *pirado*”, respondeu Ginger Nut, com um sorriso aberto.

“Você ouviu,” eu disse, virando para o biombo, “venha e cumpra sua obrigação.”

Mas ele não prometeu resposta. Ponderei por um instante em dura perplexidade. Só que mais uma vez os negócios me chamavam. Decidi adiar novamente a consideração desse dilema para uma próxima folga. Com um pouco de esforço, conseguimos examinar os papéis sem Bartleby, embora a cada página ou duas Turkey soltava cerimonialmente sua opinião

“You are decided, then, not to comply with my request—a request made according to common usage and common sense?”

He briefly gave me to understand that on that point my judgment was sound. Yes: his decision was irreversible.

It is not seldom the case that when a man is browbeaten in some unprecedented and violently unreasonable way, he begins to stagger in his own plainest faith. He begins, as it were, vaguely to surmise that, wonderful as it may be, all the justice and all the reason is on the other side. Accordingly, if any disinterested persons are present, he turns to them for some reinforcement for his own faltering mind.

“Turkey,” said I, “what do you think of this? Am I not right?”

“With submission, sir,” said Turkey, with his blandest tone, “I think that you are.”

“Nippers,” said I, “what do *you* think of it?” “I think I should kick him out of the office.”

(The reader of nice perceptions will here perceive that, it being morning, Turkey's answer is couched in polite and tranquil terms, but Nippers replies in ill-tempered ones. Or, to repeat a previous sentence, Nippers' ugly mood was on duty and Turkey's off.)

“Ginger Nut,” said I, willing to enlist the smallest suffrage in my behalf, “what do you think of it?”

“I think, sir, he's a little *lunny*,” replied Ginger Nut with a grin.

“You hear what they say,” said I, turning towards the screen, “come forth and do your duty.”

But he vouchsafed no reply. I pondered a moment in sore perplexity. But once more business hurried me. I determined again to postpone the consideration of this dilemma to my future leisure. With a little trouble we made out to examine the papers without Bartleby, though at every page or two, Turkey deferentially dropped his opinion that this proceeding was quite out of the common; while Nippers, twitching in his chair with a dyspeptic nervousness, ground out between his set teeth occasional hissing

sobre esse procedimento estar bem fora do comum; enquanto Nippers, tremendo em sua cadeira com nervosismo dispéptico, rangeu pelos dentes cerrados algumas maldições ocasionais contra o pulha teimoso atrás do biombo. E por sua parte, Nippers garantiu que esta seria a primeira e última vez que faria o serviço de outrem sem pagamento.

Enquanto isso, Bartleby sentava em seu refúgio, oblvio a tudo exceto seu próprio serviço peculiar.

Dias passaram, o escriturário foi designado a outro trabalho extenso. Sua última e marcante conduta me levou a considerar seus meios meticulosamente. Observei que ele nunca saía para jantar; na verdade, ele nunca saía para lugar algum. Até então, nunca soube se ele já estivera fora do meu escritório. Era um sentinela perpétuo no canto. Mais ou menos às onze horas, porém, pela manhã, notei que Ginger Nut avançava em direção à abertura no biombo de Bartleby, como se chamado por um gesto invisível para mim. O garoto saíra então do escritório, chacoalhando alguns centavos, e depois reapareceria com um punhado de bolinhos de gergelim, que deixava no refúgio, recebendo dois deles por seu trabalho.

Ele vive, então, de bolinhos de gengibre, pensei; nunca janta, propriamente falando; deve ser vegetariano, então; mas não, nunca come nem vegetais; come nada senão bolinhos de gengibre. Minha mente logo partiu em devaneios sobre os prováveis efeitos na constituição humana por viver unicamente de bolinhos de gengibre. Bolinhos de gengibre são assim chamados por conterem gengibre como um de seus ingredientes peculiares, e pelo sabor final. Agora, o que é gengibre? Uma coisa ardente, apimentada. Bartleby era ardente e apimentado? De modo algum. Gengibre, então, não surtia efeito sobre Bartleby. Provavelmente, ele preferia que não surtisse mesmo.

Nada agrava mais a pessoa honesta que uma resistência passiva. Se o indivíduo a ser resistido não for de temperamento inumano, e o que resiste perfeitamente incólume em sua passividade, então, no

maledictions against the stubborn oaf behind the screen. And for his (Nippers') part, this was the first and the last time he would do another man's business without pay.

Meanwhile Bartleby sat in his hermitage, oblivious to every thing but his own peculiar business there.

Some days passed, the scrivener being employed upon another lengthy work. His late remarkable conduct led me to regard his ways narrowly. I observed that he never went to dinner; indeed that he never went any where. As yet I had never of my personal knowledge known him to be outside of my office. He was a perpetual sentry in the corner. At about eleven o'clock though, in the morning, I noticed that Ginger Nut would advance toward the opening in Bartleby's screen, as if silently beckoned thither by a gesture invisible to me where I sat. The boy would then leave the office jingling a few pence, and reappear with a handful of ginger-nuts which he delivered in the hermitage, receiving two of the cakes for his trouble.

He lives, then, on ginger-nuts, thought I; never eats a dinner, properly speaking; he must be a vegetarian then; but no; he never eats even vegetables, he eats nothing but ginger-nuts. My mind then ran on in reveries concerning the probable effects upon the human constitution of living entirely on ginger-nuts. Ginger-nuts are so called because they contain ginger as one of their peculiar constituents, and the final flavoring one. Now what was ginger? A hot, spicy thing. Was Bartleby hot and spicy? Not at all. Ginger, then, had no effect upon Bartleby. Probably he preferred it should have none.

Nothing so aggravates an earnest person as a passive resistance. If the individual so resisted be of a not inhumane temper, and the resisting one perfectly harmless in his passivity; then, in the better moods of the former, he will endeavor charitably to construe to his imagination what proves impossible to be solved by his judgment. Even so, for the most part, I regarded Bartleby and his ways. Poor fellow! thought I, he means no mischief; it is plain he

melhor humor daquele, ele caridosamente parte em jornada para analisar na imaginação o que se prova de impossível resolução por seu julgamento. Ainda assim, na maior parte, respeitava Bartleby e seus meios. Pobre coitado!, pensei, ele não faz por mal; está claro que não pretende ser insolente; seu aspecto evidencia que suas excentricidades são involuntárias. Ele é útil para mim. Posso me dar bem com ele. Se o despedir, há muita chance de cair nas mãos de patrão menos indulgente, sendo tratado rudemente e talvez miseravelmente induzido a morrer de fome. Sim. Posso aqui comprar facilmente uma deliciosa autoaprovação. Ser amigo de Bartleby, agradá-lo em sua estranha casmurrice iria me custar pouco ou nada, enquanto arremetia sobre minh'alma o que, ao final, provaria ser um doce apêndice para minha consciência. Porém, este humor não era invariável comigo. A passividade de Bartleby às vezes me irritava. Sentia-me estranhamente induzido a encontrá-lo em nova oposição, para suscitar alguma fagulha raivosa dele responsiva à minha. Mas, de certo poderia muito bem também ter tentado fazer fogo esfregando os dedos num sabonete Windsor. Porém, uma tarde, o maligno impulso tomou conta e a seguinte cena se deu:

"Bartleby," disse, "quando aqueles papéis estiverem todos copiados, irei compará-los com você."

"Preferiria não."

"Como? Certamente, você não quer insistir nesse capricho recusatório?"

Sem resposta.

Escancarei as portas e, virando-me para Nippers e Turkey, exclamei: "Bartleby uma segunda vez diz que não irá examinar seus papéis. O que acha disso, Turkey?"

Estava de tarde, que fique registrado. Turkey estava sentado brilhando feito uma caldeira de bronze; a careca esfumando; as mãos velozmente remexendo os mata-borrões.

"Acho disso?" urrou Turkey; "Eu acho que vou atravessar esse biombo e deixar seus olhos roxos!"

intends no insolence; his aspect sufficiently evinces that his eccentricities are involuntary. He is useful to me. I can get along with him. If I turn him away, the chances are he will fall in with some less indulgent employer, and then he will be rudely treated, and perhaps driven forth miserably to starve. Yes. Here I can cheaply purchase a delicious self-approval. To befriend Bartleby; to humor him in his strange willfulness, will cost me little or nothing, while I lay up in my soul what will eventually prove a sweet morsel for my conscience. But this mood was not invariable with me. The passiveness of Bartleby sometimes irritated me. I felt strangely goaded on to encounter him in new opposition, to elicit some angry spark from him answerable to my own. But indeed I might as well have essayed to strike fire with my knuckles against a bit of Windsor soap. But one afternoon the evil impulse in me mastered me, and the following little scene ensued:

"Bartleby," said I, "when those papers are all copied, I will compare them with you."

"I would prefer not to."

"How? Surely you do not mean to persist in that mulish vagary?"

No answer.

I threw open the folding-doors near by, and turning upon Turkey and Nippers, exclaimed in an excited manner— "He says, a second time, he won't examine his papers. What do you think of it, Turkey?"

It was afternoon, be it remembered. Turkey sat glowing like a brass boiler, his bald head steaming, his hands reeling among his blotted papers.

"Think of it?" roared Turkey; "I think I'll just step behind his screen, and black his eyes for him!"

So saying, Turkey rose to his feet and threw his arms into a pugilistic position. He was hurrying away to make good his promise, when I detained him, alarmed at the effect of incautiously rousing Turkey's combativeness after dinner.

"Sit down, Turkey," said I, "and hear what Nippers has to say. What do you think

Ao dizer isso, Turkey levantou-se e armou os braços como um pugilista. Estava indo cumprir a promessa quando o detive, alarmado com o efeito de incitar Turkey irresponsavelmente após seu jantar.

“Sente-se, Turkey,” eu disse, “e ouça ao que Nippers tem a dizer. O que acha disso, Nippers? Não estaria eu justificado caso imediatamente despedisse Bartleby?”

“Perdão, mas isso é para o senhor decidir. Acho a conduta bastante incomum e, de fato, injusta no tocante a mim e Turkey. Mas pode ser apenas um capricho passageiro.”

“Ah”, exclamei, “você curiosamente mudou de ideia, então – fala muito gentilmente dele agora.”

“É tudo cerveja”, gritou Turkey, “gentileza é efeito de cerveja – Nippers e eu jantamos hoje juntos. Vê o quão gentil *eu* estou. Devo ir deixar seus olhos roxos?”

“Você se refere a Bartleby, suponho. Não, não hoje, Turkey”, respondi; “por favor, guarde seus punhos.”

Fechei as portas e, novamente, avancei em Bartleby. Senti motivação renovada para cumprir meu destino. Ansiava ser rechaçado de novo. Lembrei que Bartleby nunca saía do escritório.

“Bartleby”, disse, “Ginger Nut não está; vá ali aos Correios, pode ser? (era uma distância de três minutos) E veja se há algo para mim.”

“Preferiria não.”

“Você não *quer*?”

“Eu *prefiro* não.”

Cambaleei para meu birô e sentei em profunda reflexão. Minha tenacidade cega voltou. Havia alguma outra coisa que pudesse arranjar para ser desafortadamente repellido por esta criatura torta e sem um centavo no bolso? – meu subalterno!? O que mais há, perfeitamente razoável, que ele certamente se recusará a fazer também?

“Bartleby!”

Sem resposta.

“Bartleby”, em um tom mais alto.

Sem resposta.

“Bartleby!”, vociferei.

of it, Nippers? Would I not be justified in immediately dismissing Bartleby?”

“Excuse me, that is for you to decide, sir. I think his conduct quite unusual, and indeed unjust, as regards Turkey and myself. But it may only be a passing whim.”

“Ah,” exclaimed I, “you have strangely changed your mind then—you speak very gently of him now.”

“All beer,” cried Turkey; “gentleness is effects of beer—Nippers and I dined together to-day. You see how gentle *I* am, sir. Shall I go and black his eyes?”

“You refer to Bartleby, I suppose. No, not to-day, Turkey,” I replied; “pray, put up your fists.”

I closed the doors, and again advanced towards Bartleby. I felt additional incentives tempting me to my fate. I burned to be rebelled against again. I remembered that Bartleby never left the office.

“Bartleby,” said I, “Ginger Nut is away; just step round to the Post Office, won't you? (it was but a three minute walk,) and see if there is any thing for me.”

“I would prefer not to.”

“You *will* not?”

“I *prefer* not.”

I staggered to my desk, and sat there in a deep study. My blind inveteracy returned. Was there any other thing in which I could procure myself to be ignominiously repulsed by this lean, penniless wight?—my hired clerk? What added thing is there, perfectly reasonable, that he will be sure to refuse to do?

“Bartleby!”

No answer.

“Bartleby,” in a louder tone.

No answer.

“Bartleby,” I roared.

Like a very ghost, agreeably to the laws of magical invocation, at the third summons, he appeared at the entrance of his hermitage.

“Go to the next room, and tell Nippers to come to me.”

“I prefer not to,” he respectfully and slowly said, and mildly disappeared.

Como um fantasma, regido pelas leis do sobrenatural, após a terceira invocação, surgiu na entrada de seu refúgio.

“Vá à sala ao lado e traga Nippers até mim.”

“Prefiro não”, respeitosamente e lentamente disse e suavemente desapareceu.

“Muito bem, Bartleby,” disse a ele em um tipo de tom serenamente severo e possesso, prevendo o propósito inalterável de alguma retribuição terrível muito próxima. No momento, eu já tinha meia intenção de algo do tipo. Porém, no geral, como se aproximava minha hora de jantar, pensei ser melhor por meu chapéu e caminhar para casa por hoje, tendo sofrido muito de perplexidade e estresse mental.

Devo admitir? A conclusão deste negócio todo era que logo virou um fato em minhas salas que um jovem e pálido copista, que atende pelo nome Bartleby, tinha um birô lá; que ele copiava para mim pela taxa usual de quatro centavos por lauda (cem palavras); mas que era permanentemente absolvido de examinar o trabalho feito por ele, sendo tal tarefa atribuída a Turkey e Nippers sem elogios, indubitavelmente, à percepção superior deles; ademais, Bartleby nunca, de forma alguma, poderia ser despachado para resolver as tarefas mais triviais de qualquer sorte; e que, mesmo que intimado a fazer alguma, estava geralmente implícito que ele “preferiria não” fazer – em outras palavras, recusaria de pronto.

Enquanto passavam os dias, fiz consideravelmente as pazes com Bartleby. Sua contumácia, sua liberdade de qualquer dispersão, sua diligência (exceto quando escolhia lançar-se num transe de pé atrás de seu biombo), sua enorme calma e sua impávida compostura sob qualquer circunstância faziam dele uma aquisição valiosa. Uma coisa primordial era isto: *ele estava sempre lá* – primeiro a chegar, continuamente presente ao longo do dia e o último a sair. Tinha uma confiança singular em sua honestidade. Sentia que meus documentos mais preciosos estavam perfeitamente seguros em suas mãos. Às vezes, de certo, eu não conseguia, nem pelo

"Very good, Bartleby," said I, in a quiet sort of serenely severe self-possessed tone, intimating the unalterable purpose of some terrible retribution very close at hand. At the moment I half intended something of the kind. But upon the whole, as it was drawing towards my dinner-hour, I thought it best to put on my hat and walk home for the day, suffering much from perplexity and distress of mind.

Shall I acknowledge it? The conclusion of this whole business was, that it soon became a fixed fact of my chambers, that a pale young scrivener, by the name of Bartleby, and a desk there; that he copied for me at the usual rate of four cents a folio (one hundred words); but he was permanently exempt from examining the work done by him, that duty being transferred to Turkey and Nippers, one of compliment doubtless to their superior acuteness; moreover, said Bartleby was never on any account to be dispatched on the most trivial errand of any sort; and that even if entreated to take upon him such a matter, it was generally understood that he would prefer not to—in other words, that he would refuse pointblank.

As days passed on, I became considerably reconciled to Bartleby. His steadiness, his freedom from all dissipation, his incessant industry (except when he chose to throw himself into a standing revery behind his screen), his great, stillness, his unalterableness of demeanor under all circumstances, made him a valuable acquisition. One prime thing was this,—*he was always there*;—first in the morning, continually through the day, and the last at night. I had a singular confidence in his honesty. I felt my most precious papers perfectly safe in his hands. Sometimes to be sure I could not, for the very soul of me, avoid falling into sudden spasmodic passions with him. For it was exceeding difficult to bear in mind all the time those strange peculiarities, privileges, and unheard of exemptions, forming the tacit stipulations on Bartleby's part under which he remained in

esforço de minh'alma, evitar cair em furor esporádico com ele. Pois era excruciante dar conta o tempo todo das peculiaridades estranhas, privilégios e isenções jamais vistas que compunham as estipulações tácitas nas condições de Bartleby que o mantinham em meu escritório. Vez ou outra, na ânsia de despachar serviço urgente, eu inadvertidamente convocava Bartleby, em um tom rápido e breve, para, por exemplo, por o dedo sobre um laço que estivesse a fazer com fita vermelha para comprimir alguns papéis. Obviamente, por detrás do biombo, a resposta usual, "prefiro não", era certa; e então, como pode uma criatura humana, com fragilidades comuns à nossa natureza, dirimir-se de amargamente exclamar diante de tal perversidade – tal irracionalidade? Entretanto, cada rechaço desse tipo que recebia apenas reduzia a probabilidade de recorrência de minha inadvertência.

Deve ser dito aqui que, de acordo com o costume da maioria dos senhores advogados que ocupam salões em prédios advocatícios densamente populados, havia muitas chaves para minha porta. Uma era mantida por uma mulher que morava no sótão e limpava meus apartamentos semanalmente e tirava o pó diariamente. Outra era mantida por Turkey por conveniência. A terceira algumas vezes carregava em meu bolso. A quarta eu não sabia quem mantinha.

Agora, num domingo de manhã, acabei indo à Igreja da Trindade para ouvir a um padre famoso e, encontrando-me cedo nas redondezas, pensei em caminhar até meu escritório por um tempo. Por sorte, tinha minha chave comigo; mas, ao colocá-la na tranca, senti uma resistência de algo inserido por dentro. Bastante surpreso, chamei por alguém; quando, para minha consternação, uma chave girou do lado de dentro e, lançando seu torto semblante a mim e segurando a porta semiaberta, a aparição de Bartleby surgiu, com suas mangas da camisa e de roupa incompleta, estranhamente maltrapilho, dizendo silenciosamente que sentia muito, mas que estava profundamente ocupado naquele momento e preferia não me

my office. Now and then, in the eagerness of dispatching pressing business, I would inadvertently summon Bartleby, in a short, rapid tone, to put his finger, say, on the incipient tie of a bit of red tape with which I was about compressing some papers. Of course, from behind the screen the usual answer, "I prefer not to," was sure to come; and then, how could a human creature with the common infirmities of our nature, refrain from bitterly exclaiming upon such perverseness—such unreasonableness. However, every added repulse of this sort which I received only tended to lessen the probability of my repeating the inadvertence.

Here it must be said, that according to the custom of most legal gentlemen occupying chambers in densely-populated law buildings, there were several keys to my door. One was kept by a woman residing in the attic, which person weekly scrubbed and daily swept and dusted my apartments. Another was kept by Turkey for convenience sake. The third I sometimes carried in my own pocket. The fourth I knew not who had.

Now, one Sunday morning I happened to go to Trinity Church, to hear a celebrated preacher, and finding myself rather early on the ground, I thought I would walk around to my chambers for a while. Luckily I had my key with me; but upon applying it to the lock, I found it resisted by something inserted from the inside. Quite surprised, I called out; when to my consternation a key was turned from within; and thrusting his lean visage at me, and holding the door ajar, the apparition of Bartleby appeared, in his shirt sleeves, and otherwise in a strangely tattered dishabille, saying quietly that he was sorry, but he was deeply engaged just then, and—preferred not admitting me at present. In a brief word or two, he moreover added, that perhaps I had better walk round the block two or three times, and by that time he would probably have concluded his affairs.

Now, the utterly unsurmised appearance of Bartleby, tenanting my law-chambers of a Sunday morning, with his cadaverously gentlemanly *nonchalance*, yet

receber por ora. Em uma ou duas breves palavras, ainda adicionou que talvez fosse melhor dar umas duas ou três voltas no quarteirão e, até lá, ele teria provavelmente concluído seus afazeres.

Agora, a aparição completamente inesperada de Bartleby, alugando meu escritório legal em uma manhã de domingo, com sua calma aristocraticamente cadavérica, ainda que firme e tranquila, surtiu efeito tão estranho em mim que, incontinentemente, recuei cabisbaixo de minha própria porta, e fiz como desejou. Mas não sem surtos mistos de impotente rebelião contra a suave afronta desse inescrutável escriturário. Na verdade, era sua maravilhosa suavidade que não apenas me desarmava como também desvirilizava, por assim dizer. Pois considero que um homem é desvirilizado de certo modo quando tranquilamente consente que seu reles empregado o comande e o expulse de sua própria propriedade. Outrossim, estava já ansioso quanto ao que Bartleby estaria fazendo em meu escritório com as mangas da camisa, mas sem o resto da vestimenta apropriada num domingo de manhã. Havia algo impróprio acontecendo? Não, fora de questão. Não poderia pensar, nem por um momento, que Bartleby fosse imoral. Mas o que então estaria fazendo ali? Copiando? Negativo de novo, quaisquer que fossem suas excentricidades, Bartleby era alguém eminentemente decoroso. Seria o último homem a sentar-se ao birô em qualquer estado próximo à nudez. Além do mais, era domingo; e havia algo em Bartleby que proibia a suposição de ser capaz, qualquer que fosse a situação pagã, de violar as vicissitudes daquele dia.

No entanto, minha mente não parou; e tomado por uma curiosidade intrépida, retornei finalmente. Sem qualquer obstáculo, inseri a chave, abri e entrei. Bartleby não estava lá. Olhei ao redor ansiosamente, chequei o biombo, mas estava bem claro que ele tinha ido. Verificando minuciosamente o local, supus que algum momento Bartleby teria comido, vestido e dormido em meu escritório, e tudo isso sem prato, espelho nem

withal firm and self-possessed, had such a strange effect upon me, that incontinently I slunk away from my own door, and did as desired. But not without sundry twinges of impotent rebellion against the mild effrontery of this unaccountable scrivener. Indeed, it was his wonderful mildness chiefly, which not only disarmed me, but unmanned me, as it were. For I consider that one, for the time, is a sort of unmanned when he tranquilly permits his hired clerk to dictate to him, and order him away from his own premises. Furthermore, I was full of uneasiness as to what Bartleby could possibly be doing in my office in his shirt sleeves, and in an otherwise dismantled condition of a Sunday morning. Was any thing amiss going on? Nay, that was out of the question. It was not to be thought of for a moment that Bartleby was an immoral person. But what could he be doing there?—copying? Nay again, whatever might be his eccentricities, Bartleby was an eminently decorous person. He would be the last man to sit down to his desk in any state approaching to nudity. Besides, it was Sunday; and there was something about Bartleby that forbade the supposition that he would by any secular occupation violate the proprieties of the day.

Nevertheless, my mind was not pacified; and full of a restless curiosity, at last I returned to the door. Without hindrance I inserted my key, opened it, and entered. Bartleby was not to be seen. I looked round anxiously, peeped behind his screen; but it was very plain that he was gone. Upon more closely examining the place, I surmised that for an indefinite period Bartleby must have ate, dressed, and slept in my office, and that too without plate, mirror, or bed. The cushioned seat of a rickety old sofa in one corner bore the faint impress of a lean, reclining form. Rolled away under his desk, I found a blanket; under the empty grate, a blacking box and brush; on a chair, a tin basin, with soap and a ragged towel; in a newspaper a few crumbs of ginger-nuts and a morsel of cheese. Yes, thought I, it is evident enough that Bartleby has been making his

cama. O assento acolchoado de um velho sofá desalinhado no canto apresentava a vaga impressão de uma forma curvada e reclinada. Enrolado debaixo de seu birô encontrei um cobertor; debaixo da grelha vazia, uma caixa de cera de sapatos com escova; sobre uma cadeira, uma bacia com sabão e uma toalha rasgada; sobre o jornal, alguns farelos de bolinhos de gengibre com restos de queijo. Sim, pensei, está bem evidente que Bartleby tem morado aqui, mantendo sozinho a casa de solteiro. Então, imediatamente um pensamento me varreu: que miserável solidão e falta de amigos revela-se aqui! Sua pobreza é absurda, mas sua solidão... que horrível! Pense nisso. Aos domingos, Wall Street é tão deserta quanto Petra<sup>15</sup>; e toda noite de todo dia é um vazio. Este prédio também, que em dias de semana retumba com movimento e vida, à noite ecoa completo silêncio, e o domingo inteiro é triste. E aqui Bartleby fez seu lar; único espectador de uma solidão que já viu povoada – uma espécie de Caio Mário, triste e inocente em meio às ruínas de Cartago!<sup>16</sup>

Pela primeira vez na vida, uma sensação de sobrepujante melancolia aguda me tomou. Jamais experienciara algo além de uma tristeza nada incômoda. O elo comum à humanidade agora me puxava para baixo irresistivelmente. Melancolia fraternal! Pois ambos, Bartleby e eu, éramos filhos de Adão. Lembrei das sedas brilhosas e faces nobres que vira naquele dia em trajes de gala, como cisnes navegando o Mississipi da Broadway; contrastei-os com o pálido copista e pensei comigo mesmo, ó, a felicidade corteja a luz, logo consideramos o mundo feliz; porém, a miséria esconde-se pelos cantos, logo consideramos que miséria não há. Tais conjecturas tristes – quimeras, sem dúvida, de uma mente senil e doente – induziram a outros pensamentos bem mais importantes, concernentes à excentricidade de Bartleby. Pressentimentos de estranhas descobertas fluuavam ao redor. A figura pálida do escriturário aparecia para mim deitada,

home here, keeping bachelor's hall all by himself. Immediately then the thought came sweeping across me, What miserable friendlessness and loneliness are here revealed! His poverty is great; but his solitude, how horrible! Think of it. Of a Sunday, Wall-street is deserted as Petra; and every night of every day it is an emptiness. This building too, which of week-days hums with industry and life, at nightfall echoes with sheer vacancy, and all through Sunday is forlorn. And here Bartleby makes his home; sole spectator of a solitude which he has seen all populous—a sort of innocent and transformed Marius brooding among the ruins of Carthage!

For the first time in my life a feeling of overpowering stinging melancholy seized me. Before, I had never experienced aught but a not-unpleasing sadness. The bond of a common humanity now drew me irresistibly to gloom. A fraternal melancholy! For both I and Bartleby were sons of Adam. I remembered the bright silks and sparkling faces I had seen that day, in gala trim, swan-like sailing down the Mississippi of Broadway; and I contrasted them with the pallid copyist, and thought to myself, Ah, happiness courts the light, so we deem the world is gay; but misery hides aloof, so we deem that misery there is none. These sad fancyings—chimeras, doubtless, of a sick and silly brain—led on to other and more special thoughts, concerning the eccentricities of Bartleby. Presentiments of strange discoveries hovered round me. The scrivener's pale form appeared to me laid out, among uncaring strangers, in its shivering winding sheet.

Suddenly I was attracted by Bartleby's closed desk, the key in open sight left in the lock.

I mean no mischief, seek the gratification of no heartless curiosity, thought I; besides, the desk is mine, and its contents

<sup>15</sup> Cidade descoberta da antiguidade, recém encontrada por arqueólogos na época de Melville.

<sup>16</sup> Alusão a quadro de John Vanderlyn: Caio nas ruínas de Cartago.



dentre estranhos indiferentes, em seu lençol enrolado e trêmulo.

Subitamente, fui atraído ao birô trancado de Bartleby, a chave esquecida à mostra na fechadura.

Não tenho má intenção nem viso satisfação da desalmada curiosidade, pensei; *data venia*, a mesa é minha, logo também seu conteúdo, então ousarei olhar o interior. Tudo estava metodicamente arrumado, os papéis suavemente dispostos. Os escaninhos eram profundos e, removendo as pilhas de documentos, apalpei os fundos. Na hora, senti algo lá e puxei. Era uma bandana velha, pesada e amarrada. Desfiz o nó e vi que se tratava de uma poupança.

Recobrei então todos os mistérios silenciosos que notara no homem. Lembrei que nunca falava, apenas respondia; que, apesar do tempo considerável durante os intervalos, não o via ler – não, nem sequer um jornal; que, por longos períodos, ficava de pé olhando para fora pela sua pálida janela, atrás do biombo, para a parede de tijolos. Tenho certeza que nunca visitou um refeitório ou restaurante; que sua pálida face indicava claramente que jamais bebera cerveja, como Turkey, nem chá ou café, como outros homens; que nunca fora a qualquer lugar em particular; nunca saiu para caminhar, exceto, claro, naquele momento; que ele negava dizer quem era, de onde viera ou se tinha parentes; que, mesmo magricelo e pálido, jamais reclamara de doença. Mais que tudo, lembrei de um certo ar inconsciente de pálida... como devo chamar?... de pálida altivez, digamos, ou melhor, uma reserva austera nele, que me maravilhou ao ponto de complacência domada ante suas excentricidades, quando temia pedir a ele para fazer a coisa mais incidental por mim, embora soubesse que, baseado em sua eterna inércia, por trás do biombo, devesse estar de pé em um de seus transes defronte à parede.

Remontando todas essas coisas e casando-as com o fato recém descoberto de que ele fazia de meu escritório seu endereço residencial permanente, e não obliúvio a seu mórbido humor; remontando tudo isso, uma sensação prudente começou a me tomar.

too, so I will make bold to look within. Every thing was methodically arranged, the papers smoothly placed. The pigeon holes were deep, and removing the files of documents, I groped into their recesses. Presently I felt something there, and dragged it out. It was an old bandanna handkerchief, heavy and knotted. I opened it, and saw it was a savings' bank.

I now recalled all the quiet mysteries which I had noted in the man. I remembered that he never spoke but to answer; that though at intervals he had considerable time to himself, yet I had never seen him reading—no, not even a newspaper; that for long periods he would stand looking out, at his pale window behind the screen, upon the dead brick wall; I was quite sure he never visited any refectory or eating house; while his pale face clearly indicated that he never drank beer like Turkey, or tea and coffee even, like other men; that he never went any where in particular that I could learn; never went out for a walk, unless indeed that was the case at present; that he had declined telling who he was, or whence he came, or whether he had any relatives in the world; that though so thin and pale, he never complained of ill health. And more than all, I remembered a certain unconscious air of pallid—how shall I call it?—of pallid haughtiness, say, or rather an austere reserve about him, which had positively awed me into my tame compliance with his eccentricities, when I had feared to ask him to do the slightest incidental thing for me, even though I might know, from his long-continued motionlessness, that behind his screen he must be standing in one of those dead-wall reveries of his.

Revolving all these things, and coupling them with the recently discovered fact that he made my office his constant abiding place and home, and not forgetful of his morbid moodiness; revolving all these things, a prudential feeling began to steal over me. My first emotions had been those of pure melancholy and sincerest pity; but just in proportion as the forlornness of Bartleby

Minhas primeiras emoções foram de pura melancolia e piedade da mais sincera; mas justamente na mesma medida que a desgraça de Bartleby crescia mais e mais em minha imaginação, aquela mesma melancolia se transformava em medo e a pena, em repulsa. É tão verdadeiro, e também terrível, que até certo ponto o pensamento ou a visão da miséria nos conduz à afeição; mas, em certos casos especiais, além desse ponto, não. Erra aquele que afirma que isso se deve invariavelmente ao egoísmo inerente ao coração humano. Na verdade, isso procede de uma certa desesperança em remediar mal excessivo e orgânico. Para um ser sensível como eu, a piedade dói. E quando percebo finalmente que piedade não leva ao socorro efetivo, o senso comum suplica que a alma se livre dela. O que vi naquela manhã me convenceu de que o escriturário sofria de um transtorno inato e incurável. Poderia dar esmolas para seu corpo; mas não era o corpo que lhe doía; era sua alma que sofria, e sua alma eu não poderia alcançar.

Não concluí meu propósito de ir à Igreja da Trindade naquela manhã. Misteriosamente, as coisas que vira me desqualificavam por ora de ir à igreja. Caminhei para casa, pensando no que faria com Bartleby. Finalmente decidi isto: faria certas perguntas a ele na manhã seguinte, relativas a seu histórico etc., e caso declinasse as respostas abertamente e sem reservas (e supus que fosse preferir não), então o daria uma nota de vinte, além do que ainda o devesse, e diria que seus serviços não mais seriam necessários; mas caso o pudesse assistir de qualquer outra forma, ficaria feliz em fazê-lo, especialmente se desejasse retornar à sua terra natal, onde quer que fosse, voluntariamente o ajudaria a cobrir as despesas. E mais, se, após chegar a sua terra, se visse em necessidade de ajuda a qualquer momento, uma carta sua certamente receberia uma resposta.

A manhã seguinte chegou.

"Bartleby", disse, gentilmente, chamando-o de trás do biombo.

Sem resposta.

grew and grew to my imagination, did that same melancholy merge into fear, that pity into repulsion. So true it is, and so terrible too, that up to a certain point the thought or sight of misery enlists our best affections; but, in certain special cases, beyond that point it does not. They err who would assert that invariably this is owing to the inherent selfishness of the human heart. It rather proceeds from a certain hopelessness of remedying excessive and organic ill. To a sensitive being, pity is not seldom pain. And when at last it is perceived that such pity cannot lead to effectual succor, common sense bids the soul rid of it. What I saw that morning persuaded me that the scrivener was the victim of innate and incurable disorder. I might give alms to his body; but his body did not pain him; it was his soul that suffered, and his soul I could not reach.

I did not accomplish the purpose of going to Trinity Church that morning. Somehow, the things I had seen disqualified me for the time from church-going. I walked homeward, thinking what I would do with Bartleby. Finally, I resolved upon this;—I would put certain calm questions to him the next morning, touching his history, etc., and if he declined to answer them openly and unreservedly (and I supposed he would prefer not), then to give him a twenty dollar bill over and above whatever I might owe him, and tell him his services were no longer required; but that if in any other way I could assist him, I would be happy to do so, especially if he desired to return to his native place, wherever that might be, I would willingly help to defray the expenses. Moreover, if, after reaching home, he found himself at any time in want of aid, a letter from him would be sure of a reply.

The next morning came.

"Bartleby," said I, gently calling to him behind his screen.

No reply.

"Bartleby," said I, in a still gentler tone, "come here; I am not going to ask you to do any thing you would prefer not to do—I simply wish to speak to you."

“Bartleby”, disse em tom ainda mais gentil, “venha aqui; não vou pedi-lo nada que não prefira – simplesmente desejo lhe falar.”

Logo em seguida, silenciosamente surgiu, escorrendo por detrás do biombo.

“Você me conta, Bartleby, onde nasceu?”

“Preferiria não.”

“Você me conta *qualquer coisa* sobre si?”

“Preferiria não.”

“Mas qual objeção razoável você teria para não falar comigo? Simpatizo para com você.”

Não me olhou enquanto eu falava, ao invés, encarava meu busto de Cícero, que, estando eu sentado, ficava diretamente atrás de mim, alguns centímetros acima da minha cabeça.

“Qual sua resposta, Bartleby?” eu disse, após espera de um tempo considerável para responder, durante o qual sua expressão se manteve imóvel, a não ser o mínimo tremor concebível daquela murcha boca branca.

“Por ora prefiro dar nenhuma resposta”, disse e retirou-se para seu refúgio.

Foi bem fraco, confesso, mas seus modos, naquela ocasião, consternaram-me. Não só parecia haver ali um certo desdém velado, como também sua perversidade parecia ingrata, considerando as inegáveis boas maneiras e indulgência que recebera de mim.

Novamente, sentei ruminando o que fazer. Mesmo mortificado com aquele comportamento e decidido a despedi-lo, ainda assim, senti algo supersticioso me bater no coração e me proibir de seguir com o planejado, denunciando-me como um vilão caso teimasse respirar uma palavra amarga sequer contra o mais perdido dos homens. Finalmente, puxando familiarmente minha cadeira até o biombo, sentei e disse: “Bartleby, esquece, então, essa história de revelar seu passado; mas permita suplicá-lo, como um amigo, para cumprir ao máximo possível as exigências desse escritório. Diga, agora, ajudar-me-á a examinar os papéis amanhã ou no dia seguinte: em suma, diga

Upon this he noiselessly slid into view.

"Will you tell me, Bartleby, where you were born?"

"I would prefer not to."

"Will you tell me *any thing* about yourself?"

"I would prefer not to."

"But what reasonable objection can you have to speak to me? I feel friendly towards you."

He did not look at me while I spoke, but kept his glance fixed upon my bust of Cicero, which as I then sat, was directly behind me, some six inches above my head.

"What is your answer, Bartleby?" said I, after waiting a considerable time for a reply, during which his countenance remained immovable, only there was the faintest conceivable tremor of the white attenuated mouth.

"At present I prefer to give no answer," he said, and retired into his hermitage.

It was rather weak in me I confess, but his manner on this occasion nettled me. Not only did there seem to lurk in it a certain calm disdain, but his perverseness seemed ungrateful, considering the undeniable good usage and indulgence he had received from me.

Again I sat ruminating what I should do. Mortified as I was at his behavior, and resolved as I had been to dismiss him when I entered my offices, nevertheless I strangely felt something superstitious knocking at my heart, and forbidding me to carry out my purpose, and denouncing me for a villain if I dared to breathe one bitter word against this forlornest of mankind. At last, familiarly drawing my chair behind his screen, I sat down and said: "Bartleby, never mind then about revealing your history; but let me entreat you, as a friend, to comply as far as may be with the usages of this office. Say now you will help to examine papers tomorrow or next day: in short, say now that in a day or two you will begin to be a little reasonable:—say so, Bartleby."

agora que em um ou dois dias começará a ser um pouco razoável – diga, Bartleby.”

“No momento, preferiria não ser um pouco razoável”, foi sua resposta suavemente cadavérica.

Justamente naquele momento as portas se abriram e Nippers se aproximou. Pareceu sofrer de uma má noite de descanso fora do comum, induzido por indigestão sem par. Ouvira as palavras de Bartleby.

“*Preferiria não, é?*” rangeu Nippers – “eu o *preferiria*, se fosse o senhor”, dirigindo-se a mim – “eu o *preferiria*; eu o daria preferências, essa mula teimosa! O que é, senhor, diga, que ele *prefere* não fazer agora?”

Bartleby não moveu um membro.

“Sr. Nippers,” disse eu, “preferiria que o senhor se retirasse por enquanto.”

Por algum motivo, àquela altura, caí na esparrela de involuntariamente usar esta palavra “preferir” em toda sorte de ocasiões não exatamente apropriadas. E tremi só de pensar que meu contato com aquele escriturário já me afetara seriamente a mente. E que mais aberrações profundas poderia ainda produzir? Esta apreensão não era infundada para me fazer tomar medidas.

Enquanto Nippers, aparentando muito amargo e sorumbático, saía, Turkey brandamente e amigavelmente chegava.

“Com permissão, senhor,” ele disse, “ontem estive pensando sobre Bartleby aqui, e acho que se ele preferisse tomar uma dose de uma boa cerveja por dia, iria fazer muito bem para consertá-lo e incentivá-lo a ajudar com a verificação de seus documentos.”

“Então você tem a palavra também”, disse eu, levemente aliviado.

“Com permissão, senhor, que palavra?” perguntou Turkey, ajustando-se respeitosamente no espaço diminuto detrás do biombo e, assim fazendo, empurrou-me para o escriturário. “Que palavra, senhor?”

“Preferiria ser deixado sozinho aqui”, disse Bartleby, como se ofendido por nos amontoarmos em sua privacidade.

“*Essa é a palavra, Turkey*”, eu disse, “*é essa.*”

“At present I would prefer not to be a little reasonable,” was his mildly cadaverous reply.

Just then the folding-doors opened, and Nippers approached. He seemed suffering from an unusually bad night's rest, induced by severer indigestion than common. He overheard those final words of Bartleby.

“*Prefer not, eh?*” gritted Nippers— “I'd *prefer* him, if I were you, sir,” addressing me— “I'd prefer him; I'd give him preferences, the stubborn mule! What is it, sir, pray, that he *prefers* not to do now?”

Bartleby moved not a limb.

“Mr. Nippers,” said I, “I'd prefer that you would withdraw for the present.”

Somehow, of late I had got into the way of involuntarily using this word “prefer” upon all sorts of not exactly suitable occasions. And I trembled to think that my contact with the scrivener had already and seriously affected me in a mental way. And what further and deeper aberration might it not yet produce? This apprehension had not been without efficacy in determining me to summary means.

As Nippers, looking very sour and sulky, was departing, Turkey blandly and deferentially approached.

“With submission, sir,” said he, “yesterday I was thinking about Bartleby here, and I think that if he would but prefer to take a quart of good ale every day, it would do much towards mending him, and enabling him to assist in examining his papers.”

“So you have got the word too,” said I, slightly excited.

“With submission, what word, sir,” asked Turkey, respectfully crowding himself into the contracted space behind the screen, and by so doing, making me jostle the scrivener. “What word, sir?”

“I would prefer to be left alone here,” said Bartleby, as if offended at being mobbed in his privacy.

“*That's* the word, Turkey,” said I— “that's it.”

“Oh, prefer? oh yes—queer word. I never use it myself. But, sir, as I was saying, if he would but prefer—”

“Ah, preferir? Ah, sim – palavra esquisita. Nunca a uso mesmo. Mas, senhor, como eu estava dizendo, se ele preferir...”

“Turkey”, interrompi, “você vai por favor se retirar.”

“Ah, certamente, senhor, se prefere que o faça.”

Enquanto abria as portas dobráveis para se retirar, Nippers fitou-me e perguntou se eu preferiria que copiasse um certo documento em papel azul ou branco. Ele não acentuou o tom palavra nem um pouco. Estava claro que ela simplesmente rolou de sua língua involuntariamente. Pensei comigo mesmo, certamente preciso me livrar de um homem demente, que já distorceu até certo grau as línguas, senão também as mentes, minhas e de meus empregados. Porém, achei prudente não dar o aviso prévio de pronto.

No dia seguinte, notei que Bartleby não fez nada além de olhar pela janela naquele seu transe de encarar a parede. Ao perguntar sobre o porquê de ele não escrever, respondeu que havia decidido não mais escrever.

“O quê!? Como assim? E agora?” exclamei, “não mais escrever?”

“Não mais.”

“E qual a razão?”

“Você não vê a razão por si próprio?”, indiferentemente respondeu.

Olhei incansavelmente para ele e percebi que seus olhos estavam opacos e sem vida. Instantaneamente ocorreu-me que sua diligência sem par ao copiar àquela janelinha escura nas primeiras semanas de sua chegada podem ter temporariamente danificado sua vista.

Fiquei tocado. Disse algo em condolência a ele. Insinuei que obviamente fez bem em se abster de escrita por um tempo; e fortemente o aconselhei a abraçar aquela oportunidade para fazer exercícios saudáveis a céu aberto. Isso, entretanto, não fez. Poucos dias após isso, meus outros funcionários estando ausentes, e eu em grande pressa de despachar certas cartas nos correios, pensei que, não tendo nada mais mundano a fazer, Bartleby certamente seria menos inflexível que o usual e as levaria aos

“Turkey,” interrupted I, “you will please withdraw.”

“Oh certainly, sir, if you prefer that I should.”

As he opened the folding-door to retire, Nippers at his desk caught a glimpse of me, and asked whether I would prefer to have a certain paper copied on blue paper or white. He did not in the least roguishly accent the word prefer. It was plain that it involuntarily rolled from his tongue. I thought to myself, surely I must get rid of a demented man, who already has in some degree turned the tongues, if not the heads of myself and clerks. But I thought it prudent not to break the dismissal at once.

The next day I noticed that Bartleby did nothing but stand at his window in his dead-wall revery. Upon asking him why he did not write, he said that he had decided upon doing no more writing.

“Why, how now? what next?” exclaimed I, “do no more writing?”

“No more.”

“And what is the reason?”

“Do you not see the reason for yourself,” he indifferently replied.

I looked steadfastly at him, and perceived that his eyes looked dull and glazed. Instantly it occurred to me, that his unexampled diligence in copying by his dim window for the first few weeks of his stay with me might have temporarily impaired his vision.

I was touched. I said something in condolence with him. I hinted that of course he did wisely in abstaining from writing for a while; and urged him to embrace that opportunity of taking wholesome exercise in the open air. This, however, he did not do. A few days after this, my other clerks being absent, and being in a great hurry to dispatch certain letters by the mail, I thought that, having nothing else earthly to do, Bartleby would surely be less inflexible than usual, and carry these letters to the post-office. But he blankly declined. So, much to my inconvenience, I went myself.

Still added days went by. Whether Bartleby's eyes improved or not, I could not

correios. No entanto, secamente declinou. Muito para minha inconveniência, tive que ir pessoalmente.

Ainda mais dias se passaram. Se os olhos de Bartleby melhoraram ou não, não saberia dizer. Para todos os efeitos, pensei que sim. Mas, quando perguntei, não deu garantia alguma. De toda forma, ele não copiava. Finalmente, após muito suplicar, acabou informando que havia permanentemente desistido de copiar.

“Quê!?” exclamei; “digamos que seus olhos se recuperem por completo – ainda melhor que antes – não copiaria ainda assim?”

“Desisti de copiar,” respondeu e escorregou embora.

Era agora, mais do que nunca, parte integrante do meu escritório. Minto – se isso fosse possível – tornou-se uma peça ainda mais fixa que antes. O que fazer? Não faria mais nada no escritório: por que deveria ficar? Verdade seja dita, tornara-se agora uma mó para mim: tão inútil de se pendurar num colar quanto sofrível de se aguentar no pescoço. Ainda assim, senti pena. Mentiria até se dissesse que era ele em si que causava o desconforto. Se pelo menos desse o nome de um parente ou amigo sequer, teria instantaneamente contactado e demandado que carregassem o pobre miserável de vez para algum retiro conveniente. Mas ele parecia só, absolutamente só no universo. Pedaco de embarcação naufragada no meio do Atlântico. De toda forma, as obrigações inerentes aos meus negócios sobrepujavam quaisquer outras considerações. O mais decentemente possível, notifiquei Bartleby para impreterivelmente deixar o escritório em seis dias. Aconselhei-o a tomar medidas, no meio tempo, para encontrar outro lar. Ofereci assistência nessa jornada, caso ele próprio desse o primeiro passo em direção à mudança. “E, quando finalmente me deixar, Bartleby,” adicionei, “deverei garantir que não vá embora completamente desassistido. Seis dias a partir de agora, lembre-se.”

Ao término desse período, dei uma espiada por detrás do biombo, e ora! Bartleby estava lá.

say. To all appearance, I thought they did. But when I asked him if they did, he vouchsafed no answer. At all events, he would do no copying. At last, in reply to my urgings, he informed me that he had permanently given up copying.

"What!" exclaimed I; "suppose your eyes should get entirely well—better than ever before—would you not copy then?"

"I have given up copying," he answered, and slid aside.

He remained as ever, a fixture in my chamber. Nay—if that were possible—he became still more of a fixture than before. What was to be done? He would do nothing in the office: why should he stay there? In plain fact, he had now become a millstone to me, not only useless as a necklace, but afflictive to bear. Yet I was sorry for him. I speak less than truth when I say that, on his own account, he occasioned me uneasiness. If he would but have named a single relative or friend, I would instantly have written, and urged their taking the poor fellow away to some convenient retreat. But he seemed alone, absolutely alone in the universe. A bit of wreck in the mid Atlantic. At length, necessities connected with my business tyrannized over all other considerations. Decently as I could, I told Bartleby that in six days' time he must unconditionally leave the office. I warned him to take measures, in the interval, for procuring some other abode. I offered to assist him in this endeavor, if he himself would but take the first step towards a removal. "And when you finally quit me, Bartleby," added I, "I shall see that you go not away entirely unprovided. Six days from this hour, remember."

At the expiration of that period, I peeped behind the screen, and lo! Bartleby was there.

I buttoned up my coat, balanced myself; advanced slowly towards him, touched his shoulder, and said, "The time has come; you must quit this place; I am sorry for you; here is money; but you must go."

"I would prefer not," he replied, with his back still towards me.

"You *must*."

Abotoei meu paletó e me compus; fui até ele lentamente, toquei seu ombro e falei: “A hora chegou; você deve partir desse lugar; sinto por você; tome aqui dinheiro; mas você deve ir.”

“Preferiria não”, respondeu, ainda de costas para mim.

“Você *deve*.”

Permaneceu em silêncio.

Ali já tinha uma confiança cega na honestidade desse homem. Frequentemente me devolvia moedas de seis e doze centavos jogadas ao chão, pois sou muito descuidado ao abotoar as roupas. A situação a seguir, então, não será considerada extraordinária.

“Bartleby,” disse eu, “devo-lhe doze dólares pelos serviços; aqui estão trinta e dois; os vinte de troco são seus – Vai querer pegar?”, e estendi as notas a ele.

Mas nem se moveu.

“Vou deixar aqui, então,” colocando debaixo de um peso na mesa. Em seguida, pegando cartola e bengala e dirigindo-me à porta, tranquilamente me virei e adicionei – “Após remover suas coisas dessas salas, Bartleby, certamente trancará a porta – uma vez que todos já se foram por hoje – e, por favor, jogue a chave debaixo do tapete, para que possa pegá-la pela manhã. Não deverei vê-lo mais; então adeus. Caso, adiante, em seu novo lar, possa ser de alguma ajuda, não deixe de me escrever. Adeus, Bartleby, e passar bem.”

Porém, não respondeu uma palavra sequer; como a última coluna de um templo em ruínas, permaneceu de pé solitário e mudo no meio da sala praticamente deserta.

Caminhando para casa reflexivo, minha vaidade superou a pena. Não pude deixar de me vangloriar pela maestria com a qual consegui livrar-me de Bartleby. Chamo de maestria, e da mesma forma deve considerar qualquer um que pense sem emoção. A beleza em meus procedimentos parecia consistir em perfeita calma. Não houve troca de palavras nem gritos de qualquer tipo, nem apoquentação colérica, e nada de passos largos pelo apartamento gesticulando comandos veementes para Bartleby se mexer e levar seus trapos de

He remained silent.

Now I had an unbounded confidence in this man's common honesty. He had frequently restored to me sixpences and shillings carelessly dropped upon the floor, for I am apt to be very reckless in such shirt-button affairs. The proceeding then which followed will not be deemed extraordinary.

"Bartleby," said I, "I owe you twelve dollars on account; here are thirty-two; the odd twenty are yours.—Will you take it?" and I handed the bills towards him.

But he made no motion.

"I will leave them here then," putting them under a weight on the table. Then taking my hat and cane and going to the door I tranquilly turned and added—"After you have removed your things from these offices, Bartleby, you will of course lock the door—since every one is now gone for the day but you—and if you please, slip your key underneath the mat, so that I may have it in the morning. I shall not see you again; so good-bye to you. If hereafter in your new place of abode I can be of any service to you, do not fail to advise me by letter. Good-bye, Bartleby, and fare you well."

But he answered not a word; like the last column of some ruined temple, he remained standing mute and solitary in the middle of the otherwise deserted room.

As I walked home in a pensive mood, my vanity got the better of my pity. I could not but highly plume myself on my masterly management in getting rid of Bartleby. Masterly I call it, and such it must appear to any dispassionate thinker. The beauty of my procedure seemed to consist in its perfect quietness. There was no vulgar bullying, no bravado of any sort, no choleric hectoring, and striding to and fro across the apartment, jerking out vehement commands for Bartleby to bundle himself off with his beggarly traps. Nothing of the kind. Without loudly bidding Bartleby depart—as an inferior genius might have done—I *assumed* the ground that depart he must; and upon that assumption built all I had to say. The more I thought over my procedure, the more I was charmed with it. Nevertheless, next morning, upon

mendigo. Nada do tipo. Sem precisar suplicar aos gritos para que Bartleby partisse – como uma mente inferior teria feito – *presumi* o princípio que ele deveria partir; e sob tal presunção, construí tudo que precisava dizer. Quanto mais pensava sobre meus procedimentos, mais me encantava com eles. Entretanto, na manhã seguinte, ao acordar, tive minhas dúvidas – de alguma forma me entorpecí no perfume da vaidade. Um dos momentos mais tranquilos e sábios de um homem é justamente ao acordar pela manhã. Meu plano parecia mais sagaz que nunca – mas na teoria apenas. Como se revelaria na prática – eis a questão. Era um pensamento verdadeiramente lindo presumir a partida de Bartleby; mas, apesar de tudo, essa presunção era simplesmente minha, e não de Bartleby. O ponto alto nem era se eu tinha presumido ou não que ele me deixaria, mas sim se ele preferiria ou não me deixar. Ele era mais um homem de preferências que de presunções.

Após o desjejum, caminhei ao centro da cidade, ponderando prós e contras. Uma hora pensava que seria uma falha miserável, e que Bartleby seria encontrado muito vivo em meu escritório como sempre; outra hora parecia certo que encontraria só a cadeira vazia. E assim, fiquei cambaleando. Na esquina da Broadway com a Canal, avistei um grupo até bem animado conversando avidamente.

“Aposto que ele não vai”, disse uma voz quando passei.

“Não vai? – feito!”, eu disse, “case seu dinheiro.”

Estava instintivamente pondo a mão no bolso para tirar o meu, quando lembrei que hoje era dia de eleição. As palavras que ouvi não tinham a ver com Bartleby, mas com o sucesso ou falha de algum candidato a prefeito. Em meu devaneio pessoal, imaginara que toda a Broadway compartilhava de minha empolgação, e que estariam debatendo a mesma questão que eu. Segui em frente, muito grato que o frenesi da rua mascarou minha distração.

Como pretendia, cheguei mais cedo à porta do meu escritório. Parei para ouvir um momento. Tudo silencioso. Ele deve ter ido.

awakening, I had my doubts,—I had somehow slept off the fumes of vanity. One of the coolest and wisest hours a man has, is just after he awakes in the morning. My procedure seemed as sagacious as ever.—but only in theory. How it would prove in practice—there was the rub. It was truly a beautiful thought to have assumed Bartleby's departure; but, after all, that assumption was simply my own, and none of Bartleby's. The great point was, not whether I had assumed that he would quit me, but whether he would prefer so to do. He was more a man of preferences than assumptions.

After breakfast, I walked down town, arguing the probabilities pro and con. One moment I thought it would prove a miserable failure, and Bartleby would be found all alive at my office as usual; the next moment it seemed certain that I should see his chair empty. And so I kept veering about. At the corner of Broadway and Canal-street, I saw quite an excited group of people standing in earnest conversation.

"I'll take odds he doesn't," said a voice as I passed.

"Doesn't go?—done!" said I, "put up your money."

I was instinctively putting my hand in my pocket to produce my own, when I remembered that this was an election day. The words I had overheard bore no reference to Bartleby, but to the success or non-success of some candidate for the mayoralty. In my intent frame of mind, I had, as it were, imagined that all Broadway shared in my excitement, and were debating the same question with me. I passed on, very thankful that the uproar of the street screened my momentary absent-mindedness.

As I had intended, I was earlier than usual at my office door. I stood listening for a moment. All was still. He must be gone. I tried the knob. The door was locked. Yes, my procedure had worked to a charm; he indeed must be vanished. Yet a certain melancholy mixed with this: I was almost sorry for my brilliant success. I was fumbling under the door mat for the key, which Bartleby was to have left there for me, when accidentally my



Tentei a maçaneta. A porta estava trancada. Sim, meu plano tinha funcionado muito bem; ele de fato deve ter desaparecido. Ainda assim, senti também uma certa melancolia: estava quase arrependido do meu brilhante sucesso. Tateava por sob o carpete da porta em busca da chave que Bartleby deveria ter deixado, quando acidentalmente meu joelho bateu contra o vidro da porta, produzindo um som alto, e em resposta uma voz veio até mim de dentro – “Ainda não; estou ocupado.”

Era Bartleby.

Fiquei chocado. Por um instante, fiquei de pé como o homem que, cachimbo na boca, fora morto, numa tarde ensolarada há muito tempo atrás na Virgínia, por um raio de verão; em sua própria aconchegante janela aberta foi morto, e permaneceu lá curvado diante daquela tarde onírica até alguém tocá-lo, quando caiu.

“Ainda aqui!” Murmurei finalmente. Mas novamente, obedecendo à posição de poder maravilhosa que o enigmático escriturário tinha sobre mim, e da qual, com toda minha comichão, não conseguia por completo escapar, lentamente descí as escadas e voltei às ruas, e enquanto dava uma volta na quadra, considerava o que deveria fazer agora, nesta perplexidade nunca antes sentida. Enxotar o homem à força eu não conseguiria; assustá-lo para longe com palavras eu não faria; chamar a polícia era uma ideia desagradável; ainda assim, permitir que regozije de seu triunfo cadavérico sobre mim – isso, também, era inconcebível. Que fazer? Ou, se nada pudesse ser feito, havia algo mais que pudesse *presumir* para a questão? Sim, já que antes pude prospectivamente presumir que Bartleby partiria, agora eu poderia retrospectivamente presumir que partiria de fato. No legítimo percurso dessa presunção, eu poderia adentrar meu escritório às pressas, fingir não ver Bartleby de modo algum e caminhar através dele como de fosse ar. Tal ato poderia ser confundido, até certo grau, com um encontrão violento. Era pouco provável que Bartleby pudesse suportar tal aplicação da doutrina de presunções. Mas, pensando bem, o sucesso desse plano pareceu

knee knocked against a panel, producing a summoning sound, and in response a voice came to me from within—“Not yet; I am occupied.”

It was Bartleby.

I was thunderstruck. For an instant I stood like the man who, pipe in mouth, was killed one cloudless afternoon long ago in Virginia, by a summer lightning; at his own warm open window he was killed, and remained leaning out there upon the dreamy afternoon, till some one touched him, when he fell.

“Not gone!” I murmured at last. But again obeying that wondrous ascendancy which the inscrutable scrivener had over me, and from which ascendancy, for all my chafing, I could not completely escape, I slowly went down stairs and out into the street, and while walking round the block, considered what I should next do in this unheard-of perplexity. Turn the man out by an actual thrusting I could not; to drive him away by calling him hard names would not do; calling in the police was an unpleasant idea; and yet, permit him to enjoy his cadaverous triumph over me,—this too I could not think of. What was to be done? or, if nothing could be done, was there any thing further that I could *assume* in the matter? Yes, as before I had prospectively assumed that Bartleby would depart, so now I might retrospectively assume that departed he was. In the legitimate carrying out of this assumption, I might enter my office in a great hurry, and pretending not to see Bartleby at all, walk straight against him as if he were air. Such a proceeding would in a singular degree have the appearance of a home-thrust. It was hardly possible that Bartleby could withstand such an application of the doctrine of assumptions. But upon second thoughts the success of the plan seemed rather dubious. I resolved to argue the matter over with him again.

“Bartleby,” said I, entering the office, with a quietly severe expression, “I am seriously displeased. I am pained, Bartleby. I had thought better of you. I had imagined you of such a gentlemanly organization, that in

bem duvidoso. Decidi discutir sobre o assunto com ele mais uma vez.

“Bartleby, eu disse, entrando no escritório com uma expressão solenemente severa, “Estou seriamente desapontado. Estou machucado, Bartleby. Esperava mais de você. Imaginei você sendo de tamanha organização cavalheiresca que, a qualquer dilema delicado, uma singela dica seria suficiente – em suma, uma presunção. Mas parece que estou enganado. Ora,” adicionei, inadvertidamente exaltado, “você nem tocou naquele dinheiro ainda”, apontando para ele, justamente onde o deixara na noite anterior.

Ele nada respondeu.

“Você vai ou não vai me deixar?”

Agora já demandava com fervor repentino, partindo para cima dele.

“Preferiria *não* deixá-lo”, respondeu gentilmente enfatizando o *não*.

“Que bendito direito você tem de ficar aqui? Paga aluguel? Paga meus impostos? Ou esta propriedade é sua?”

Ele nada respondeu.

“Está preparado para ir escrever agora? Seus olhos estão recuperados? Poderia copiar um pequeno documento para mim esta manhã? Ou examinar algumas linhas? Ou dar um pulinho nos correios? Em uma palavra, você fará qualquer coisa que seja para dar uma cor à sua recusa de partir da minha propriedade?”

Silenciosamente retirou-se para seu refúgio.

Agora estava em tal estado de amargor nervoso que pensei ser prudente me segurar para não demonstrar. Bartleby e eu estávamos sós. Lembrei da tragédia do desafortunado Adams e o ainda mais desafortunado Colt no escritório solitário deste último; e como o pobre Colt, sendo maliciosamente provocado por Adams, e inocentemente se permitindo ficar selvagemmente furioso, foi levemente levado a cometer seu ato fatal – um ato que certamente nenhum homem poderia deplorar mais que o próprio autor. Tem ocorrido frequentemente em minhas ponderações sobre o assunto que, se o desentendimento tivesse ocorrido em via pública ou em

any delicate dilemma a slight hint would have suffice—in short, an assumption. But it appears I am deceived. Why,” I added, unaffectedly starting, “you have not even touched that money yet,” pointing to it, just where I had left it the evening previous.

He answered nothing.

“Will you, or will you not, quit me?”

I now demanded in a sudden passion, advancing close to him.

“I would prefer *not* to quit you,” he replied, gently emphasizing the *not*.

“What earthly right have you to stay here? Do you pay any rent? Do you pay my taxes? Or is this property yours?”

He answered nothing.

“Are you ready to go on and write now? Are your eyes recovered? Could you copy a small paper for me this morning? or help examine a few lines? or step round to the post-office? In a word, will you do any thing at all, to give a coloring to your refusal to depart the premises?”

He silently retired into his hermitage.

I was now in such a state of nervous resentment that I thought it but prudent to check myself at present from further demonstrations. Bartleby and I were alone. I remembered the tragedy of the unfortunate Adams and the still more unfortunate Colt in the solitary office of the latter; and how poor Colt, being dreadfully incensed by Adams, and imprudently permitting himself to get wildly excited, was at unawares hurried into his fatal act—an act which certainly no man could possibly deplore more than the actor himself. Often it had occurred to me in my ponderings upon the subject, that had that altercation taken place in the public street, or at a private residence, it would not have terminated as it did. It was the circumstance of being alone in a solitary office, up stairs, of a building entirely unhallowed by humanizing domestic associations—an uncarpeted office, doubtless, of a dusty, haggard sort of appearance;—this it must have been, which greatly helped to enhance the irritable desperation of the hapless Colt.

But when this old Adam of resentment rose in me and tempted me

residência privada, não teria terminado daquela forma. Foram as circunstâncias de estar sozinho em um escritório solitário, andares acima, em um prédio totalmente oco de associações domésticas humanizadas – um escritório sem tapete, sem dúvida, de aparência empoeirada, desgastada – deve ter sido isso que contribuiu enormemente para aumentar o desespero do pobre Colt.

Mas quando esse velho Adão, de ressentimento, surgiu em mim e me tentou contra Bartleby, eu o agarrei e o expulsei. Como? Ora, simplesmente lembrando da lei divina: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros”. Sim, isso foi o que me salvou. À parte de outras mais importantes considerações, a caridade muito opera como princípio amplamente sábio e prudente – um grande resguardo para seu possessor. Os homens têm assassinado por inveja, raiva, ódio, egoísmo e orgulho de espírito; mas nenhum homem que eu saiba cometeu homicídio diabólico por doce caridade. Mero autointeresse, então, se motivo melhor não puder ser listado, deveria, especialmente dentre homens temperamentais, capacitar todos os seres a caridade e filantropia. Em nenhum ponto, na ocasião, esforcei-me para afogar meus sentimentos exasperados para com o escriturário por compreender sua conduta benevolentemente. Pobre coitado, pobre coitado! Pensei, não faz por querer; além do mais, já viu sua cota de tempos ruins e merecia ser perdoado.

Empenhei-me imediatamente em me ocupar e, ao mesmo tempo, confortar meu desânimo. Tentei visualizar isso ao longo da manhã, em algum momento que se mostrasse agradável a ele. Bartleby, de espontânea vontade, emergiria de seu refúgio e decidiria marchar até a porta. Mas não. Meio-dia e meia passou; Turkey começou a brilhar na cara, derramar seu tinteiro e ficar insuportável; Nippers enfraqueceu em quietude e cortesia; Ginger Nut mastigava sua maçã do meio-dia; e Bartleby permanecia de pé à sua janela em um de seus mais profundos transes defronte a parede. Devo dar o crédito? Preciso admitir isto? Naquela

concerning Bartleby, I grappled him and threw him. How? Why, simply by recalling the divine injunction: "A new commandment give I unto you, that ye love one another." Yes, this it was that saved me. Aside from higher considerations, charity often operates as a vastly wise and prudent principle—a great safeguard to its possessor. Men have committed murder for jealousy's sake, and anger's sake, and hatred's sake, and selfishness' sake, and spiritual pride's sake; but no man that ever I heard of, ever committed a diabolical murder for sweet charity's sake. Mere self-interest, then, if no better motive can be enlisted, should, especially with high-tempered men, prompt all beings to charity and philanthropy. At any rate, upon the occasion in question, I strove to drown my exasperated feelings towards the scrivener by benevolently construing his conduct. Poor fellow, poor fellow! thought I, he don't mean any thing; and besides, he has seen hard times, and ought to be indulged.

I endeavored also immediately to occupy myself, and at the same time to comfort my despondency. I tried to fancy that in the course of the morning, at such time as might prove agreeable to him. Bartleby, of his own free accord, would emerge from his hermitage, and take up some decided line of march in the direction of the door. But no. Half-past twelve o'clock came; Turkey began to glow in the face, overturn his inkstand, and become generally obstreperous; Nippers abated down into quietude and courtesy;

Ginger Nut munched his noon apple; and Bartleby remained standing at his window in one of his profoundest dead-wall reveries. Will it be credited? Ought I to acknowledge it? That afternoon I left the office without saying one further word to him.

Some days now passed, during which, at leisure intervals I looked a little into "Edwards on the Will," and "Priestly on Necessity." Under the circumstances, those books induced a salutary feeling. Gradually I slid into the persuasion that these troubles of mine touching the scrivener, had been all predestinated from eternity, and Bartleby was

tarde saí do escritório sem dizer sequer mais uma palavra a ele.

Alguns dias agora passaram, durante os quais, nos intervalos de folga, li um pouco de “Edwards sobre o Arbítrio” e “Priestly sobre a Necessidade”. Haja vista as circunstâncias, esses livros verteram uma sensação salutar. Gradualmente pendi para a convicção que estes problemas concernentes ao escriturário haviam sido predestinados desde a eternidade, e Bartleby fora a mim designado por algum propósito misterioso de uma Providência onisciente, que não era para um mero mortal como eu vislumbrar. Sim, Bartleby, fique aí detrás de seu biombo, pensei; deverei não mais persegui-lo; você é inimputável e silencioso como qualquer dessas velhas cadeiras; em suma, nunca me senti tão privado quanto quando sei que está aqui. Finalmente vejo isso, sinto isso; penetro no propósito predestinado de minha vida. Estou contente. Outros podem ter papéis mais nobres para cumprir; mas minha missão neste mundo, Bartleby, é suprir uma sala para você pelo período que considerar adequado permanecer.

Creio que este sábio e abençoado estado de espírito teria continuado comigo, não fosse pelas observações nada singelas e não solicitadas feitas pelos intrometidos amigos profissionais que visitavam minhas salas. Mas assim frequentemente ocorre que a constante fricção das mentes iliberais desgasta até as melhores resoluções dos mais generosos. Realmente, quando refletia sobre isso, não era estranho que os que adentravam meu escritório ficassem chocados pelo aspecto peculiar do inescrutável Bartleby e fossem tentados a lançar umas observações sinistras sobre ele. Por vezes um advogado, tendo negócios comigo, indo até meu escritório e não encontrando ninguém mais além do escriturário lá, submetia-se ao trabalho de solicitar informação precisa dele no tocante a minha localização; mas sem dar devida atenção a suas palavras senis, Bartleby permanecia de pé, imóvel, no meio da sala. Logo, após contemplá-lo naquela posição por um tempo, o advogado partia, não mais informado do que quando chegou.

billeted upon me for some mysterious purpose of an all-wise Providence, which it was not for a mere mortal like me to fathom. Yes, Bartleby, stay there behind your screen, thought I; I shall persecute you no more; you are harmless and noiseless as any of these old chairs; in short, I never feel so private as when I know you are here. At last I see it, I feel it; I penetrate to the predestinated purpose of my life. I am content. Others may have loftier parts to enact; but my mission in this world, Bartleby, is to furnish you with office-room for such period as you may see fit to remain.

I believe that this wise and blessed frame of mind would have continued with me, had it not been for the unsolicited and uncharitable remarks obtruded upon me by my professional friends who visited the rooms. But thus it often is, that the constant friction of illiberal minds wears out at last the best resolves of the more generous. Though to be sure, when I reflected upon it, it was not strange that people entering my office should be struck by the peculiar aspect of the unaccountable Bartleby, and so be tempted to throw out some sinister observations concerning him. Sometimes an attorney having business with me, and calling at my office and finding no one but the scrivener there, would undertake to obtain some sort of precise information from him touching my whereabouts; but without heeding his idle talk, Bartleby would remain standing immovable in the middle of the room. So after contemplating him in that position for a time, the attorney would depart, no wiser than he came.

Also, when a Reference was going on, and the room full of lawyers and witnesses and business was driving fast; some deeply occupied legal gentleman present, seeing Bartleby wholly unemployed, would request him to run round to his (the legal gentleman's) office and fetch some papers for him. Thereupon, Bartleby would tranquilly decline, and yet remain idle as before. Then the lawyer would give a great stare, and turn to me. And what could I say? At last I was made aware that all through the circle of my

Também, quando uma reunião estava acontecendo, e a sala cheia de advogados e testemunhas e negócios acontecendo rapidamente, algum cavalheiro presente profundamente ocupado, vendo Bartleby completamente ocioso, requisitou-o a dar um pulo em seu escritório (do cavalheiro) e buscar alguns papéis para ele. Logo em seguida, Bartleby tranquilamente declinou e permaneceu ocioso como estava. O advogado deu uma longa encarada e virou para mim. E o que poderia eu dizer? Finalmente descobri que por todo o círculo de meus contatos profissionais rolava um burburinho de espanto em referência à estranha criatura que eu abrigava em meu escritório. Isso me preocupou bastante. E a ideia me veio da possibilidade de ele revelar-se um homem longo, e continuar ocupando meus aposentos, e negar minha autoridade; e mesmerizar meus visitantes; e escandalizar minha reputação profissional; e projetar uma sombra sobre o prédio; mantendo alma e corpo unidos até o último centavo (pois sem dúvidas gastava nem cinco centavos por dia), e ao final talvez até me enterrar, e clamar a propriedade de meu escritório por usucapião. Ao passo que esses presságios tenebrosos se amontoavam mais e mais, e meus amigos continuamente se intrometiam com suas observações incessantes sobre a assombração em meu escritório, uma grande mudança se instaurou em mim. Decidi juntar todas as minhas forças e livrar-me para sempre desse intolerável íncubo.

Antes de traçar qualquer plano mirabolante com esse fim, no entanto, primeiro sugeri simplesmente a Bartleby a propriedade de sua partida definitiva. Em tom calmo e sério, encomendei a ideia para sua consideração cuidadosa e madura. Porém, tendo tomado três dias para meditar sobre isso, informou-me que a determinação original permanecia a mesma; em suma, ele ainda preferia residir comigo.

O que deverei fazer? Agora dizia a mim mesmo, abotoando meu paletó até o último botão. Que deverei fazer? Que preciso fazer? O que a consciência diz para eu *fazer* com este homem, ou melhor, fantasma?

professional acquaintance, a whisper of wonder was running round, having reference to the strange creature I kept at my office. This worried me very much. And as the idea came upon me of his possibly turning out a long-lived man, and keep occupying my chambers, and denying my authority; and perplexing my visitors; and scandalizing my professional reputation; and casting a general gloom over the premises; keeping soul and body together to the last upon his savings (for doubtless he spent but half a dime a day), and in the end perhaps outlive me, and claim possession of my office by right of his perpetual occupancy: as all these dark anticipations crowded upon me more and more, and my friends continually intruded their relentless remarks upon the apparition in my room; a great change was wrought in me. I resolved to gather all my faculties together, and for ever rid me of this intolerable incubus.

Ere revolving any complicated project, however, adapted to this end, I first simply suggested to Bartleby the propriety of his permanent departure. In a calm and serious tone, I commended the idea to his careful and mature consideration. But having taken three days to meditate upon it, he apprised me that his original determination remained the same in short, that he still preferred to abide with me.

What shall I do? I now said to myself, buttoning up my coat to the last button. What shall I do? what ought I to do? what does conscience say I *should* do with this man, or rather ghost. Rid myself of him, I must; go, he shall. But how? You will not thrust him, the poor, pale, passive mortal,—you will not thrust such a helpless creature out of your door? you will not dishonor yourself by such cruelty? No, I will not, I cannot do that. Rather would I let him live and die here, and then mason up his remains in the wall. What then will you do? For all your coaxing, he will not budge. Bribes he leaves under your own paperweight on your table; in short, it is quite plain that he prefers to cling to you.

Then something severe, something unusual must be done. What! surely you will

Livrar-me dele, eu devo; ir, ele deverá. Mas como? Você não vai bater nele, o pobre, pálido, passivo mortal – você não vai chutar uma criatura desamparada porta afora? Não vai desonrar-se com tamanha crueldade? Não, não vou, não posso fazer isso. Antes deixá-lo viver e morrer aqui, depois cimentar seus restos na parede. Que, então, fazer? Se, com toda sua gentil persuasão, ele não move um dedo. Os subornos ele deixa debaixo do próprio peso de papel em sua mesa; em suma, está bem claro que ele prefere agarrar-se a você.

Então algo severo, fora do comum, deve ser feito. O quê!? Você certamente não vai mandar um guarda acorrentá-lo e submeter sua pálida tez inocente à cadeia? E sob qual argumentação você poderia forjar a concretude de tal fato? – ele é um vagamundo? *Data venia!* Ele, um vagamundo, um vagante, que se recusa a sair do lugar? É exatamente por ele *não* ser um vagamundo que você quer prendê-lo *como* um vagamundo. Isso é absurdo demais. Sem meios visíveis de sustento: aí o peguei. Errado novamente: pois indubitavelmente se sustenta *sim*, e essa é a única prova cabal que qualquer homem pode mostrar que possui os meios para tal. Sem mais, então. Já que não me larga, devo eu largá-lo. Mudarei meu escritório; vou para outro lugar, e dá-lo-ei o aviso que, caso o encontre em minha nova propriedade, processá-lo-ei como um simples invasor.

Agindo de acordo, no dia seguinte dirigi-me a ele: “Acho essas salas muito longe da Prefeitura; o ar é insalubre. Em uma palavra, proponho remover minhas salas próxima semana, e não precisarei mais de seus serviços. Aviso agora para que possa procurar outro lugar.”

Não respondeu, e nada mais foi dito.

No dia marcado, arranjei os veículos e os homens, prossegui para minhas salas e, tendo poucos móveis, tudo foi removido em poucas horas. Ao longo da mudança, o escriturário permaneceu parado de pé por trás do biombo, o qual mandei remover por último. Ele foi retirado e, sendo dobrado feito folha de papel, revelou-se o ocupante imóvel

not have him collared by a constable, and commit his innocent pallor to the common jail? And upon what ground could you procure such a thing to be done?—a vagrant, is he? What! he a vagrant, a wanderer, who refuses to budge? It is because he will *not* be a vagrant, then, that you seek to count him *as* a vagrant. That is too absurd. No visible means of support: there I have him. Wrong again: for indubitably he *does* support himself, and that is the only unanswerable proof that any man can show of his possessing the means so to do. No more then. Since he will not quit me, I must quit him. I will change my offices; I will move elsewhere; and give him fair notice, that if I find him on my new premises I will then proceed against him as a common trespasser.

Acting accordingly, next day I thus addressed him: "I find these chambers too far from the City Hall; the air is unwholesome. In a word, I propose to remove my offices next week, and shall no longer require your services. I tell you this now, in order that you may seek another place."

He made no reply, and nothing more was said.

On the appointed day I engaged carts and men, proceeded to my chambers, and having but little furniture, every thing was removed in a few hours. Throughout, the scrivener remained standing behind the screen, which I directed to be removed the last thing. It was withdrawn; and being folded up like a huge folio, left him the motionless occupant of a naked room. I stood in the entry watching him a moment, while something from within me upbraided me.

I re-entered, with my hand in my pocket—and—and my heart in my mouth.

"Good-bye, Bartleby; I am going—good-bye, and God some way bless you; and take that," slipping something in his hand. But it dropped upon the floor, and then,—strange to say—I tore myself from him whom I had so longed to be rid of.

Established in my new quarters, for a day or two I kept the door locked, and started at every footfall in the passages. When I

de uma sala nua. Parei na entrada observando-o por um momento, enquanto algo dentro de mim urrou.

Reentrei, mãos no bolso e... e coração na boca.

“Adeus, Bartleby; Estou partindo – adeus e Deus o abençoe de algum modo; e fique com isso”, entregando algo em sua mão. Mas caiu no chão, e então – estranho dizer – desvencilhei-me dele, de quem tanto desejei me livrar.

Estabelecido em minhas novas salas, por um dia ou dois mantive a porta trancada, e surtava com quaisquer passos no corredor. Quando retornava ao escritório após breve ausência qualquer, pairava no umbral por um instante e ouvia atentamente antes de inserir a chave. Mas os temores eram desnecessários. Bartleby jamais veio.

Pensei que tudo estivesse indo bem, quando um estranho perturbado me visitou, inquirindo se eu fora o último a ocupar as salas em Wall Street, número –.

Tomado por mau agouro, confirmei.

“Então, senhor”, disse o estranho, que se revelou um advogado, “é responsável pelo homem que deixou lá. Recusa-se a copiar; recusa qualquer coisa; diz que prefere não; e recusa a deixar a propriedade.”

“Sinto muito, senhor”, disse eu, com assumida tranquilidade, mas tremor interno, “mas realmente o homem ao qual se refere não é nada meu – não é parente nem aprendiz, para que me julgue responsável.”

“Por misericórdia, quem é ele?”

“Certamente não posso informá-lo. Sobre ele nada sei. Anteriormente o empreguei como copista; mas ele já não fazia mais nada para mim há um tempo.”

“Deverei tratar dele, então – bom dia, senhor.”

Vários dias se passaram e não ouvi mais dele; e, embora sentisse com frequência uma vontade caridosa de ir ao local e ver o pobre Bartleby, uma certa náusea, não sei de que ordem, me continha.

Tudo está acabado com ele, finalmente, pensei dessa vez, quando, após mais uma semana, nenhuma outra notícia chegou a mim. Porém, chegando a meu

returned to my rooms after any little absence, I would pause at the threshold for an instant, and attentively listen, ere applying my key. But these fears were needless. Bartleby never came nigh me.

I thought all was going well, when a perturbed looking stranger visited me, inquiring whether I was the person who had recently occupied rooms at No.—Wall-street.

Full of forebodings, I replied that I was.

"Then sir," said the stranger, who proved a lawyer, "you are responsible for the man you left there. He refuses to do any copying; he refuses to do any thing; he says he prefers not to; and he refuses to quit the premises."

"I am very sorry, sir," said I, with assumed tranquility, but an inward tremor, "but, really, the man you allude to is nothing to me—he is no relation or apprentice of mine, that you should hold me responsible for him."

"In mercy's name, who is he?"

"I certainly cannot inform you. I know nothing about him. Formerly I employed him as a copyist; but he has done nothing for me now for some time past."

"I shall settle him then,—good morning, sir."

Several days passed, and I heard nothing more; and though I often felt a charitable prompting to call at the place and see poor Bartleby, yet a certain squeamishness of I know not what withheld me.

All is over with him, by this time, thought I at last, when through another week no further intelligence reached me. But coming to my room the day after, I found several persons waiting at my door in a high state of nervous excitement.

"That's the man—here he comes," cried the foremost one, whom I recognized as the lawyer who had previously called upon me alone.

"You must take him away, sir, at once," cried a portly person among them, advancing upon me, and whom I knew to be the landlord of No.—Wall-street. "These

escritório no dia seguinte, deparei-me com várias pessoas me aguardando na porta em alto estado de excitação.

“Eis o homem – aí vem ele”, gritou o mais próximo, o qual reconheci como aquele advogado que me visitara sozinho.

“O senhor deve levá-lo embora de uma vez”, gritou um de porte arredondado dentre eles, avançando sobre mim, e quem eu sabia ser o senhorio do número – em Wall Street. “Estes senhores, meus inquilinos, não conseguem mais suportar; o senhor B—”, apontando para o advogado, “já o expulsou de sua sala, e ele agora persiste em assombrar o prédio todo, sentando sobre os corrimãos das escadarias de dia e dormindo na entrada de noite. Todos estão preocupados; clientes estão deixando os escritórios; alguns temores são diversão de multidões; algo você deve fazer, e sem demora.”

Atônito com as rajadas, recuei diante de todos e desejei estar trancado em minha sala. Em vão insisti que Bartleby era nada meu – não mais que de qualquer pessoa. Em vão: eu era o último contato conhecido dele, e me cobraram terrivelmente por isso. Então, temendo ser exposto nos jornais (como um dos presentes obscuramente ameaçou), como um *quid pro quo* e, em tempo, disse que, caso o advogado me concedesse uma conversa confidencial com o copista, em sua própria sala (do advogado), naquela mesma tarde, tentaria ao máximo livrá-los do incômodo de que tanto reclamam.

Subindo as escadas para meu antigo recanto, lá estava Bartleby silenciosamente sentado sobre o corrimão do patamar.

“O que está fazendo aqui, Bartleby?” eu disse.

“Sentando no corrimão”, respondeu sutilmente.

Eu o conduzi até a sala do advogado, que nos deixou a sós.

“Bartleby,” disse eu, “você está ciente que é a causa de grande tribulação para mim, por persistir em ocupar a entrada após ser dispensado do escritório?”

Sem resposta.

“Agora, um dos dois vai acontecer: ou você deve fazer algo, ou algo deve ser feito

gentlemen, my tenants, cannot stand it any longer; Mr. B—” pointing to the lawyer, “has turned him out of his room, and he now persists in haunting the building generally, sitting upon the banisters of the stairs by day, and sleeping in the entry by night. Every body is concerned; clients are leaving the offices; some fears are entertained of a mob; something you must do, and that without delay.”

Aghast at this torrent, I fell back before it, and would fain have locked myself in my new quarters. In vain I persisted that Bartleby was nothing to me—no more than to any one else. In vain:—I was the last person known to have any thing to do with him, and they held me to the terrible account. Fearful then of being exposed in the papers (as one person present obscurely threatened) I considered the matter, and at length said, that if the lawyer would give me a confidential interview with the scrivener, in his (the lawyer's) own room, I would that afternoon strive my best to rid them of the nuisance they complained of.

Going up stairs to my old haunt, there was Bartleby silently sitting upon the banister at the landing.

“What are you doing here, Bartleby?” said I.

“Sitting upon the banister,” he mildly replied.

I motioned him into the lawyer's room, who then left us.

“Bartleby,” said I, “are you aware that you are the cause of great tribulation to me, by persisting in occupying the entry after being dismissed from the office?”

No answer.

“Now one of two things must take place. Either you must do something, or something must be done to you. Now what sort of business would you like to engage in? Would you like to re-engage in copying for some one?”

“No; I would prefer not to make any change.”

“Would you like a clerkship in a dry-goods store?”



com você. Agora em qual tipo de trabalho você vai querer se engajar? Quer reengajar em copiar para alguém?"

"Não; preferiria não fazer mudança alguma."

"Gostaria de ser vendedor em alguma loja de roupas ou comida?"

"Há muito confinamento nisso. Não, não gostaria de ser atendente em loja; mas não sou particular."

"Muito confinamento," gritei, "mas você fica confinado o tempo todo!"

"Preferiria não ser atendente", repetiu, como com a intenção de encerrar o assunto de vez.

"Que tal um trabalho de atendente num bar? Não se esforça a vista nisso."

"Não gostaria disso de jeito nenhum; embora, como disse antes, eu não seja particular."

Sua verborragia incomum deu-me fôlego. Voltei a tentar.

"Bem, então, você gostaria de viajar pelo país coletando contas para os mercadores? Isso melhoraria sua saúde."

"Não, preferiria fazer outra coisa."

"Agradaria, então, sair como acompanhante à Europa para entreter jovens cavalheiros com sua conversação — isso agradaria a você?"

"Não mesmo. Não me surpreende que haja algo definido nisso. Gosto de ser estacionário. Mas não sou particular."

"Estacionário deverá ficar, então!", gritei, perdendo toda a paciência e, pela primeira vez em toda minha conexão exasperada com ele, entrando de verdade em fúria. "Se não for embora dessa propriedade até a noite, serei obrigado — de fato, *sou* obrigado... a... a... a sair da propriedade eu mesmo!" Absurdamente concluí, não encontrando ameaça possível para forçar sua imobilidade a ceder. Desprovido de qualquer força de vontade, estava quase saindo precipitadamente, quando uma última ideia me ocorreu — uma que não havia sido descartada inteiramente antes.

"Bartleby," disse eu, no tom mais gentil que pude fingir sob tais circunstâncias exaltantes, "você vem comigo agora — não

"There is too much confinement about that. No, I would not like a clerkship; but I am not particular."

"Too much confinement," I cried, "why you keep yourself confined all the time!"

"I would prefer not to take a clerkship," he rejoined, as if to settle that little item at once.

"How would a bar-tender's business suit you? There is no trying of the eyesight in that."

"I would not like it at all; though, as I said before, I am not particular."

His unwonted wordiness inspired me. I returned to the charge.

"Well then, would you like to travel through the country collecting bills for the merchants? That would improve your health."

"No, I would prefer to be doing something else."

"How then would going as a companion to Europe, to entertain some young gentleman with your conversation,—how would that suit you?"

"Not at all. It does not strike me that there is any thing definite about that. I like to be stationary. But I am not particular."

"Stationary you shall be then," I cried, now losing all patience, and for the first time in all my exasperating connection with him fairly flying into a passion. "If you do not go away from these premises before night, I shall feel bound—indeed I *am* bound—to—to quit the premises myself!" I rather absurdly concluded, knowing not with what possible threat to try to frighten his immobility into compliance. Despairing of all further efforts, I was precipitately leaving him, when a final thought occurred to me—one which had not been wholly unindulged before.

"Bartleby," said I, in the kindest tone I could assume under such exciting circumstances, "will you go home with me now—not to my office, but my dwelling—and remain there till we can conclude upon some convenient arrangement for you at our leisure? Come, let us start now, right away."

para meu escritório, mas para minha morada – para ficar lá até podermos decidir algum arranjo conveniente para você em nossa folga? Venha, vamos embora, agora mesmo.”

“Não: no momento preferiria não fazer mudança alguma.”

Nada respondi; mas, efetivamente esquivando de todos com brusca e repentina fuga, corri do prédio, subi Wall Street em direção à Broadway e, saltando no primeiro ônibus, logo me vi fora de perseguição. Assim que a tranquilidade retornou, distintivamente percebi que tinha agora feito tudo que pude, tanto em respeito às demandas do senhorio e seus inquilinos, quanto em respeito a meu próprio desejo e senso de dever, para beneficiar Bartleby e protegê-lo de rude perseguição; agora esforcei-me para ser inteiramente descuidado e quiescente; e minha consciência justificava a tentativa; embora, é verdade, não fui tão bem sucedido quanto desejei. Tão temeroso fiquei em ser novamente caçado pelo senhorio enfurecido e seus inquilinos exasperados que, entregando meus negócios para Nippers por alguns dias, dirigi pela parte alta da cidade e através dos subúrbios em minha carruagem; cruzei até Jersey City e Hoboken, e fiz visitas a Manhattanville e Astoria. Na verdade, quase vivi em minha carruagem naquele tempo.

Quando entrei em meu escritório novamente, ora, um recado do senhorio pairava sobre a mesa. Abri-o com mãos trêmulas. Informava que o escritor chamara a polícia e mandou Bartleby para as Tumbas como um vagamundo. Além de tudo, conhecendo-o mais que qualquer outro, ele desejava que eu aparecesse naquele lugar e desse um esclarecimento apropriado dos fatos. Essas novas tiveram efeitos conflitantes em mim. No início, fiquei indignado; mas, depois, quase aprovei. A atitude energética e direta do senhorio o fez adotar um procedimento que não acho que eu mesmo teria feito; ainda assim, como uma última cartada, sob circunstâncias tão peculiares, pareceu ser o único plano.

Como descobri mais tarde, o pobre escriturário, ao saber que deveria ser

"No: at present I would prefer not to make any change at all."

I answered nothing; but effectually dodging every one by the suddenness and rapidity of my flight, rushed from the building, ran up Wall-street towards Broadway, and jumping into the first omnibus was soon removed from pursuit. As soon as tranquility returned I distinctly perceived that I had now done all that I possibly could, both in respect to the demands of the landlord and his tenants, and with regard to my own desire and sense of duty, to benefit Bartleby, and shield him from rude persecution. I now strove to be entirely care-free and quiescent; and my conscience justified me in the attempt; though indeed it was not so successful as I could have wished. So fearful was I of being again hunted out by the incensed landlord and his exasperated tenants, that, surrendering my business to Nippers, for a few days I drove about the upper part of the town and through the suburbs, in my rockaway; crossed over to Jersey City and Hoboken, and paid fugitive visits to Manhattanville and Astoria. In fact I almost lived in my rockaway for the time.

When again I entered my office, lo, a note from the landlord lay upon the desk. I opened it with trembling hands. It informed me that the writer had sent to the police, and had Bartleby removed to the Tombs as a vagrant. Moreover, since I knew more about him than any one else, he wished me to appear at that place, and make a suitable statement of the facts. These tidings had a conflicting effect upon me. At first I was indignant; but at last almost approved. The landlord's energetic, summary disposition had led him to adopt a procedure which I do not think I would have decided upon myself; and yet as a last resort, under such peculiar circumstances, it seemed the only plan.

As I afterwards learned, the poor scrivener, when told that he must be conducted to the Tombs, offered not the slightest obstacle, but in his pale unmoving way, silently acquiesced.

Some of the compassionate and curious bystanders joined the party; and

conduzido às Tumbas, não ofereceu a menor resistência, mas, a seu modo pálido e inerte, silenciosamente aquiesceu.

Alguns dos presentes curiosos e compadecidos juntaram-se ao grupo; e, liderados por um dos guardas de braços dados com Bartleby, a silenciosa procissão seguiu seu caminho através do barulho e calor e graça das ruas pululantes ao meio dia.

No mesmo dia que recebi o recado, fui às Tumbas ou, para dar o nome apropriado, aos Salões da Justiça. Buscando o oficial indicado, disse o propósito da visita e fui informado que o indivíduo descrito estava, de fato, lá. Garanti, então, ao servidor que Bartleby era um homem perfeitamente honesto e grande merecedor de compaixão, embora excêntrico de modo indescritível. Narrei tudo que sabia e concluí sugerindo deixá-lo permanecer no mais indulgente confinamento até que algo menos rígido pudesse ser feito – apesar, é claro, de mal saber o quê. De toda forma, se nada mais puder ser decidido, o asilo deve recebê-lo. Supliquei uma visita em seguida.

Não estando sob acusação séria, e até bastante sereno e inofensivo em seus modos, permitiram que ficasse vagando pela prisão e, especialmente, pelos jardins internos cobertos de grama. Então encontrei-o lá, de pé, solitário no mais calmo dos jardins, sua face virada para um muro alto, enquanto por todos os lados, pelas estreitas aberturas das janelas da prisão, pensei ter visto os olhos de assassinos e ladrões a sua espreita.

"Bartleby!"

"Conheço você", ele disse, sem virar o rosto, "e não quero dizer nada a você."

"Não fui eu que o trouxe para cá, Bartleby," disse eu, profundamente magoado por sua suspeita implícita. "E, para você, esse não deve ser um lugar tão vil. Nada vexaminoso o condena por estar aqui. E veja, não é local tão triste assim quanto se pensa. Olha, lá está o céu, cá está a grama."

"Sei onde estou" respondeu, mas não disse nada mais, então o deixei.

Enquanto entrava no corredor novamente, um homem largo e carnudo, de

headed by one of the constables arm in arm with Bartleby, the silent procession filed its way through all the noise, and heat, and joy of the roaring thoroughfares at noon.

The same day I received the note I went to the Tombs, or to speak more properly, the Halls of Justice. Seeking the right officer, I stated the purpose of my call, and was informed that the individual I described was indeed within. I then assured the functionary that Bartleby was a perfectly honest man, and greatly to be compassionated, however unaccountably eccentric. I narrated all I knew, and closed by suggesting the idea of letting him remain in as indulgent confinement as possible till something less harsh might be done—though indeed I hardly knew what. At all events, if nothing else could be decided upon, the almshouse must receive him. I then begged to have an interview.

Being under no disgraceful charge, and quite serene and harmless in all his ways, they had permitted him freely to wander about the prison, and especially in the inclosed grass-platted yard thereof. And so I found him there, standing all alone in the quietest of the yards, his face towards a high wall, while all around, from the narrow slits of the jail windows, I thought I saw peering out upon him the eyes of murderers and thieves.

"Bartleby!"

"I know you," he said, without looking round,— "and I want nothing to say to you."

"It was not I that brought you here, Bartleby," said I, keenly pained at his implied suspicion. "And to you, this should not be so vile a place. Nothing reproachful attaches to you by being here. And see, it is not so sad a place as one might think. Look, there is the sky, and here is the grass."

"I know where I am," he replied, but would say nothing more, and so I left him.

As I entered the corridor again, a broad meat-like man, in an apron, accosted me, and jerking his thumb over his shoulder said—"Is that your friend?"

"Yes."

avental, abordou-me e, balançando o dedão por cima do ombro, disse: “É seu amigo?”

“Sim.”

“Ele quer morrer de fome? Se sim, deixa viver comendo o básico, só isso.”

“Quem é você?” perguntei, não sabendo o que pensar de uma pessoa falando extraoficialmente em um lugar como esse.

“Sou o serve-rango. Os cavalheiro assim que tem amigo aqui me contrata pra dar comida boa pra eles.”

“Ah, é mesmo?” disse eu, virando-me para o carcereiro.

Ele disse que era.

“Bem, então,” disse eu, esgueirando umas pratas para as mãos do serve-rango (já que era assim que o chamavam), “quero que dê uma atenção particular ao meu amigo lá; deixe-o comer o melhor jantar que se pode ter. E seja o mais educado possível com ele.”

“Me apresenta, pode ser?” disse o serve-rango, fitando-me com uma expressão que parecia dizer que estava todo ansioso por uma oportunidade de exercer sua boa criação.

Achando que seria para o benefício do escriturário, acquiesci; e, perguntando o nome do serve-rango, subi com ele até Bartleby.

“Bartleby, este é um amigo; você o achará muito útil.”

“Seu servo, senhor, seu servo,” disse o serve-rango, gesticulando uma saudação baixa com seu avental. “Espero que goste daqui, senhor; ambientes bons – apartamentos arejados – espero que fique um bom tempo – tente tornar isso agradável. Vai querer jantar o quê hoje?”

“Prefiro não jantar hoje”, disse Bartleby, virando-se para o outro lado. “Não faria bem a mim; estou desacostumado com jantares.” Dizendo isso, lentamente moveu-se para o outro lado da carceragem e ficou numa posição encarando a parede.

“Como assim?” disse o serve-rango, dirigindo-se a mim com um olhar de estarcimento. “Ele é estranho, né?”

“Acho ele um pouco desvairado”, disse eu, tristemente.

“Desvairado? Desvairado, é? Bem, agora, deixa eu dizer, pensei que esse amigo aí seu fosse um cavalheiro estelionatário; eles

"Does he want to starve? If he does, let him live on the prison fare, that's all."

"Who are you?" asked I, not knowing what to make of such an unofficially speaking person in such a place.

"I am the grub-man. Such gentlemen as have friends here, hire me to provide them with something good to eat."

"Is this so?" said I, turning to the turnkey.

He said it was.

"Well then," said I, slipping some silver into the grub-man's hands (for so they called him). "I want you to give particular attention to my friend there; let him have the best dinner you can get. And you must be as polite to him as possible."

"Introduce me, will you?" said the grub-man, looking at me with an expression which seem to say he was all impatience for an opportunity to give a specimen of his breeding.

Thinking it would prove of benefit to the scrivener, I acquiesced; and asking the grub-man his name, went up with him to Bartleby.

"Bartleby, this is a friend; you will find him very useful to you."

"Your sarvant, sir, your sarvant," said the grub-man, making a low salutation behind his apron. "Hope you find it pleasant here, sir; nice grounds—cool apartments—hope you'll stay with us some time—try to make it agreeable. What will you have for dinner to-day?"

"I prefer not to dine to-day," said Bartleby, turning away. "It would disagree with me; I am unused to dinners." So saying he slowly moved to the other side of the inclosure, and took up a position fronting the dead-wall.

"How's this?" said the grub-man, addressing me with a stare of astonishment. "He's odd, aint he?"

"I think he is a little deranged," said I, sadly.

"Deranged? deranged is it? Well now, upon my word, I thought that friend of yours was a gentleman forger; they are always pale and genteel-like, them forgers. I can't

são sempre pálido e de classe esses estelionatário. Não consigo deixar de ter pena deles – não consigo, senhor. Conhecia Monroe Edwards?” Adicionou, de modo tocante e pausado. Depois, estendendo piedosamente a mão em meu ombro, suspirou, “morreu de tuberculose em Sing-Sing. Então, não ouviu falar de Monroe?”

“Não, nunca fui socialmente apresentado a estelionatários. Mas não posso me demorar. Olhe pelo meu amigo lá. Você não tem nada a perder. Vejo-o em breve.”

Alguns dias após isso, consegui entrar novamente nas Tumbas e fui pelos corredores em busca de Bartleby; mas sem o achar.

“Eu o vi vindo de sua cela não faz muito tempo”, disse um carcereiro, “talvez ele tenha ido passar o tempo nos jardins.”

Fui então nessa direção.

“Está procurando pelo homem silencioso?” disse um outro carcereiro, ao passar. “Acolá ele fica – dormindo no jardim ali. Faz nem vinte minutos que o vi lá deitado.”

O jardim estava completamente silencioso. Não estava acessível ao prisioneiro comum. Os muros ao redor, de largura descomunal, isolavam qualquer barulho detrás deles. O caráter egípcio da alvenaria pesava sobre mim com sua escuridão. Mas uma suave relva aprisionada crescia por debaixo. Parecia o coração das eternas pirâmides, de onde, por obra de mágica exótica, através dos recessos, sementes de grama derrubadas por pássaros haviam germinado.

Estranhamente curvado na base do muro, com os joelhos puxados para si, e de lado, com a cabeça tocando as pedras frias, vi Bartleby jogado. Mas nada movia. Pausei; depois cheguei mais perto; inclinei-me por cima e vi que seus olhos opacos estavam abertos; fora isso, ele parecia dormir profundamente. Algo me urgiu a tocá-lo. Senti sua mão, quando um calafrio agudo percorreu meu braço e minha espinha até meus pés.

O rosto redondo do serve-rango me observava agora. “O jantar dele tá pronto. Ou

pity'em—can't help it, sir. Did you know Monroe Edwards?” he added touchingly, and paused. Then, laying his hand pityingly on my shoulder, sighed, “he died of consumption at Sing-Sing. So you weren't acquainted with Monroe?”

“No, I was never socially acquainted with any forgers. But I cannot stop longer. Look to my friend yonder. You will not lose by it. I will see you again.”

Some few days after this, I again obtained admission to the Tombs, and went through the corridors in quest of Bartleby; but without finding him.

“I saw him coming from his cell not long ago,” said a turnkey, “may be he's gone to loiter in the yards.”

So I went in that direction.

“Are you looking for the silent man?” said another turnkey passing me. “Yonder he lies—sleeping in the yard there. 'Tis not twenty minutes since I saw him lie down.”

The yard was entirely quiet. It was not accessible to the common prisoners. The surrounding walls, of amazing thickness, kept off all sounds behind them. The Egyptian character of the masonry weighed upon me with its gloom. But a soft imprisoned turf grew under foot. The heart of the eternal pyramids, it seemed, wherein, by some strange magic, through the clefts, grass-seed, dropped by birds, had sprung.

Strangely huddled at the base of the wall, his knees drawn up, and lying on his side, his head touching the cold stones, I saw the wasted Bartleby. But nothing stirred. I paused; then went close up to him; stooped over, and saw that his dim eyes were open; otherwise he seemed profoundly sleeping. Something prompted me to touch him. I felt his hand, when a tingling shiver ran up my arm and down my spine to my feet.

The round face of the grub-man peered upon me now. “His dinner is ready. Won't he dine to-day, either? Or does he live without dining?”

“Lives without dining,” said I, and closed his eyes.

“Eh!—He's asleep, aint he?”

não vai jantar hoje, também? Ou ele vive sem jantar?”

“Vive sem jantar”, disse eu, e fechei seus olhos.

“Ah! Ele tá dormindo, né?”

“Com reis e conselheiros”, murmurei.

\*\*\*

Parecia sem necessidade proceder com a história. A imaginação prontamente proverá o medíocre relato do enterro de um indigente feito Bartleby. Porém, antes de partir com o leitor, permita-me dizer que se esta pequena narrativa o tiver interessado o bastante para ativar curiosidade sobre quem Bartleby era e que vida ele levava antes do presente narrador o conhecer, posso somente responder que compartilho totalmente de tal curiosidade, mas sou inteiramente incapaz de satisfazê-la. Ainda assim, estou na dúvida se deveria divulgar ou não um pequeno rumor que chegou a meus ouvidos poucos meses após o falecimento do escriturário. Sobre qual base se mantém, nunca pude asseverar; portanto, o quão verdadeiro ele é não poderei dizer. Porém, à medida que este vago relato não veio sem um certo interesse sugestivo para mim, embora triste, pode se provar o mesmo para outros; então eu vou mencioná-lo rapidamente. O relato foi este: Bartleby havia sido um atendente subordinado no Gabinete do Correio Morto <sup>17</sup> em Washington, do qual fora subitamente removido por mudança na administração. Quando penso nesse rumor, dificilmente consigo expressar as emoções que me tomam. Correio morto! Não soa como homens mortos? Conceba um homem pendente por natureza e má sorte a uma desesperança pálida, poderia algum serviço ser mais apropriado para amplificar isso que aquele de continuamente manusear cartas mortas e as separar para o fogo? Pois elas são anualmente queimadas aos montes. Por vezes, de dentro do papel dobrado, o pálido funcionário puxa um anel – o dedo para o

"With kings and counselors," murmured I.

\*\*\*

There would seem little need for proceeding further in this history. Imagination will readily supply the meager recital of poor Bartleby's interment. But ere parting with the reader, let me say, that if this little narrative has sufficiently interested him, to awaken curiosity as to who Bartleby was, and what manner of life he led prior to the present narrator's making his acquaintance, I can only reply, that in such curiosity I fully share, but am wholly unable to gratify it. Yet here I hardly know whether I should divulge one little item of rumor, which came to my ear a few months after the scrivener's decease. Upon what basis it rested, I could never ascertain; and hence, how true it is I cannot now tell. But inasmuch as this vague report has not been without certain strange suggestive interest to me, however sad, it may prove the same with some others; and so I will briefly mention it. The report was this: that Bartleby had been a subordinate clerk in the Dead Letter Office at Washington, from which he had been suddenly removed by a change in the administration. When I think over this rumor, I cannot adequately express the emotions which seize me. Dead letters! does it not sound like dead men? Conceive a man by nature and misfortune prone to a pallid hopelessness, can any business seem more fitted to heighten it than that of continually handling these dead letters, and assorting them for the flames? For by the cart-load they are annually burned. Sometimes from out the folded paper the pale clerk takes a ring:—the finger it was meant for, perhaps, moulders in the grave; a bank-note sent in swiftest charity:—he whom it would relieve, nor eats nor hungers any more; pardon for those who died despairing; hope for those who died unhoping; good tidings for those who died stifled by unrelieved

<sup>17</sup> Gabinete de cartas extraviadas. Traduzir como “correio morto”, apesar de estranho, mantém a composição com “homens mortos” logo em seguida.

qual foi planejado, talvez, apodrecendo na cova; uma nota de valor enviada na mais tocante caridade – aquele que ela aliviaria não mais come nem sente fome; perdão para os que morreram desesperados; esperança para os que morreram desacreditados; boas novas para os que morreram privados pelas calamidades incessantes. Em trajetos de vida, essas cartas caminham para a morte.

Ah, Bartleby! Ah, humanidade!

calamities. On errands of life, these letters speed to death.

Ah Bartleby! Ah humanity!

Dada a proposta de tradução, partiremos no capítulo seguinte para comentários gerais sobre o resultado.

## 5 COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO

Neste capítulo, serão analisados os pontos mais representativos que demonstram que foi cumprido o objetivo de traduzir através de livre manipulação do discurso do narrador, segundo preceitos já apresentados anteriormente, e com o intuito de transparecer ainda mais seu cinismo aclamado pela crítica discutida ao longo deste trabalho, e observando as afirmações dos teóricos da HT. Ao longo do capítulo, utilizo referências a outras traduções, já mencionadas na introdução, mas com objetivo puramente descritivo, e não analítico, pois julgo importante se ter o panorama para termos comparativos. De nenhuma forma seriam importantes julgamentos de valor sobre as traduções brasileiras mencionadas.

É oportuno, antes, reforçar que o narrador, para a crítica especializada, recebe bastante atenção e a maioria das análises concorda que ele é de um caráter duvidoso: considera as pessoas apenas como “aquisições valiosas” (ou não); comercializa as relações humanas através de suborno; se vangloria de ter conseguido se livrar de Bartleby sem fazer escândalo, pois o preocupa muito não “escandalizar [sua] reputação profissional” (p. 75). Portanto, o narrador não logra uma boa imagem diante do leitor e “nesse ponto quase todos os críticos concordam” (STERN, 2008, p. 19)<sup>18</sup>. No que eles divergem é se, ao longo da narrativa, o narrador passa por uma mudança ou permanece cínico. No entanto, essa discussão não é de interesse deste trabalho; o que importa é que já há bastante consenso que o advogado não é apresentado por Melville como um narrador comprometido em reproduzir fielmente o discurso de Bartleby.

Não menos importante é a linguagem que Melville atribui ao advogado, que raramente recebe destaque dentre as traduções consultadas. A linguagem do narrador de Melville parece ser condizente com um advogado que possuía escritório em Wall Street, que trabalhava com e para homens ricos: esse perfil, junto com sua linguagem, não deve ter sido escolhido à toa por Melville. Parece haver alguma motivação para esse pano de fundo, que dialoga com o cenário e ressoa em boa afinação com as críticas já elencadas anteriormente, e uma tradução ganha em refletir isso. Portanto, na proposta de tradução, prontifiquei a incluir, sempre que cabível e que não oferecesse ameaça à integridade da narrativa, termos frequentemente utilizados no jargão jurídico brasileiro, como “a priori”, “data venia”, “inimputável”, “cabal”, “quid pro quo”, dentre outros. Dessa forma, julga-se tecer, assim, parte da composição do narrador, que faz questão de descrever seu escritório, sua índole prática, sua relação com o milionário John Jacob Astor, enfim, tudo o que transpareça a imagem de um advogado de sucesso no coração

---

<sup>18</sup> In sum, that is the case against the lawyer-narrator, and up to this point almost all critics agree.



financeiro dos Estados Unidos e, provavelmente, do mundo. Como a imagem é importante para o personagem, acredito que sua linguagem – mais o vocábulo técnico que o registro – também deva sugerir essa preocupação de transparecer pertencimento à classe jurídica através da livre manipulação de seu discurso.

É essencial lembrar que essa manipulação do discurso do narrador é uma ferramenta à disposição do tradutor literário, que encontra aporte na HT já apresentada, mas que foi utilizada magistralmente por Borges na sua tradução de *Bartleby* para a língua espanhola há mais de sete décadas. Borges deliberadamente manipulou o discurso do narrador, mas com intuito oposto ao deste trabalho: “distorcer” as palavras do advogado narrador a fim de o tornar mais confiável, apagando o ponto de vista ético da crítica sobre ele. Segundo Leone (2011), o caráter fantástico da novela de Melville está nos atos inconcebíveis e inexplicáveis de Bartleby e, para fomentar ainda esse ambiente estranho,

Borges fez o narrador mais confiável para enfatizar a razoabilidade do advogado e reduzir as complexidades psicológicas enquanto aprimora o fantástico. A ética do narrador não mais como a força motriz da narrativa, ele transforma o advogado para criar um personagem mais ético; pois quanto menos egoísta, covarde e iludido o advogado aparentar, Bartleby será inversamente mais estranho. (LEONE, 2011, p. 144)<sup>19</sup>

A tradução de *Bartleby* feita por Borges se torna um exemplo de como o tradutor pode “constantemente coproduzir o discurso, obscurecendo, mimetizando e falsificando, que seja, as palavras do narrador” (HERMANS, 1996, p. 43)<sup>20</sup>, ou simplesmente omitindo algumas palavras (LEONE, 2011, p. 147). O resultado foi aclamado, não apenas pela distorção do narrador, como também por outros artifícios como a mudança de registro da narrativa e dos personagens, a concisão, a reescrita, a musicalidade (COSTA, 1998). Tentei também coproduzir o discurso de Melville por trás do narrador, porém, lembrando mais uma vez, com intuito distinto: Borges manipulou o discurso do advogado para aprimorar sua imagem; aqui seu discurso foi manipulado para revelar ainda mais cinismo, indiferença, egoísmo, materialismo, ética distorcida e hipocrisia, a fim de salientar ainda mais o tom trágico – e até tragicômico – que Melville produziu. Para isso, toda manipulação aplicada na tradução proposta leva em conta tanto o “distorcido senso de humor” presente no discurso do narrador (LEONE, 2011) quanto o seu pungente cinismo.

---

<sup>19</sup> Borges made the narrator more reliable to emphasize the lawyer’s reasonability and thereby play down the psychological complexities while enhancing the fantastic. The narrator’s ethics no longer the driving force of the narrative, he transforms the lawyer to create a more ethical character; for the less selfish, cowardly and delusional the lawyer appears, Bartleby is inversely stranger.

<sup>20</sup> A model of translated narrative [...] needs to incorporate the translator as constantly co-producing the discourse, shadowing, mimicking and, as it were, counterfeiting the Narrator’s words.

Cabe esclarecer a definição do adjetivo “cínico” adotada aqui: “aquele que tem procedimento imoral, sarcástico ou debochado (...) ou aquele que tem atitude de descaso (...) ou personagem-tipo de indivíduo hipócrita, sem escrúpulos”<sup>21</sup>. A nossa tradução, com respaldo também em Glouberman (1980) e Ross (2000), considera que o narrador assume essa atitude de descaso diante de Bartleby por fugir e deixá-lo para trás e que ele também é hipócrita por posar de cristão humanitário quando, na verdade, tenta a todo custo se livrar de Bartleby – e até resiste à tentação de o assassinar – o que atesta que ele também não tem escrúpulos. O cinismo que Melville imprimiu no caráter do personagem narrador é tão forte que os tradutores absorveram como natural sua atitude de “comprar” as pessoas, pois interpretaram que ele deixou dinheiro na mão de Bartleby, sem exatamente estar explícito no texto fonte que o objeto que ele recebe nas mãos seja dinheiro, como vemos na passagem:

“Good-bye, Bartleby; I am going—good-bye, and God some way bless you; and take **that**,” slipping **something** in his hand. But it dropped upon the floor, and then,—strange to say—I tore myself from him whom I had so longed to be rid of. (p. 76, grifo nosso)

O advogado poderia estar entregando qualquer coisa: uma chave, uma foto, uma cartola, uma bengala, enfim, um presente. Entretanto, devido a seu caráter materialista e a outras tentativas de suborno, tanto a Bartleby para que vá embora quanto para o cantineiro da prisão para que alimente Bartleby, o leitor decide assumir que o objeto se trata de dinheiro. Prova disso é que as traduções brasileiras decidiram escolher o objeto como dinheiro:

– Adeus, Bartleby, estou indo... adeus, e que Deus o abençoe de alguma maneira. E tome isso – disse, colocando algum **dinheiro** em sua mão. Mas as **notas** caíram no chão, e, então, é estranho dizer, afastei-me daquele de quem eu tanto quisera livrar-me (ZANON, 2011, s/p, grifo nosso).

– Adeus, Bartleby; estou indo; adeus e que Deus o proteja; pegue isso. – E pus-lhe algumas **notas** na mão. Mas ele as deixou cair no chão e, então, coisa difícil de descrever, arranquei-me de perto da pessoa de que por tanto tempo desejei me livrar (LIMA, 2012, s/p, grifo nosso).

“Adeus, Bartleby; estou indo... adeus; e que Deus o abençoe de alguma maneira; tome isto”, e pus algum **dinheiro** em sua mão. Bartleby, no entanto, deixou-o cair no chão, e então — chega a ser estranho dizê-lo — finalmente consumei a separação que havia tanto tempo desejava (GAMBAROTTO, 2014, s/p, grifo nosso).

Este último até esclarece em nota a suposição adotada:

Não fazendo muito sentido a indeterminação do que quer que tenha ficado nas mãos de Bartleby e que, em seguida, ele deixa cair [...] pensamos nos objetos passivos de deslizarem (slipping) de uma mão a outra durante um cumprimento. O dinheiro recupera as tentativas fracassadas do narrador de fixar entre os dois uma relação economicamente mediada. (GAMBAROTTO, 2014, p. 208, N.T. 18)

Fica claramente estabelecido nas traduções dessa passagem, bem como na nota desta última, que os tradutores deliberadamente incluem o dinheiro nesse trecho, pois não estava

<sup>21</sup> <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cinico/>

explícito em Melville, e fica subentendido que assim o fazem por admitirem o tom de cinismo no discurso do advogado que valida um simples pressuposto: o narrador de Melville estabelece as relações sociais como sendo financeiras. Magistralmente, Melville consegue reforçar ainda mais esse cinismo na tentativa do narrador em esconder de seu relato o verdadeiro caráter do objeto que ele entrega a Bartleby: “*slipping something in his hand*” (grifo nosso). Na nossa tradução, apesar da proposta em acentuar o caráter materialista e duvidoso do narrador, escolhi não fazer o mesmo para seguir a sutileza de Melville, pois ficaria inconsistente: como pode um narrador, supostamente se apresentando como um bom chefe, um ser humano caridoso, admitir que tentou praticar suborno? Ele já o admitiu em outro ponto da narrativa, é verdade, mas ali ainda era um ato aceitável, pois o narrador estava despedindo Bartleby e já lhe devia, então, pagamento correspondente pelos serviços prestados: “‘Bartleby’, disse eu, ‘devo-lhe doze dólares pelos serviços; aqui estão trinta e dois; os vinte de troco são seus – Vai querer pegar?’, e estendi as notas a ele” (p. 69).

No entanto, qualquer que seja o caráter do advogado, uma leitura minuciosa não deixa passar o tom humorístico presente em seu discurso: os empregados são apresentados ao leitor como caricaturas, com apelidos levemente espirituosos ao invés de nomes reais, com brincadeiras sutis em relação às atitudes antes e após o meio-dia etc. Como afirma Stern (2008, p. 22), “toda perícia crítica [de *Bartleby*] sempre deixa passar um fato discreto, simples, tonal, superficial: a passagem é sutilmente engraçada. O narrador tem senso de humor”<sup>22</sup>. De fato, não se passa uma página da novela sem algum indício de ironia, hipérbole, eufemismo, que tenham efeito humorístico e que suavizem o tom trágico que se forma ao longo da trama. Ainda assim, como observou Stern (2008), muitos deixam passar o tom humorístico da história, como se pode constatar nas traduções brasileiras do trecho a seguir:

Owing to the great height of the surrounding buildings, and my chambers being on the second floor, the interval between this wall and mine **not a little** resembled a huge square cistern. (p. 45, grifo nosso)

Devido à grande altura dos prédios ao redor e ao fato de que meu escritório ficava no segundo andar, o espaço entre essa parede e a minha assemelhava-se muito com uma imensa cisterna quadrada. (ZANON, 2011, s/p)

Devido à grande altura dos edifícios em torno e ao fato de o meu escritório ser no segundo andar, o intervalo entre essa parede e a minha assemelhava-se a uma gigantesca cisterna quadrangular. (LIMA, 2012, s/p)

Graças à grande altura dos prédios vizinhos e ao fato de meu escritório estar no segundo andar, o espaço entre essa parede e a minha se parecia muito com uma imensa cisterna quadrada. (GAMBAROTTO, 2014, s/p)

Pela grande altura dos prédios ao redor e por meus escritórios ficarem no segundo andar, o

---

<sup>22</sup> All such critical ingenuity always misses one humble, simple, tonal, surface fact: the passage is mildly funny. The narrator has a sense of humour.

espaço entre essa parede e a minha se parecia muito com uma imensa cisterna quadrada. (TADEU, 2015, s/p)

Porque os prédios vizinhos eram tão altos, e o meu escritório ficava no segundo andar, o espaço entre esta parede e a minha lembrava uma enorme cisterna quadrada. (HIRSCH, 2017, s/p)

Tendo em vista a grande altura dos prédios em redor e o fato de meu escritório ser no segundo andar, o espaço entre essa parede e a minha parecia uma imensa cisterna quadrada. (LEMOS, 2017, s/p)

Como se pode ver, a expressão “*not a little*” foi apagada nas versões brasileiras e, como resultado, temos um apagamento do tom irônico do trecho, tão importante na construção do humor e, conseqüentemente, na composição do narrador de Melville. Minha proposta de tradução para recriar o tom foi manter a expressão irônica:

Devido à grandiosa altura dos prédios ao redor, e minhas salas estando no segundo andar, o espaço entre esse muro e o meu **nem um pouco** se assemelhava a uma enorme cisterna quadrada. (p. 45, grifo nosso)

Dentre os momentos de maior manipulação no discurso do narrador nessa composição, pode-se destacar alguns mais emblemáticos. O primeiro apresenta a falsa atitude cristã do personagem, que decide ir à igreja num domingo, porém com motivação duvidosa: “Agora, num domingo de manhã, acabei indo à Igreja da Trindade para ouvir um padre famoso” (p. 60). O próprio ato de ir à igreja foi colocado por Melville como se fosse algo raro para o advogado, ainda mais com o intuito de ouvir sermão de um célebre orador, como quem vai a um teatro ou a um concerto atraído por uma celebridade, ou seja, o intuito religioso acaba ficando como secundário ou terciário. De toda forma, o advogado acaba chegando cedo demais e decide ir ao seu escritório para matar o tempo, que é quando encontra Bartleby e descobre que ele está morando no escritório. Esse choque o põe a refletir sobre a solidão e a indigência de Bartleby, suscitando nele sentimentos fraternos nunca antes sentidos: “Pela primeira vez na vida, uma sensação de sobrepujante melancolia aguda me tomou. [...] O elo comum à humanidade agora me puxava para baixo irresistivelmente. Melancolia fraterna!” (p. 62). Porém, em seguida, em uma bela sacada humorística de Melville, o narrador repentinamente se desvencilha dessa melancolia e cede ao asco: “mas justamente na mesma medida que a desgraça de Bartleby crescia mais e mais em minha imaginação, aquela mesma melancolia se transformava em medo e a pena, em repulsa” (p. 64). E, antes de ser acusado, ele se defende – como geralmente ocorre com os culpados – afirmando que isso não seria egoísmo de sua parte: “Erra aquele que afirma que isso se deve invariavelmente ao egoísmo inerente ao coração humano” (p. 64). E, tentando confundir o leitor com uma espécie de dupla negativa (“não raramente”), o que Melville sugere nas entrelinhas é que o narrador não é capaz de suportar a dor de sentir aquela “melancolia fraterna”: “*To a sensitive being, pity is not seldom pain*” (p. 64). As traduções neste ponto

ficaram próximas do literal, utilizando soluções tradutórias bastante arrojadas, mas nenhuma personalizando o enunciado para o narrador:

Para um ser sensível, a piedade não raramente se converte em dor. (ZANON, 2011, s/p)

Para um ser sensível, a piedade é, muitas vezes, sofrimento. (LIMA, 2012, s/p)

Para um ser sensível, a pena não raro manifesta-se na dor. (GAMBAROTTO, 2014, s/p)

Para um ser sensível, a piedade não raro é dor. (TADEU, 2015, s/p)

Para uma pessoa sensível, a piedade é quase sempre uma dor. (HIRSCH, 2017, s/p)

Para um ser sensível, a compaixão não raro é sofrimento. (LEMOS, 2017, s/p)

Seguindo a nossa proposta de manipulação do discurso do narrador, para desvelar um pouco mais esse cinismo, decidi propor na tradução uma reescrita dessa frase que possa não só simplificar o enunciado e declarar de modo mais assertivo essa sugestão do narrador, mas também personalizar um enunciado que, assim posto, estava genérico demais, isento demais: “Para um ser sensível como eu, a piedade dói”. Dessa forma, advogando ser um homem frágil, o narrador de Melville tenta se absolver de sensações de piedade, dó e fraternidade, que seriam nocivas a sua alma. Já não bastasse tal desfaçatez, Melville acrescenta o fato de o advogado desistir de sua ida à igreja fazendo-se de inocente ao afirmar que não sabia dizer com certeza o que o impedia de assistir a um culto religioso naquele momento: “*Somehow, the things I had seen disqualified me for the time from church-going*” (p. 64, grifo nosso).

As traduções consultadas utilizaram uma expressão equivalente para modalizar essa sugerida inocência do narrador: “de algum modo”, “num certo sentido”, “de alguma forma”, “de algum modo”, “de certa forma”. Com exceção de uma, que resolveu remover qualquer modalização, deixando o narrador assumir que seus pensamentos e atitudes naquele momento o haviam maculado para qualquer cerimônia sacra: “Não consumerei naquela manhã a intenção de ir à Igreja da Santíssima Trindade. As coisas que testemunhara me impossibilitavam, pelo menos por enquanto, de ir à igreja” (LEMOS, 2017, s/p). Ainda assim, assumir não estar apto ao culto religioso seria um momento de autoconsciência, de admitir o erro ou a fragilidade, que já é em si, de certa forma, um ato nobre, ou, no mínimo, um ato de respeito para com a igreja. Tais posicionamentos não combinariam com nosso advogado cínico. Logo, na tradução aqui proposta, deliberadamente flexibilizei a expressão modalizadora do texto fonte (*somehow*) para uma expressão que transparecesse uma ironia acintosa: “Não concluí meu propósito de ir à Igreja da Trindade naquela manhã. **Misteriosamente**, as coisas que vira me desqualificavam por ora de ir à igreja” (p. 64, grifo nosso). Assim, admitir não saber o motivo óbvio que o

impedia de ir à igreja, se não corroborar com seu cinismo, pelo menos salienta mais o tom humorístico da história.

Um outro exemplo representativo da distorção do discurso do narrador é a mudança de vocabulário na passagem em que o narrador tenta uma última vez convencer Bartleby a deixar o prédio que ele insiste em “assombrar” e a acompanhá-lo até sua casa. Nesta passagem, a escolha tradutória mantém o que interpreto como mau caráter do narrador:

“Bartleby,” said I, **in the kindest tone I could assume** under such exciting circumstances, “will you go home with me now—not to my office, but my dwelling—and remain there till we can conclude upon some convenient arrangement for you at our leisure?” (p. 79, grifo nosso)

“Bartleby,” disse eu, **no tom mais gentil que pude fingir** sob tais circunstâncias exaltantes, “você vem comigo agora – não para meu escritório, mas para minha morada – para ficar lá até podermos decidir algum arranjo conveniente para você em nossa folga? (p. 79, grifo nosso)

As outras traduções brasileiras analisadas mantiveram o tom de real tentativa do narrador de simpatizar com Bartleby e soar amigável, mesmo que com o intuito egoísta de o convencer a sair do prédio para satisfazer o pedido dos homens importantes e colegas de profissão. Melville foi sutil, assim como as outras traduções brasileiras. Ainda assim, o verbo “fingir” parece mais enfático na denúncia de seu caráter dissimulado que as opções antes utilizadas:

– Bartleby – falei, **no tom mais gentil que consegui arranjar** levando em conta as circunstâncias enervantes [...] (ZANON, 2011, s/p)

– Bartleby – disse eu **no tom mais afável que consegui assumir** em circunstâncias tão irritantes [...] (LIMA, 2012, s/p)

“Bartleby”, disse eu, **no tom mais gentil que as circunstâncias me permitiam** [...] (GAMBAROTTO, 2014, s/p)

"Bartleby", disse eu, **no tom mais amável de que era capaz** em circunstâncias tão agitadas [...] (TADEU, 2015, s/p)

“Bartleby”, eu disse, **no tom mais gentil que consegui** naquelas circunstâncias desesperadoras [...] (HIRSCH, 2017, s/p)

E falei, **no tom mais gentil que podia assumir** nas circunstâncias [...] (LEMOS, 2017, s/p)

Em outro trecho, a escrita de Melville revela mais esse caráter distorcido do personagem narrador. Quando a teimosia de Bartleby leva o narrador ao extremo de sua “indulgência”, este admite quase ter sucumbido à tentação de o assassinar. O narrador compara sua situação com a de Colt ao assassinar Adams no famoso caso em que este vai ao escritório daquele para cobrar dívidas e acaba enraivecendo-o a ponto de ser brutalmente assassinado. O advogado de Melville lembra do ocorrido e tem a audácia de defender o assassino por compactuar da raiva que ele sentira no momento – o que justificaria o homicídio:

I remembered the tragedy of the unfortunate Adams and the still more unfortunate Colt in the solitary office of the latter; and how poor Colt, being dreadfully incensed by Adams, and imprudently permitting himself to get wildly excited, was at unawares hurried into his fatal act—an act which certainly no man could possibly deplore more than the actor himself. (p. 72)

É claro o sentimento de pena do narrador para com o “pobre Colt”, o assassino. Percebe-se que ele culpa Adams, a vítima, “desafortunado”, pelo ocorrido. Enquanto isso, Colt, “mais desafortunado ainda”, o assassino, apenas se “permitiu” ser “terrivelmente provocado” por Adams. O cinismo já é visível como Melville deixou escrito, mas visualizei a oportunidade de expor essa opinião do narrador com mais clareza e objetividade com a flexibilização das expressões adverbiais:

Lembrei da tragédia do desafortunado Adams e o ainda mais desafortunado Colt no escritório solitário deste último; e como o pobre Colt, sendo **maliciosamente provocado** por Adams, e **inocentemente** se permitindo ficar selvagemmente furioso, foi **levianamente** levado a cometer seu ato fatal – um ato que certamente nenhum homem poderia deplorar mais que o próprio autor. (p. 72, grifo nosso)

Ao invés de Colt se permitir ser “terrivelmente provocado” (*dreadfully incensed*), ele foi “maliciosamente provocado”. O termo “maliciosamente” implica a intenção de Adams em o provocar, conferindo o caráter de agente, ao invés de vítima. E ao invés de ser considerado imprudente (*imprudently permitting himself*) ao se deixar levar pelas provocações, Colt é considerado inocente. Ora, um imprudente pode o ser deliberadamente, enquanto um inocente é inimputável de qualquer culpabilidade. Ademais, ao invés de ser levado ao ato fatal inesperadamente e sem premeditação (*at unawares*), Colt é levado a cometer o crime “levianamente”, o que atesta sua inocência na opinião do advogado narrador. Acredita-se que, posto dessa maneira, o excerto reescreve levemente a linguagem de Melville para transparecer com mais força o caráter quase criminoso do seu narrador.

Em relação a *Bartleby*, pouquíssimas são as oportunidades oferecidas por Melville para lidar com seu discurso – segundo o discurso de seu personagem narrador, claro. *Bartleby* é um personagem de caráter fantástico, que confere à novela seu feitiço de outro mundo, com requintes de bizarro. Sendo um personagem típico de Melville, como afirmou Stern (2008, p. 24), que costuma amalgamar elementos fictícios para causar efeitos de deslocamento, descontinuidade de mundos, desproporção de confrontos<sup>23</sup>, *Bartleby* é um ponto à parte na narrativa e escassos momentos de fala são atribuídos a ele. Seu silêncio, inclusive, faz parte da narrativa e não podemos alterar isso sem riscos. Nos poucos momentos de fala de *Bartleby*, ele repete com frequência a sua famosa fórmula: “*I would prefer not to*”. Essa fórmula de *Bartleby*

<sup>23</sup> The mixing of characters from different worlds of fictive mode is a constant Melvillean technique and always accounts for the element of weirdness in his fiction. [...] And Melville’s typical characters are disconnected from the humanity of verisimilitude and the world of its realities.

parece, para Deleuze, uma má tradução de uma língua estrangeira, apesar de ele mesmo admitir que talvez seja a fórmula que entalha uma espécie de língua estrangeira dentro da língua (DELEUZE, 1997). Deleuze sugere aqui que o caráter estranho dessa fórmula de Bartleby se iguala à estranheza causada por uma tradução “malfeita”, e busquei essa estranheza na tradução proposta neste trabalho, mesmo que ela difira de qualquer outra.

A fórmula utilizada pelas traduções consultadas é uma oração completa: “prefiro não fazê-lo”. Há aí sujeito indicado pela desinência verbal, verbo e complemento do verbo. Na verdade, ironicamente, tem-se não apenas uma única oração completa, mas duas, pois o sujeito implícito “eu” está contido no verbo “prefiro”, que conta com um complemento, “não fazê-lo”, desenvolvido numa oração que, por sua vez, apresenta o verbo “fazer” no infinitivo, que não possui sujeito, mas possui complemento, um objeto direto, no caso, que está representado pelo pronome “o”. Ou seja, temos nas traduções disponíveis não apenas uma, mas duas orações completas, que deveriam equivaler a uma incompleta no texto fonte.

Portanto, minha tradução buscou obedecer ao estranhamento formulado por Deleuze (1997) e Agamben (1999) que estaria contido na oração sintaticamente incompleta do original, *I prefer not to*, traduzindo-a por uma oração igualmente estranha e sintaticamente incompleta: “prefiro não” ou “preferiria não”, dependendo do trecho. Aqui temos sujeito e verbo, mas não temos o complemento do verbo, que só é recuperável pelo contexto, e não pela sintaxe, diferente do que Tadeu (2015) bem argumentou em nota para sua tradução. Segundo ele:

A tradução aqui adotada tem a mesma função do original e expressa-lhe fielmente o sentido. Tal como em inglês, trata-se apenas de uma maneira oblíqua, evasiva e polida de expressar uma recusa. Bartleby poderia, se assim quisesse Melville, ter simplesmente respondido “I don’t want to”, usando exatamente o mesmo “to” anafórico, deixando órfãos os comentaristas da indeterminação. (TADEU, 2015, p. 122)

Além de omitir a interrupção sintática assinalada acima, o tradutor apenas não observou que não é o uso recorrente de uma expressão que necessariamente a qualifica como completa. A gramática normativa não absorve uma sentença como completa porque ela é usada assim. O tradutor, de fato, tem razão ao afirmar que é uma maneira polida usada para expressar uma recusa. Apenas não podemos esquecer que, usual ou não, comunicativa ou não, é uma frase *sintaticamente* incompleta. Devo esclarecer, novamente, que o aspecto pragmático não é a questão, muito menos ponho em xeque o propósito comunicativo ou literário de Melville. Apenas observo que a forma e o propósito comunicativo são âmbitos distintos e os “comentaristas da indeterminação” que Tadeu (2015) criticou se baseiam no âmbito sintático, formal, mas não no pragmático. Realmente, “se assim quisesse Melville”, poderia ter usado “*I don’t want to*” – mas não o quis. Melville escolheu a sintaxe e o verbo dessa expressão tão



emblemática para algum propósito, e ele escolheu uma frase com sintaxe incompleta. Assim, notando que seu caráter estranho, como apontado por Deleuze e Agamben, dentre outros, deveria estar presente na tradução, propus aqui reproduzir da melhor maneira o estranhamento que a “fórmula de Bartleby” apresenta no texto fonte. Fazendo assim, suponho também ter satisfeito mais uma vez o propósito hermenêutico do estranho no estrangeiro, como já argumentado no segundo capítulo deste trabalho.

Voltando à análise da fórmula, Bartleby a utilizou no equivalente ao futuro do pretérito (*I would prefer not to*) e no presente (*I prefer not to*). O mais próximo, seguindo o raciocínio sintático acima, seria “preferiria não”, no tempo verbal futuro do pretérito, que equivale ao uso de *would*. O uso do pretérito imperfeito, ao contrário, “preferia não”, remeteria ao registro oral, informal, que não é o objetivo da proposta deste trabalho, lembrando o alto registro formal atribuído ao narrador, através de cujo discurso se transcreve o discurso de Bartleby, corroborando assim para mais uma maneira de desvelar o discurso que Melville conferiu ao narrador. Para os casos do uso no presente, traduzi simplesmente por “prefiro não”. Em busca da incompletude, em suma, cortei o verbo “fazer” que se seguiria aqui de acordo com as outras traduções, para deixar a sintaxe incompleta.

Satisfaz-se aqui o estranhamento na tentativa de entalhar uma espécie de língua estrangeira dentro da língua, mantendo o status desconfortável da fórmula repetida por Bartleby, que é central em seu discurso e emblemático de sua resistência e subversão de valores éticos e sociais através da linguagem (ATTELL, 2013, p. 201). É o máximo de manipulação que se pode fazer em tão escassas oportunidades e acredito que o efeito vislumbrado por Melville no texto fonte foi reproduzido através dessa escolha tradutória.

Outra questão de escolha vocabular chama atenção em algumas versões brasileiras, que é a tradução de *dinner* por “almoço” num ponto, mas por “comida” ou “janta” em outro. Por que não traduzir da mesma forma? Há alguma diferenciação que os tradutores observaram, mas não discutiram? A única aparente diferença é o claro uso de *dinner* por Melville para uma refeição feita ao meio-dia no início da novela. Já na segunda ocorrência do termo, não há mais essa relação com o meridiano. Vejamos o texto fonte e algumas traduções para um comparativo:

In the morning, one might say, his face was of a fine florid hue, but after twelve o'clock, meridian—his **dinner** hour—it blazed like a grate full of Christmas coals;[...]. (p. 45, grifo nosso)

The round face of the grub-man peered upon me now. “His **dinner** is ready. Won't he **dine** today, either? Or does he live without **dining**?” (p. 83, grifo nosso)

Pela manhã, pode-se dizer, seu rosto tinha um alegre tom rosado. Entretanto, após o meio-dia – seu horário de **almoço** –, ele queimava como uma lareira repleta de brasas; [...]. (ZANON, 2011, s/p, grifo nosso)

O rosto redondo do homem-da-bóia estava me olhando agora. – A **comida** dele está pronta. Ele não vai **comer** hoje também? Ou ele vive sem **comer**? (ZANON, 2011, s/p, grifo nosso)

De manhã podíamos dizer que seu rosto apresentava um belo matiz rosado, mas, depois de bater meio-dia – sua hora de **almoço** – flamejava como uma grelha cheia de brasas do Natal, [...]. (LIMA, 2012, s/p, grifo nosso)

A face rubicunda do homem da boia surgiu perto de mim: – A **comida** dele está pronta. Será que hoje ele também não **janta**? Ou vive sem **comer**? (LIMA, 2012, s/p, grifo nosso)

Podia-se dizer que pela manhã seu rosto era rosado, mas depois de meio-dia, sua hora do **almoço**, parecia arder como uma lareira com carvões em brasa no Natal. [...] (LEMOS, 2017, s/p, grifo nosso)

— A **comida** dele está pronta. E também não vai **comer** hoje? Ou será que ele vive sem **comer**? (LEMOS, 2017, s/p, grifo nosso)

Em definições do termo *dinner*, dicionários apontam como sendo a refeição mais importante do dia, independente do horário, que parece ser o caso no texto de Melville. Mas também reforçam que, especialmente em acepções mais recentes do século XX e XXI, se trata de uma refeição feita à noite ou tardinha. Os tradutores certamente acertaram em encaixar o vocábulo às acepções mais próximas ao leitor contemporâneo. Mesmo assim, podemos raciocinar que, como o fuso horário de Nova Iorque geralmente está cinco horas atrasado em relação ao de Londres, o meio-dia americano coincide praticamente com a hora do jantar nas terras de Turkey, que tem seu caráter britânico destacado por Melville exatamente no mesmo trecho. Dessa forma, julgo que esse contexto de caracterizar um personagem estrangeiro com uma observação sobre seu horário de refeições permite a interpretação aqui escolhida para o termo *dinner*. Notemos que Melville realmente fez questão de apontar como sendo a hora do jantar de Turkey, “*his dinner hour*” (p. 45, grifo nosso), e não um genérico e objetivo “*dinner hour*”, sem esse pronome possessivo. Assim, pude manipular levemente o termo para salientar o caráter do personagem como um estrangeiro, estranho por viver em outro fuso. Com essa escolha em alterar a refeição do meio-dia com a desculpa de se viver em outro fuso, pude manter a coerência traduzindo *dinner* por “janta” em todos os pontos da novela, independente do horário – mesmo que divergindo respeitosamente das outras traduções apresentadas acima.

Sobretudo, a escolha aqui proposta corrobora mais uma vez com a tarefa hermenêutica de se pensar numa tradução que transpareça o estrangeiro, o estranho. Afinal, falar em jantar ao meio-dia no português brasileiro provoca no leitor contemporâneo o desejado estranhamento – que o atual leitor americano também poderia experienciar com a leitura de Melville, inclusive – e que leva à reflexão sobre o caráter estrangeiro do texto e que provoca retraduições futuras, como já visto nas colaborações da HT no segundo capítulo.

Já em relação à livre manipulação do discurso de Melville, na presente proposta de tradução, a fim de mais uma vez transparecer um narrador mais cínico e menos confiável em seus relatos, temos algumas situações, das quais podemos destacar o momento em que o narrador dispensa descrição do funeral de Bartleby:

There would seem little need for proceeding further in this history. Imagination will readily supply the **meagre recital** of **poor Bartleby's** interment. (p. 84)

As traduções consultadas trazem o tom de dó, de pena, que Melville acrescentou ao discurso do narrador no trecho acima, como vemos a seguir:

Parece desnecessário dar prosseguimento a essa história. A imaginação fornece prontamente a **imagem miserável** do enterro de Bartleby. (ZANON, 2011, s/p)

Não parece ser necessário levar mais adiante esta história. A imaginação facilmente suprirá o **diminuto relato** do enterro do **pobre Bartleby**. (LIMA, 2012, s/p)

Não há muita necessidade de dar sequência à história. A imaginação dará conta sem qualquer prejuízo do **discurso sem brilho** que antecedeu o **pobre enterro** de Bartleby. (GAMBAROTTO, 2014, s/p)

Parece não haver muita necessidade de continuar com essa história. A imaginação prontamente fornecerá o **parco relato** do enterro do **pobre Bartleby**. (TADEU, 2015, s/p)

Não haveria necessidade de continuar esta história. A imaginação poderia suprir com facilidade o **relato inadequado** do enterro do **pobre Bartleby**. (HIRSCH, 2017, s/p)

Creio que não haveria necessidade de continuar com esta história. A imaginação pode suprir facilmente o **relato exíguo** do enterro do **pobre Bartleby**. (LEMONS, 2017, s/p)

Decidi, no entanto, aproveitar a oportunidade e distorcer o tom de compaixão para tentar transformar em nojo burguês, com o mesmo intuito de reescrever o narrador de Melville com mais cinismo:

Parecia sem necessidade proceder com a história. A imaginação prontamente proverá o **mediocre relato** do enterro de **um indigente feito Bartleby**. (p. 84)

A escolha tradutória proposta deliberadamente altera o escopo do vocábulo *poor* em inglês, que se relaciona com dó, pena, ou compaixão no texto fonte. Decidi pender para o lado socioeconômico, beirando o insulto. Assim, penso ter contribuído para a aura de cinismo e indiferença no personagem narrador diante da morte de Bartleby, mesmo que subvertendo as intenções de Melville. É importante observar que nessa empreitada de manipulação do discurso do autor para reforçar o caráter negativo do narrador, acabamos conferindo a Bartleby um caráter menos estranho, já que, segundo a já mencionada análise de Leone (2011), se o discurso do narrador for confiável, Bartleby será estranho, mas se o discurso do narrador for duvidoso, Bartleby se torna um homem normal, vítima de um chefe insensível.

Ainda no sentido de construção dessa dúvida no discurso do narrador de Melville, criei uma ambiguidade que não havia em outro trecho da obra:

He remained as ever, a fixture in my chamber. **Nay**—if that were possible—he became still more of a fixture than before. (p. 68, grifo nosso)

Ao invés de manter o advérbio de negação, escolhi usar o verbo “mentir”, uma vez que ele serve também como expressão que reformula o enunciado, como fariam as expressões “ou melhor” e “digo”:

Era agora, mais do que nunca, parte integrante do meu escritório. **Minto** – se isso fosse possível – tornou-se uma peça ainda mais fixa que antes. (p. 68, grifo nosso)

Posto dessa forma, o que o advogado consideraria impossível: Bartleby tornar-se parte do escritório ou ele (o narrador) ser capaz de mentir? A ambiguidade surge na dúbia referência do demonstrativo “isso”, que pode remeter-se ao enunciado anterior ou ao agora incluso verbo “mentir”. Divergimos aqui, mais uma vez, das traduções analisadas, mas em busca dessa tradução enviesada, em busca de traduzir a novela que ela veio a se tornar após as críticas dos séculos seguintes e não a novela que ela parecia ser na época de sua primeira publicação.

Assim, feitos os comentários sobre o resultado obtido, resta tecer as considerações finais sobre o trabalho e as possíveis contribuições.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propus uma nova tradução para a novela de Herman Melville que suscitou tanta crítica em vertentes literárias, filosóficas, psicanalíticas, sociais, dentre outras, que aprimoraram o olhar receptor da narrativa e que não poderiam mais ser deixadas de lado. Afinal, não se pode negar que a experiência da leitura de uma obra literária, em especial uma obra tão versátil quanto esta, revela-se uma experiência não só individual, mas coletiva à medida que as leituras alheias adicionam percepções diversas e somativas. Quanto mais o será uma tradução? Dessa forma, como metodologia para justificar essa retradução, sendo uma obra que já possui traduções relativamente recentes no português brasileiro, apresentei o ponto de vista da Hermenêutica da Tradução (*Translational Hermeneutics*), com sua noção de círculo hermenêutico que prevê a necessidade de uma contínua incursão de leitores e tradutores para proporcionar a persistência, ou sobrevida, de um texto. O aporte hermenêutico também forneceu modelos tradutórios que busquei seguir nesse processo de tradução, como a visibilização do caráter estrangeiro da obra e a percepção do texto como mais que um objeto, como um aglomerado abstrato de recepções e contribuições dos sujeitos que o acessaram, que o constituem e que cuja “fiscalidade” pode ser realizada através dos processos de reescrita, como a tradução, uma vez que o texto “original” se mantém estático em sua forma (mas não imóvel, como já apontado por Borges e lembrado neste trabalho).

Quer tenhamos atingido esses resultados satisfatoriamente ou não, o mero movimento de incursão em uma outra língua – utilizando a metáfora belicosa de Steiner – em um outro sistema literário em busca de compreensão do “outro”, com a “coragem” necessária para retornar ao vernáculo e apresentar o insumo em forma de um novo texto, já parece um esforço proveitoso por si. O fato de esse ato ser passível de julgamento pelos pares também conta como contribuição, nem que seja para ter ressuscitado a discussão sobre a obra de Melville ou para ter trazido de volta à tona um texto tão carregado de significação, com um personagem tão cheio de coisas a dizer, mesmo que com suas frases incompletas ou com seu silêncio.

É gratificante compartilhar mais uma vez, dentre uma miríade de outros aspectos, as lições (ou críticas?) que Melville repassou através de Bartleby, um personagem que ensina a fazer muito escolhendo apenas não fazer nada. Afinal, parafraseando O’Keeffe mais uma vez, o processo tradutório implica numa curiosa suposição que, apesar das diferenças, todos os textos falam o mesmo idioma, o da significação, e que toda e qualquer tentativa de tradução, mesmo que malsucedida, será bem-sucedida mediante os esforços de entender e articular aquele idioma.

Por fim, este trabalho se apresentou como uma semente para pesquisas no sentido de analisar as traduções da novela mais intrigante de Melville e buscar entender os discursos do narrador no texto em inglês e nas traduções. Há também a possibilidade de contribuição de pesquisas que sigam os questionamentos iniciais sobre o mercado editorial nacional, especialmente o relativo às traduções e retraduições de clássicos e seu público. Ademais, a presente pesquisa também suscitou a importância de uma maior sistematização da atitude do tradutor hermenêutico, de modo que se possa reproduzir nos moldes científicos uma tradução segundo parâmetros observáveis, em busca da tão visada comprovação da qual reclamam os críticos da Hermenêutica da Tradução. E que a nossa singela tentativa de uso da HT para fundamentar uma tradução comentada sirva de pontapé inicial para novos trabalhos de cunho prático que abram mais caminhos para sua difusão e popularização.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Bartleby, or on contingency. *In*: AGAMBEN, Giorgio (ed.). **Potentialities**: collected essays in Philosophy. Tradução de Daniel Heller-Roazen. Stanford: Stanford University Press, 1999. p. 243-271.
- ARSIĆ, Branka. **Passive constitutions**: 7½ times Bartleby. Stanford: Stanford University Press, 2007.
- ATTELL, Kevin. Language and labor, silence and stasis: Bartleby among the philosophers. *In*: FRANK, Jason (ed.). **A political companion to Herman Melville**. Lexington: The University Press of Kentucky, 2013. p. 194-228.
- BENEDETTI, Mario. Cuento, nouvelle y novela: tres géneros narrativos. *In*: BENEDETTI, Mario. **Sobre artes y oficios**: ensayo. Montevideu: Editorial Alfa, 1968. p. 14.
- BORGES, Jorge Luis. Apresentação. *In*: MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão**. 2. ed. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017. p. 32-67. E-book.
- BORGES, Jorge Luis. Las versiones homéricas. *In*: FRÍAS, Carlos V. (ed.). **Obras completas**. 14. ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 1984.
- CERCEL, Larissa; STOLZE, Radegundis; STANLEY, John (ed.). Hermeneutics as a research paradigm. *In*: CERCEL, Larisa (ed.). **Translational hermeneutics**: the first symposium. Bucareste: Zeta Books, 2015. p. 17-40.
- COSTA, Walter Carlos. Borges tradutor de *Bartleby*, de Melville. **Fragmentos**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 89-95, jul./dez. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/6040/5610>. Acesso em: 19 abr. 2020.
- DELEUZE, Gilles. Bartleby; or, the formula. *In*: DELEUZE, Gilles. **Essays critical and clinical**. Tradução de Daniel W. Smith e Michael A. Greco. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1997. p. 68-90.
- EMERSON, Ralf Waldo. **Ensaio**s. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1966.
- FREITAS, Luana Ferreira de; COSTA, Walter Carlos. A sentimental journey em tradução: pontuação e notas. *In*: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). **Literatura traduzida**: tradução comentada e comentários de tradução. Fortaleza: Substância, 2017. p. 37-58. (Transletras). Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/40935>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- GLOUBERMAN, Susan Tannenbaum. **Bartleby, the scrivener**: a critical analysis. 1980. 79 f. Dissertação (Master of Arts) – Department of English, McGill University, Montreal, 1980.

GREENBERG, Jonathan D. **Occupy Wall Street's debt to Melville**. [S. l.], 2012. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2012/04/occupy-wall-streets-debt-to-melville/256482/>. Acesso em: 27 set. 2020.

HERMANS, Theo. The translator's voice in translated narrative. **Target International Journal of Translation Studies**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 23-48, 1996. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1075/target.8.1.03her>. Acesso em: 10 set. 2020.

HIRSCH, Irene. Translations of Herman Melville in Brazil. **Crop**, São Paulo, v. 6, p. 129-142, 2001.

KLEIN, Lauren. **What Bartleby can teach us about occupy Wall Street**. [Palo Alto], 2011. Disponível em: <https://arcade.stanford.edu/blogs/what-bartleby-can-teach-us-about-occupy-wall-street>. Acesso em: 27 set. 2020.

LACAN, Jacques. **Ecrits: a selection**. Tradução de Alan Sheridan. Nova Iorque: Routledge, 2001.

LACAN, Jacques. **The four fundamental concepts of psychoanalysis**. 2. ed. Tradução de Alan Sheridan. Nova Iorque: Norton, 1998.

LEONE, Leah. Voice Distortion: character narration in Borges's translation of Herman Melville's "Bartleby". **Variaciones Borges**, Pittsburgh, v. 1, n. 31, p. 137-159, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24881201?seq=1>. Acesso em: 22 mar. 2020.

MACCANNELL, Juliet Flower. **Figuring Lacan: criticism and the cultural unconscious**. Nova Iorque: Routledge, 2014.

MACHOR, James L. The American reception of Melville's short fiction in the 1850s. *In*: GOLDSTEIN, Philip; MACHOR, James L. (ed.). **New directions in American reception study**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008. p. 87-98.

MARIOTTI, Shannon L. Melville and the cadaverous triumphs of transcendentalism. *In*: FRANK, Jason (ed.). **A political companion to Herman Melville**. Lexington: The University Press of Kentucky, 2013. p. 162-193.

MCCALL, Dan. **Melville's short novels**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2002.

MCCALL, Dan. **The silence of Bartleby**. Londres: Cornell University Press, 1989. 214 p.

MELVILLE, Herman. Bartleby. *In*: MELVILLE, Herman. **The piazza tales**. [S. l.] Amazon classics, 2018. 252 p. (Amazon Classics Edition).

NEGRI, Antonio. **The savage anomaly: the power of Spinoza's metaphysics and politics**. 3. ed. Tradução de Michael Hardt. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1991.



O'KEEFFE, Brian. Prologue to a hermeneutic approach to translation. *In*: CERCEL, Larisa (ed.). **Translational hermeneutics**: the first symposium. Bucareste: Zeta Books, 2015. p. 145-176.

ROLLYSON, Carl; PADDOCK, Lisa; GENTRY, April. **Critical companion to Herman Melville**: a literary reference to his life and work. Nova Iorque: Facts On File, 2007.

ROSS, Virginia Elaine. **The subject and the truth of the author**: the dialectic of the lacanian subject in Herman Melville's "Bartleby, the scrivener". 2000. 216 f. Tese (PhD in Arts) – Department of English, Northern Illinois University, DeKalb, 2000.

STEFANINK, Bernd; BALACESCU, Ioana. The hermeneutical approach in translation studies. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 21-52, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2017v37n3p21>. Acesso em: 4 abr. 2020.

STEINER, George. **After Babel**: aspects of language and translation. 3. ed. New Y: Open Road Integrated Media, 1998. 575 p.

STERN, Milton R. Towards 'Bartleby, the scrivener'. *In*: BLOOM, Harold (ed.). **Herman Melville**: new edition. New York: Infobase Publishing, 2008. p. 13-38. (Bloom's Modern Critical Views).

STOLZE, Radegundis. **Hermeneutik und translation**. Tubinga: Narr, 2003.

THOMPSON, Graham. "Bartleby" and the magazine fiction. *In*: LEVINE, Robert S. (ed.). **The new Cambridge companion to Herman Melville**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 99-112.

WARDLE, Mary. Eeny, meeny, miny, moe: the reception of retranslations and how readers choose. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, v. 39, n. 1, p. 216-238, jan./abr. 2019.